Dante Alighieri

A Divina Comédia

Inferno

Tradução em prosa
por Helder. da Rocha

Dante Alighieri

A Divina Comédia

Inferno

Adaptação em prosa
por Helder da Rocha

Contato através do site: *http://www.helderdarocha.com.br*

Ilustrações de domínio público: *8 gravuras por Gustave Doré (séc. XIX) extraídas de sítios na Internet (veja bibliografia no final) e 8 do livro* Doré's Illustrations for Dante's Divine Comedy*, Dover, New York, 1995. 3 pinturas de Sandro Botticelli (séc. XV) e 2 pinturas de William Blake (séc. XIX) extraídos de sítios na Internet (veja bibliografia). 2 imagens adquiridas (para uso limitado) da Corbis Image Collections Inc. Imagens de Rossetti e Delacroix.*

Outras ilustrações, editoração e capa: o tradutor.

Revisão: *este texto ainda não foi amplamente revisado por leitores (aceito e agradeço sugestões de melhoramentos, indicação de erros).*

Ficha Catalográfica:

Dante Alighieri, 1265-1321.

D192i A divina comédia: inferno / Dante Alighieri. Versão em prosa, notas, ilustrações e introdução por Helder L. S. da Rocha. Ilustrações de Gustave Doré, Sandro Botticelli e William Blake. – São Paulo, 1999.

260 p.

1. Dante Alighieri (1265-1321) – Poeta florentino (Itália). 2. Literatura italiana séculos XIII e XIV – Poesia. 3. Inferno. I. Rocha, Helder Lima Santos da, 1968-. II. Doré, Gustave, 1832-1883. III. Botticelli, Sandro, 1445-1510. IV. Blake, William, 1757-1827. V. Título.

CDD 851.1

Dedico esta tradução à minha amiga
Luciana Albuquerque Prado

Deixai toda esperança ó vós que entrais.

Inferno 3:9

Índice

Nota: a parte central do livro (210 páginas com a história e as notas) forma um bloco à parte. Sua numeração difere das outras seções.

Prefácio

Este volume contém uma versão em prosa do *Inferno*, o primeiro dos longos poemas que formam a *Divina Comédia* – obra-prima do poeta florentino Dante Alighieri, escrita em italiano, no início do século XIV. Em 100 capítulos, chamados de *cantos*, a obra narra a viagem do seu autor pelo *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*. Os 34 primeiros capítulos, que contam em detalhes a viagem pelo *Inferno*, estão neste volume.

Esta versão da *Divina Comédia* é uma adaptação em prosa. Para compor esta versão foram consultadas traduções em verso e em prosa, para o inglês e o português, além do texto original em italiano. Essas obras, além de outras fontes consultadas estão listadas no final deste livro.

Conhecer os personagens históricos e mitológicos é essencial para compreender o sentido alegórico da *Divina Comédia*. Para isto foram organizadas notas explicativas com informações obtidas em enciclopédias, notas de tradutores e sítios na Internet.

Todo o conteúdo deste livro pode ser encontrado na Internet, junto com o poema em italiano, pesquisa interativa por palavra-chave, referências cruzadas para as notas e mais imagens. O endereço é 'http://www.stelle.com.br/'. Esta edição não é definitiva e poderá ser alterada ou corrigida sem prévio aviso.

Helder L. S. da Rocha

São Paulo, setembro de 1999.

Introdução à Divina Comédia

A *Divina Comédia* é a obra prima de Dante Alighieri, que a iniciou provavelmente por volta de 1307, concluindo-a pouco antes de sua morte (1321). Escrita em italiano, a obra é um poema narrativo rigorosamente simétrico e planejado que narra uma odisséia pelo *Inferno*, *Purgatório* e *Paraíso*, descrevendo cada etapa da viagem com detalhes quase visuais. Dante, o personagem da história, é guiado pelo inferno e purgatório pelo poeta romano Virgílio, e no céu por Beatriz, musa em várias de suas obras.

O poema possui uma impressionante simetria matemática baseada no número três. É escrito utilizando uma técnica original conhecida como *terza rima*, onde as estrofes de dez sílabas, com três linhas cada, rimam da forma ABA, BCB, CDC, DED, EFE, etc. Ou seja, a linha central de cada terceto controla as duas linhas marginais do terceto seguinte. Veja um exemplo (primeiras estrofes do *Inferno*):

1	Nel mezzo del cammin di nostra vita	A
2	mi ritrovai per una selva os**cura**	B
3	ché la diritta via era smarrita.	A
4	Ahi quanto a dir qual era è cosa d**ura**	B
5	esta selva selvaggia e aspra e f**orte**	C
6	che nel pensier rinova la pa**ura**!	B
7	Tant'è amara che poco è più m**orte**;	C
8	ma per trattar del ben ch'i' vi trov**ai**,	D
9	dirò de l'altre cose ch'i' v'ho sc**orte**.	C
10	Io non so ben ridir com'i' v'intr**ai**,	D
11	tant'era pien di sonno a quel punto	E
12	che la verace via abbandon**ai**.	D

Ao fazer com que cada terceto antecipe o som que irá ecoar duas vezes no terceto seguinte, a *terza rima* dá uma impressão de movimento ao poema. É como se ele iniciasse um processo que não poderia mais parar. Através do desenho abaixo pode-se ter uma visão mais clara do efeito dinâmico da poesia:

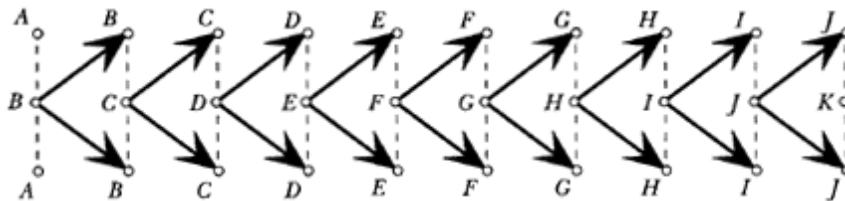



Diagrama representando o esquema poético da *Divina Comédia* (*terza rima*). As letras representam o som das últimas sílabas de cada verso das estrofes de três sílabas (tercetos). Ilustração de D. Hofstadter retirada do seu livro *Le Ton Beau de Marot.*

Os três livros que formam a *Divina Comédia* são divididos em 33 cantos cada, com aproximadamente 40 a 50 tercetos, que terminam com um verso isolado no final. O *Inferno* possui um canto a mais que serve de introdução a todo o poema. No total são 100 cantos. Os lugares descritos por cada livro (o inferno, o purgatório e o paraíso) são divididos em nove círculos cada, formando no total 27 (3 vezes 3 vezes 3) níveis. Os três livros *rimam* no último verso, pois terminam com a mesma palavra: *stelle*, que significa "estrelas".

Dante chamou a sua obra de *Comédia.* O adjetivo "Divina" foi acrescido pela primeira vez em uma edição de 1555.

A *Divina Comédia* exerceu grande influência em poetas, músicos, pintores, cineastas e outros artistas nos últimos 700 anos. Desenhistas e pintores como Gustave Doré, Sandro Botticelli, Salvador Dali, Michelangelo e William Blake estão entre os ilustradores de sua obra. Várias esculturas de Auguste Rodin ilustram cenas do

Inferno de Dante como *Paolo e Francesca (O Beijo)*, *Ugolino e seus filhos* e a famosa *Porta do Inferno*. Os compositores Robert Schumann e Gioacchino Rossini traduziram partes da *Comédia* para música e o compositor húngaro Franz Liszt utilizou-a como tema de um de seus poemas sinfônicos.

H.R.

Dante e seus Poemas por Domenico di Michelino (1460). A ilustração mostra Dante, ao centro, com a *Divina Comédia*. O *Inferno* está à sua direita. A montanha do *Purgatório* está ao fundo. Acima, o céu – o *Paraíso*. Reprodução autorizada pela *Corbis Image Collections*.

Dante Alighieri

Dante Alighieri nasceu em Florença em 1265 de uma família da baixa nobreza. Sua mãe morreu quando era ainda criança e seu pai, quando tinha dezoito anos.

Pouco se sabe sobre a vida de Dante e a maior parte das informações sobre sua educação, sua família e suas opiniões são geralmente meras suposições. As especulações sobre a sua vida deram origem à vários mitos que foram propagados por seus primeiros biógrafos, dificultando o trabalho de separar o fato da ficção. Pode-se encontrar muita informação em suas obras, como na *Vida Nova* (*La Vita Nuova*) e na *Divina Comédia* (*Commedia*).

Na *Vida Nova* Dante fala de seu amor platônico por Beatriz (provavelmente Beatrice Portinari), que encontrara pela primeira vez quando ambos tinham 9 anos e que só voltaria a ver 9 anos mais tarde, em 1283. Nos tempos de Dante, o casamento era motivado principalmente por alianças políticas entre famílias. Desde os 12 anos, Dante já sabia que deveria se casar com uma moça da família Donati. A própria Beatriz, casou-se em 1287 com o banqueiro Simone dei Bardi e isto, aparentemente, não mudou a forma como Dante encarava o seu amor por ela. Provavelmente em 1285, Dante casou-se com Gemma Donati com quem teve pelo menos três filhos. Uma filha de Dante tornou-se freira e assumiu o nome de Beatrice.

Em 1290, Beatriz morreu repentinamente deixando Dante inconsolável. Esse acontecimento teria provocado uma mudança ra-

dical na sua vida o levando a iniciar estudos intensivos das obras filosóficas de Aristóteles e a dedicar-se à arte poética.

Dante foi fortemente influenciado pelos trabalhos de retórica e filosofia de Brunetto Latini – um famoso poeta que escrevia em italiano (e não em latim, como era comum entre os nobres), tendo também se beneficiado da amizade com o poeta Guido Cavalcanti – ambos mencionados na sua obra. Pouco se sabe sobre sua educação. Segundo alguns biógrafos, é possível que tenha estudado na universidade de Bologna, onde provavelmente esteve em 1285.

A Itália no tempo de Dante estava dividida entre o poder do papa e o poder do Sagrado Império Romano. O norte era predominantemente alinhado com o imperador (que podia ser alemão ou italiano) e o centro, com o papa (veja mapa).

Regiões e cidades da Itália mencionadas por Dante em sua obra.

A Itália, porém, não era um império coeso. Não havia um único centro de poder. Havia vários, espalhados pelas cidades, que funcionavam como estados autônomos e seguiam leis e costumes próprios. Nas cidades era comum haver disputas de poder entre grupos opositores, o que freqüentemente levava a sangrentas guerras civis. Florença era, na época, uma das mais importantes cidades da Europa, igual em tamanho e importância a Paris, com uma população de mais de 100 mil habitantes e interesses financeiros e comerciais que incluíam todo o continente.

A política nas cidades representava os interesses de famílias. A afiliação era hereditária. A família de Dante pertencia a uma facção política conhecida como os *guelfos* (*Guelfi*) – representados pela baixa nobreza e pelo clero – que fazia oposição a um partido conhecido como os *guibelinos* (*Ghibellini*) – representantes da alta nobreza e do poder imperial. Os nomes dos dois grupos eram originários de partidos alemães, porém os ideais políticos eram um mero pretexto para abrigar famílias rivais. Florença se dividiu em guelfos e guibelinos quando um jovem da família Buondelmonti não cumpriu uma promessa de casamento com uma moça da família Amadei e foi assassinado. As famílias da cidade tomaram partido por um lado ou por outro e Florença se dividiu em guelfos e guibelinos.

Dante nasceu em uma Florença governada pelos guibelinos, que haviam tomado a cidade dos guelfos na sangrenta batalha conhecida como Montaperti (monte da morte), em 1260. Em 1289, Dante lutou com o exército guelfo de Florença na batalha de Campaldino, onde os florentinos venceram os exércitos guibelinos de Pisa e Arezzo, e recuperaram o poder sobre a cidade.

Na época de Dante, o governo da cidade era exercido por representantes eleitos de corporações de operários, artesãos, profissi-

onais, etc. chamadas de *guildas*. Dante se inscreveu na guilda dos médicos e farmacêuticos e disputou as eleições em Florença, tendo sido eleito em 1300 como um dos seis priores (presidentes) do Conselho da Cidade.

A maior parte do poder em Florença estava então nas mãos dos guelfos – opositores do poder imperial. Mas o partido em pouco tempo dividiu-se em duas facções. A causa foi novamente uma rixa entre famílias, desta vez, *importada* da cidade de Pistóia. Os Cancellieri era uma grande família de Pistóia, descendentes de um mesmo pai que tivera, durante sua vida, duas esposas. A família Cancellieri dividiu-se quando um membro desajustado da família assassinou o tio e cortou a mão do primo. Os descendentes da primeira esposa do Cancellieri, que se chamava Bianca, decidiram se apelidar de *Bianchi*. Os rivais, que defendiam o jovem assassino, se apelidaram de *Neri* (negros) em espírito de oposição. A briga tomou conta de Pistóia e a cidade acabou sofrendo intervenção de Florença, que levou presos os líderes dos grupos rivais. Mas as famílias de Florença não demoraram a tomar partido e, por causa de uma briga de rua, a divisão se espalhou pela cidade, dividindo os guelfos em *negros* e *brancos*.

Depois de criados, os partidos assumiram posições políticas. Os guelfos brancos, moderados, respeitavam o papado mas se opunham à sua interferência na política da cidade. Já os guelfos negros, mais radicais, defendiam o apoio do papa contra as ambições do imperador, que era apoiado pelos guibelinos.

Os priores de Florença (entre eles Dante) viviam em constante atrito com a igreja de Roma que, sob o governo do papa Bonifácio VIII, pretendia colocar toda a Itália sob a ditadura da igreja. Em um dos encontros com o papa, onde os priores foram reclamar da interferência da igreja sobre o governo de Florença, Bonifácio respondeu

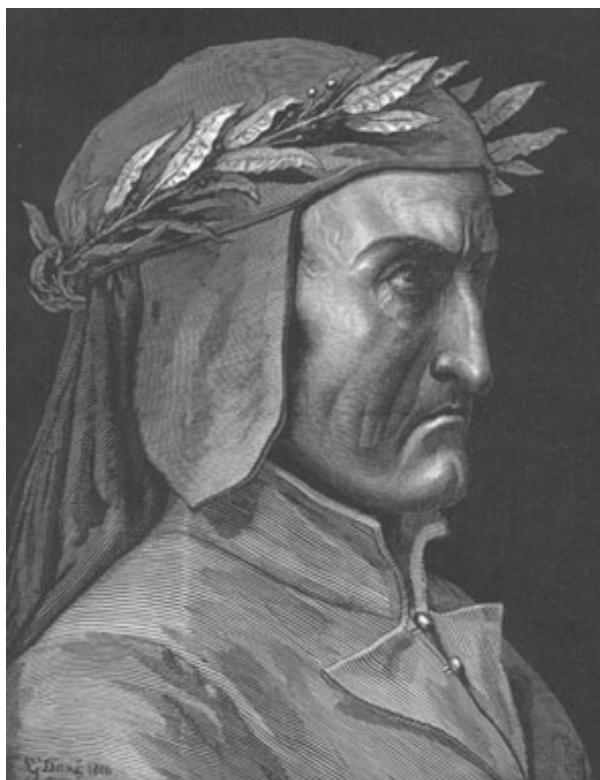
ameaçando excomungá-los. A briga entre os *Neri* e *Bianchi* tornou-se cada vez mais intensa durante o mandato de Dante até que ele teve que ordenar o exílio dos líderes de ambos os lados para preservar a paz na cidade. Dante foi extremamente imparcial, incluindo, entre os exilados, um dos seus melhores amigos (Guido Cavalcanti) e um parente de sua esposa (da família Donati).

No meio da confusão entre os guelfos de Florença, o papa decidiu enviar Carlos de Valois (irmão do rei Felipe da França) como pacificador para acabar com a briga entre as facções. A suposta ajuda, porém, revelou ser um golpe dos *Neri* para tomar o poder. Eles ocuparam o governo de Florença e condenaram vários *Bianchi* ao exílio e à morte. Dante foi culpado de várias acusações, entre elas corrupção, improbidade administrativa e oposição ao papa. Foi banido da cidade por dois anos e condenado a pagar uma alta multa. Caso não pagasse, seria condenado à morte se algum dia retornasse a Florença.

Dante no Exílio. Anônimo. Archivo Iconográfico S.A., Itália. Reprodução autorizada por *Corbis Image Collections*.

No exílio, Dante aproximou-se mais da causa dos guibelinos (o império), à medida em que a tirania do papa aumentava. Ele passou o seu exílio em Forlì, Verona, Arezzo, Veneza, Lucca, Pádua (e também provavelmente em Paris e Bologna). Em 1315 voltou a Verona e dois anos depois fixou-se em Ravenna. Suas esperanças de voltar a Florença retornaram depois que o sucessor de Bonifácio VIII chamou à Itália o imperador Henrique VII. O objetivo de Henrique VII era reunir a Itália sob seu reinado. Porém a traição do papa, que ainda alimentava a idéia de ter um império próprio, seguida por uma nova vitória dos *Neri* e a morte de Henrique VII três anos depois enterraram de vez as suas esperanças.

Na obra *La Vita Nuova*, seu primeiro trabalho literário de importância, iniciado pouco depois da morte de Beatriz, Dante narra a história do seu amor por Beatriz na forma de sonetos e canções complementadas por comentários em prosa. Durante o seu exílio Dante escreveu duas obras importantes em latim: *De Vulgari Eloquentia*, onde defende a língua italiana, e *Convivio*, incompleto, onde pretendia resumir todo o conhecimento da época em 15 livros. Apenas os quatro primeiros foram concluídos. Escreveu também um tratado: *De Monarchia*, onde defendia a total separação entre a Igreja e o Estado. A *Commedia* consumiu 14 anos e durou até a sua morte, em 1321, ocorrida pouco após a conclusão do *Paraíso*. Cinco anos antes de sua morte, foi convidado pelo governo de Florença a retornar à cidade. Mas os termos impostos eram humilhantes, semelhantes àqueles reservados à criminosos perdoados e Dante rejeitou o convite, respondendo que só retornaria se recebesse a honra e dignidade que merecia. Continuou em Ravenna, onde morreu e foi sepultado com honras.

H.R.

Retrato de Dante Alighieri. *Ilustração de Gustave Doré (séc. XIX).*

Introdução ao Inferno

O *Inferno* relata uma odisséia pelo mundo subterrâneo para onde se dirigem após a morte, segundo a crença cristã, aqueles que pecaram e não se arrependeram em vida. A viagem, relatada em 4720 versos rimados em tercetos, é realizada pelo próprio Dante guiado pelo espírito de Virgílio – famoso poeta romano dos tempos de Júlio César.

A geografia do mundo e do reino dos mortos reflete as crenças vigentes na Idade Média. A terra, esférica, era o centro do Universo segundo a cosmologia de Ptolomeu. Três continentes eram conhecidos: Ásia, África e Europa, e acreditava-se que eles ocupavam somente um dos hemisférios do planeta. Todo o hemisfério oposto era coberto de água. Na mitologia de Dante, a única exceção era o pólo oposto à cidade de Jerusalém, que ficava no meio do oceano. Lá havia uma ilha em cujo centro despontava uma única e altíssima montanha – o monte do *Purgatório*.

Além das crenças cristãs da época, o poema de Dante também foi influenciado por vários outros poemas épicos que precederam a *Comédia*. Monstros avernais e outras figuras mitológicas gregas e romanas que apareceram nas obras de Homero, Virgílio e Ovídio, ressurgem no *Inferno* de Dante ora como condenados ora como seres responsáveis pelo funcionamento de algum "serviço" mantido no reino de Lúcifer.

A viagem narrada pelo poema acontece na semana santa do ano de 1300. Naquela época, Dante era um atuante político florentino prestes a ser eleito dois meses depois, como um dos priores (governadores) da cidade de Florença. Porém, em menos de um ano, Dante foi exilado e expulso da cidade. O *Inferno*, escrito no exílio, faz referência a vários fatos históricos que aconteceram antes e depois de 1300. Os fatos futuros são profetizados pelas almas condenadas.

Para compreender o *Inferno* de Dante é preciso conhecer um pouco da política de Florença e das crenças e costumes da Idade Média. É importante também conhecer a vida de Dante, suas atividades e os motivos do seu exílio. Isto é apresentado na seção seguinte, que contém uma pequena biografia do poeta.

Em várias partes do seu texto, Dante menciona personalidades pelo apelido ou pelo primeiro nome. A maior parte dessas pessoas eram conhecidas pela população da Itália na sua época. Hoje, 700 anos depois, é impossível saber quem era 'Buoso' ou 'Francesco' sem consultar as notas dos primeiros *dantólogos* como Boccaccio e Andrea Lancia (*Ottimo Commento*). As notas explicativas, compiladas a partir de diversas fontes, aparecem nesta edição em cada página à esquerda enquanto o texto flui nas páginas à direita. As notas também contém interpretações de símbolos do *Inferno*. Algumas interpretações são bastante interessantes e até esclarecedoras mas é preciso lembrar que não fazem parte da obra original. Refletem a opinião (e a imaginação) do autor da explicação e não a de Dante, uma vez que ele não fez anotações sobre os poemas da *Comédia*.

H.R.

Índice do Inferno

Na seção central deste livro, a numeração das páginas do lado direito e do lado esquerdo é a mesma. Todo o texto flui nas páginas à direita. Nas páginas à esquerda estão localizadas, para fácil consulta, notas explicativas sobre personagens, localidades e símbolos que aparecem no texto à direita.

Inferno

Índice por pecado

Os *cantos* a seguir estão organizados de acordo com os pecados (grifados) e o círculo do inferno onde são punidos (entre parênteses). O inferno de Dante divide-se em dez regiões (nove círculos internos e uma área externa). Os círculos mais profundos dividem-se ainda mais: o sétimo divide-se em três, o oitavo em dez e o nono em quatro. Ao todo, são 24 regiões.

Fraude simples (pecados da loba)

Fraude complexa (traição)

Índice de ilustrações

Inferno

Dante perdido na selva escura. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Canto I

Quando eu me encontrava na metade do caminho de nossa vida, me vi perdido em uma selva escura, e a minha vida não mais seguia o caminho certo. Ah, como é difícil descrevê-la! Aquela selva era tão selvagem, cruel, amarga, que a sua simples lembrança me traz de volta o medo. Creio que nem mesmo a morte poderia ser tão terrível. Mas, para que eu possa falar do bem que dali resultou, terei antes que falar de outras coisas, que do bem, passam longe.

Eu não sei como fui parar naquele lugar sombrio. Sonolento como eu estava, devo ter cochilado e por isso me afastei da via verdadeira. Mas, ao chegar ao pé de um monte onde começava a selva que se estendia vale abaixo, olhei para cima e vi aquela ladeira coberta com os primeiros raios do Sol. A cena trouxe luz à minha vida, afastou de vez o medo e me deu novas esperanças. Decidi então subir aquele monte. Olhei para trás uma última vez, para aquela selva que nunca deixara uma alma viva escapar, descansei um pouco, e depois, iniciei a escalada.

Eu havia dado poucos passos, quando, de repente, saltou à minha frente um ágil e alegre leopardo. Astuto, de pêlos manchados, de todas as formas ele impedia que eu seguisse adiante. Não adiantava desviar ou buscar um outro caminho pois no final, ele sempre estava lá, bloqueando a minha passagem. Várias vezes tentei vencê-lo. Várias vezes falhei.

Personagens e símbolos do Canto I

1.1 **O narrador** é Dante – protagonista da história e autor do poema. O poema é uma narrativa alegórica, ou seja, o autor descreve situações que não devem ser interpretadas apenas pelo seu sentido literal. Portanto, o personagem Dante, o peregrino, pode também ter representação simbólica. A história pode ser uma espécie de sonho (ele fala que foi o sono, um cochilo que o levou à selva). Estudiosos da obra de Dante dizem que o Dante da história simboliza qualquer ser humano que, como ele, se encontra perdido naquela selva escura (que alegoricamente representaria o pecado – veja *nota 1.3*).

1.2 **Cronologia da viagem**: Dante diz que está "no meio do caminho da nossa vida". Isto pode ter vários significados mas também pode indicar que ele está com 35 anos (de acordo com os 70 anos reservados ao homem, segundo as filosofias da época). O ano, portanto, é 1300, pois Dante nasceu em 1265. Esta data também é confirmada em outras ocasiões, como no *Canto XXI*, onde também se confirma que a viagem ocorre na semana santa. Em várias ocasiões, no poema original, o autor descreve a posição das constelações e astros como forma de nos informar a hora e a data. Através dessas observações, podemos deduzir que o *Canto I* começa na noite da quinta-feira santa (quando se acreditava que as posições dos astros seriam as mesmas de quando o mundo foi criado) e termina no início da noite da sexta-feira.

1.3 **A Selva Escura** é, segundo a tradutora Dorothy Sayers, uma representação simbólica da perdição no pecado, "onde a confusão é tão grande que a alma não se acha capaz de reencontrar o caminho certo". Uma vez perdido na selva escura, um homem só poderá escapar se, através do uso da razão do intelecto, descer de forma que veja o seu pecado não como um obstáculo externo (as feras), mas como vontade de caos e morte dentro de si (inferno). [Sayers 49]

O dia já raiava e o Sol nascia com aquelas mesmas estrelas que acompanharam o mundo no seu primeiro dia. A luz e a claridade daquele dia especial renovaram minhas esperanças, e me fizeram acreditar que iria conseguir vencer aquela fera malhada.

Mas a minha esperança durou pouco e o medo retornou quando vi surgir, diante de mim, um leão. Ele parecia avançar na minha direção, com a cabeça erguida, tão faminto e raivoso que até o próprio ar parecia temê-lo. E depois veio uma loba, magra e cobiçosa, cuja visão tornou minha alma tão pesada, pelo medo que me possuiu, que não vi mais esperança alguma na escalada. A loba avançava, lentamente, e me fazia descer, me empurrando de volta para aquele lugar onde a luz do Sol não entra.

Quando eu já me encontrava na beira daquele vale escuro, meus olhos aos poucos perceberam um vulto que se aproximava, que apagado estivera, talvez por excessivo silêncio.

— Tenhas piedade de mim — gritei ao vê-lo — quem quer que sejas, sombra ou homem vivo!

— Homem não mais — respondeu o vulto —, homem eu fui um dia. Nasci em Mântua, nos tempos de Júlio César e vivi em Roma no império de Augusto. Fui poeta e narrei a odisséia de Enéas, que fugiu de Tróia depois do incêndio. E tu, por que não sobes o precioso monte, princípio e causa de toda glória?

— Tu és Virgílio? — perguntei, vergonhoso — Ora, tu és meu mestre e meu autor predileto! Foi contigo que aprendi o belo estilo poético que me deu louvor. Eu não subi o monte por causa dessa fera. Ela me faz tremer os pulsos. Ajuda-me, sábio famoso! Ajuda-me a enfrentá-la!

1.4 **As três feras**, na opinião de vários estudiosos, têm sentido figurado e representam três tipos de pecados (que são discutidos no *Canto XI*) e também três subdivisões do inferno. É uma representação alegórica dos pecados segundo a filosofia de Tomás de Aquino, que influenciou Dante. A *incontinência* (leopardo), a *violência* (leão) e a *fraude* (loba) refletem níveis de gravidade crescentes de acordo com os conhecimentos da pessoa (quanto mais se sabe, mais grave é o pecado). Segundo a tradutora e comentarista Dorothy Sayers, refletem três estágios da vida humana (juventude, meia-idade e velhice). Os pecados cometidos na velhice seriam mais graves pois a alma que os comete é mais experiente e já sabe diferenciar o certo do errado. [Sayers 49]

1.5 **Virgílio** (70 a 19 a.C.) foi grande poeta da antiguidade e autor de várias obras entre as quais as *Geórgicas* e a *Eneida.* Esta última conta a história da fundação de Roma pelo troiano Enéas (veja *nota 4.11*). Dante conhecia as obras de Virgílio e louva-o por ter influenciado seu estilo poético. De acordo com vários *dantólogos*, Virgílio também tem um sentido alegórico: simboliza o intelecto, a razão do peregrino Dante (veja *nota 1.1*). É a razão "que apagada estivera, talvez por excessivo silêncio" que pode guiá-lo para fora da selva escura.

1.6 **O monte**, na interpretação de Sayers, "representa no nível místico a ascensão da alma a Deus. No nível moral, é a imagem do arrependimento. Pode ser escalado diretamente pela estrada certa, mas não pela selva selvagem porque ali os pecados da alma são expostos e aparecem como demônios (as feras) com um poder e vontade próprios, impedindo qualquer progresso." [Sayers 49] O monte pode ser uma representação alegórica da montanha do purgatório (veja *nota 34.8*) que não pode ser escalada pela selva escura.

1.7 **O Lebreiro (L'veltro)**: Um lebreiro (ou lebréu) é um cão usado para caçar lebres. O Lebreiro mencionado por Virgílio representa algum tipo de redentor ou salvador, mas não é claro se deve ser interpretado como uma pessoa. Já foi objeto de diversas interpretações por vários comentaristas. Para alguns, representa, no sentido figurado, algum líder que resgataria a Itália da situação política em que se encontra. Para outros, representa o estabelecimento de um reino espiritual na terra (a vinda de Cristo que no juízo final levaria a Loba de volta ao inferno).

— A ti convém seguir outra viagem — respondeu o poeta, ao me ver lacrimejando — pois essa fera, essa loba, é a mais feroz e insaciável de todas. Ela só partirá quando finalmente vier o Lebreiro que para ela será a dura morte. Ele não se alimentará nem de dinheiro, nem de terras; só a sua sabedoria, amor e virtude poderão nutri-lo. Ele virá para salvar a tua Itália caída. Ele irá caçar essa fera em todas as cidades até encontrá-la, quando então a matará e a conduzirá de volta ao Inferno, de onde a Inveja, primeiro a trouxe para este mundo.

Depois, me fez uma proposta:

— Eu acho melhor, para teu bem, que me sigas. Eu serei o teu guia. Te levarei para um lugar eterno onde verás condenados gritando, em vão, por uma segunda chance. Depois verás outros que sofrem contentes no fogo, pois têm esperança de um dia seguir ao encontro daquela gente abençoada. E depois, se quiseres subir ao céu, lá terás alma mais digna do que eu, pois o Imperador daquele reino me nega a entrada, porque à sua lei eu fui rebelde.

— Poeta — respondi —, eu te imploro, em nome desse Deus que não conheceste, que me ajudes a fugir deste mal ou de outro pior. Eu te seguirei a esses lugares que descreveste. Que eu possa ver a porta de São Pedro e os tristes sofredores dos quais falaste!

Ele então moveu-se, e eu o acompanhei.

Personagens e símbolos do Canto II

2.1 **Santa Luzia** é padroeira dos que sofrem da vista [Sayers 49]. Dante era devoto de Santa Luzia [Mauro 98] que o teria curado de um problema de vista no passado. Na minha interpretação, Dante estava cego (não sabia mais onde era o caminho certo), longe da luz (na selva escura), portanto Santa Luzia, que atende aos que sofrem da vista, seria a indicada para ajudá-lo.

2.2 **Beatriz** é uma pessoa muito importante para Dante. Fonte de inspiração em quase todas as suas obras, é retratada como símbolo de pureza e perfeição. A Beatriz de suas obras provavelmente foi inspirada na Beatriz da vida real que Dante conheceu quando tinha 9 anos (veja texto sobre a vida de Dante, na introdução). Na *Divina Comédia*, Beatriz é símbolo do amor divino ou da religiosidade (na opinião dos estudiosos de Dante). É ela que chama Virgílio (a razão) para guiá-lo para fora da selva.

2.3 **Limbo**: veja *nota 4.1*.

2.4 **A viagem pelos lugares eternos** proposta por Virgílio consiste em atravessar a terra, passando pelo inferno até chegar à montanha do purgatório do outro lado. Virgílio só pode conduzir Dante até o purgatório, mas não pode entrar no paraíso (a razão leva à fé, mas não se pode compreender o divino com a razão). Lá terá “alma mais digna” que é Beatriz.

Canto II

Já anoitecia quando iniciamos a jornada. Ó Musas, ó grande gênio, me ajudem para que eu possa relatar aqui sem erro esta viagem que está escrita para sempre em minha mente! E então comecei:

— Ó poeta que me guias, julga minha virtude e dize se é compatível com o caminho árduo que me confias. Não sou ninguém diante de Paulo ou Enéas. Não consigo crer que eu seja digno de tal, nem acho que outro pensaria da mesma forma.

— Se eu de fato compreendi o que acabas de dizer — respondeu o poeta —, tua alma está tomada pela covardia, que tantas vezes pesa sobre os homens, os afastando de nobres empreendimentos, como uma besta assustada pela própria sombra. Para te libertar desse medo, deixa que eu te explique como cheguei até ti:

"Eu estava com os outros espíritos suspensos no Limbo quando apareceu-me uma mulher beata e bela.

— Ó generosa alma mantuana, — disse ela —, ajude-me a socorrer um amigo que está perdido na selva escura. Vai com tua fala ornada e ajuda-o para que eu seja consolada. Eu sou Beatriz, que pede que tu vás. Venho do céu e para o céu voltarei. Foi o amor que me trouxe e é ele quem me faz falar.

— Ó mulher de virtude, tanto me agrada obedecer-te que basta dizeres o que desejas que eu faça que eu o farei. Mas dize-me, não tens medo de descer até este centro escuro?

Dante e Virgílio diante do portal do Inferno. *Ilustração de William Blake (século XVIII).*

— Deve-se temer as coisas que de fato têm o poder de nos causar mal — respondeu —, e mais nada, pois nada mais existe para temer. A mulher gentil, que se compadeceu do que acontece com aquele a quem te envio, pediu a Luzia, dizendo: 'aquele teu adepto fiel precisa de tua ajuda e a ti o recomendo.' Luzia, inimiga de toda crueldade, veio então a procurar-me, onde eu sentava com a antiga Raquel. 'Beatriz', disse, 'não vais salvar quem mais te amou e que por ti se elevou do povo vulgar?' Logo que ouvi tais palavras desci aqui, do meu beato posto, por confiar na tua palavra honesta.

E assim ela me deixou, e eu cheguei para afastar aquela fera que impedia que tu escalasses o belo monte."

— Então o que é que há? Por que tu és tão covarde? Por que não és bravo e corajoso, quando tens três mulheres abençoadas que te guardam lá do céu?

Depois que ele terminou de falar, eu não era mais o mesmo. Recuperei a coragem, perdi o medo e afastei todas as minhas dúvidas. Imediatamente voltei a confiar na jornada que me fora proposta e disse-lhe:

— Ó piedosa aquela que me socorreu, e tu que tão cortês atendeste ao seu pedido. Com tuas palavras tornei-me outra vez disposto. Vamos, que agora ambos queremos a mesma coisa. Tu serás meu guia, e eu te seguirei.

E assim, seguimos por um caminho árduo e silvestre.

Dante e Virgílio diante da entrada do Inferno. *Ilustração de Helder da Rocha.*

Canto III

POR MIM SE VAI À CIDADE DOLENTE,
POR MIM SE VAI À ETERNA DOR,
POR MIM SE VAI À PERDIDA GENTE.

JUSTIÇA MOVEU O MEU ALTO CRIADOR,
QUE ME FEZ COM O DIVINO PODER,
O SABER SUPREMO E O PRIMEIRO AMOR.

ANTES DE MIM COISA ALGUMA FOI CRIADA
EXCETO COISAS ETERNAS, E ETERNA EU DURO.
DEIXAI TODA ESPERANÇA, VÓS QUE ENTRAIS!

Estas palavras estavam escritas em tom escuro, no alto de um portal. Eu, assustado, confidenciei ao meu guia:

— Mestre, estas palavras são muito duras.

— Não tenhas medo — respondeu Virgílio, experiente — mas não sejas fraco! Aqui chegamos ao lugar, do qual antes te falei, onde encontraríamos as almas sofredoras que já perderam seu livre poder de arbítrio. Não temas, pois tu não és uma delas, tu ainda vives.

Em seguida, Virgílio segurou minha mão, sorriu para me dar confiança, e me guiou na direção daquele sinistro portal.

Logo que entrei ouvi gritos terríveis, suspiros e prantos que ecoavam pela escuridão sem estrelas. Os lamentos eram tão intensos que não me contive e chorei. Gritos de mágoa, brigas, queixas iradas em diversas línguas formavam um tumulto que tinha o som de uma ventania. Eu, com a cabeça já tomada de horror, perguntei:

Personagens e símbolos do Canto III

3.1 **O Portal do Inferno**: não tem portas ou cadeados mas somente um aviso sobre a entrada que adverte: uma vez dentro, deve-se abandonar toda a esperança de rever o céu pois de lá não se pode voltar. As almas entram porque querem. "No poema, o inferno está repleto das almas daqueles que morreram com a determinação de entrar naquele portal; na alegoria, essas almas são a imagem do pecado na pessoa ou na sociedade." [Sayers 49]. A alma só tem poder de escolha enquanto viva, portanto, viva se decide pelo céu ou pelo inferno. Depois de morta, perde a capacidade de raciocinar e tomar decisões. Dante não deve temer, diz Virgílio, porque ele ainda está vivo e ainda tem poder de arbítrio. O personagem Dante cruza o portal do inferno na noite de sexta-feira da paixão (veja *notas 1.1 e 1.2*) pois no início do *Canto II*, quando Dante escapa das feras, já anoitece.

3.2 **O ante-inferno** é chamado também de *vestíbulo*. Serve como destino para as almas que não podem ir para o céu nem para o inferno. "Sendo o céu e inferno estados onde uma escolha é permanentemente recompensada (de forma positiva ou negativa), deve também existir um estado onde a *negação* da escolha seja recompensada, uma vez que recusar a escolha é escolher a indecisão." [Sayers 49] O ante-inferno é, portanto, a morada dos indecisos, covardes e que passaram a vida "em cima do muro". Em vida nunca quiseram assumir compromissos, tomar decisões firmes ou fazer qualquer coisa definitiva, por achar que assim perderiam a oportunidade de fazer alguma outra coisa. A sua neutralidade e falta de ação é retribuída na forma de um *contrapasso* (veja *nota 3.3 abaixo*) e agora são obrigados a correr atrás de uma bandeira que não vai a lugar algum.

3.3 **O contrapasso** é a retribuição do inferno pelos atos do pecador. Reflete, de forma simbólica, os efeitos do pecado cometido aplicados como punição. Se baseia em uma justiça do tipo "olho-por-olho, dente-por-dente".

3.4 **O Rio Aqueronte (Acheron)** é o primeiro dos rios do inferno. Como os outros rios do mundo subterrâneo, este também não foi inventado por Dante. É citado nas obras clássicas de mitologia como a *Eneida* de Virgílio e a *Odisséia* de Homero.

— Mestre, quem são essas pessoas que sofrem tanto?

— Este é o destino daquelas almas que não procuraram fazer o bem divino, mas também não buscaram fazer o mal. — me respondeu o mestre. — Se misturam com aquele coro de anjos que não foram nem fiéis nem infiéis ao seu Deus. Tanto o céu quanto o Inferno os rejeita.

— Mestre — continuei —, a que pena tão terrível estão esses coitados submetidos para que lamentem tanto?

— Te direi em poucas palavras. Estes espíritos não têm esperança de morte nem de salvação. O mundo não se lembrará deles; a misericórdia e a justiça os ignoram. Deixe-os. Só olha, e passa.

E então olhei e vi que as almas formavam uma grande multidão, correndo atrás de uma bandeira que nunca parava. Estavam todas nuas, expostas a picadas de enxames de vespas que as feriam em todo o corpo. O sangue escorria, junto com as lágrimas até os pés, onde vermes doentes ainda os roíam.

Quando olhei além dessa turba, vi uma outra grande multidão que esperava às margens de um grande rio.

— Quem são aqueles? — perguntei ao mestre.

— Tu saberás no seu devido tempo, quando tivermos chegado à orla triste do Aqueronte. — respondeu, secamente.

Temendo ter feito perguntas demais, fiquei calado até chegarmos às margens daquele rio de águas pantanosas e cinzentas.

Chegava um barco dirigido por um velho pálido, branco e de pêlos antigos. Ele gritava:

— Almas ruins, vim vos buscar para o castigo eterno! Abandonai toda a esperança de ver o céu outra vez, pois vou levar-vos às trevas eternas, ao fogo e ao gelo!

3.5 **Caronte (Charon)** é o clássico barqueiro dos mortos na mitologia grega. Como a maior parte das figuras mitológicas que aparecem no inferno, Caronte foi tirado das mitologias clássicas. Os monstros do inferno "não são diabos ou almas perdidas, mas as imagens de apetites pervertidos, e vivem nos círculos apropriados à sua natureza." [Sayers 49]. Nas obras da mitologia clássica, Caronte estava encarregado de realizar a travessia de outro rio (o Estige – veja *nota 7.7*) e só transportava almas que tivessem sido enterradas com uma moeda debaixo da língua com a qual poderiam pagar a travessia.

3.6 **O outro porto** é o porto onde um anjo leva as almas que têm esperança para o purgatório. Caronte reconhece que Dante não é uma das almas condenadas e então diz a ele que o caminho dele é outro.

Porta do Inferno. *Escultura de Auguste Rodin.*

Quando ele me viu, gritou:

— E tu, alma vivente, te afasta desse meio pois aqui só vem morto! — Vendo que eu não me mexia, mais calmo, falou — Tu deves seguir para outro porto, onde um outro barco, maior, te dará transporte.

— Caronte, te irritas em vão! — intercedeu o mestre — Lá, onde se pode o que se quer, *isto* se quer, e não peças mais nada!

Caronte então se calou, mas pude ver que seus olhos vermelhos ainda ardiam de raiva. As almas, chorando amargamente, se amontoavam na orla e Caronte as embarcava, uma a uma, batendo nelas com o remo quando alguma hesitava. Depois seguiam, quebrando as ondas sujas do rio Aqueronte, e antes de chegarem à outra margem, uma nova multidão já se formava deste lado.

Enquanto Virgílio me falava sobre as almas que atravessavam o rio, houve um grande terremoto, seguido por uma ventania que inundou o céu com um clarão avermelhado. O susto foi tão intenso que eu desmaiei e caí num sono profundo.

Personagens e símbolos do Canto IV

4.1 **O Limbo** é o local onde as almas que não puderam escolher Cristo, mas escolheram a virtude, vivem a vida que imaginaram ter após a morte. Não têm a esperança de ir ao céu pois não tiveram fé em Cristo. Aqui ficam os não batizados e aqueles que nasceram antes de Cristo, como Virgílio. Na mitologia clássica, o Limbo não fica no inferno, mas suspenso entre o céu e o mundo dos mortos. Na poesia de Dante não se tem uma noção precisa de como se chega lá, pois o poeta desmaia no ante-inferno e quando acorda já está no Limbo.

4.2 **Personagens do Velho Testamento:** Adão, Noé, Moisés, Abraão, David, Israel e Raquel foram, segundo Dante, levados para o céu quando Cristo desceu ao inferno após a crucificação.

4.3 **Homero** (século IX ou VI a.C.) foi um poeta grego a quem tradicionalmente se atribui a autoria dos poemas épicos *Ilíada*, que narra a queda de Tróia, e *Odisséia*, que narra o retorno de Ulisses da guerra de Tróia e suas viagens.

4.4 **Horácio** (65 a.C-8 d.C.) foi um poeta romano lírico e satírico, autor de várias obras primas da língua latina, entre as quais *Ars Poetica*.

4.5 **Ovídio** (43 a.C-17 d.C.) foi o mais popular dos poetas romanos. Autor de várias obras, entre as quais obras de mitologia como *Metamorfoses*.

4.6 **Lucano** (39-65) foi um poeta romano nascido em Córdoba forçado a cometer suicídio por Nero. Autor de *Farsália*.

4.7 **Heitor** foi príncipe de Tróia, Heitor foi o mais valente dos guerreiros troianos na *Ilíada* de Homero. Foi morto cruelmente por Aquiles (*nota 5.8*) que o matou para vingar a morte de seu melhor amigo, morto na guerra pelo troiano.

4.8 **Heráclito** (540-475 a.C.): Filósofo grego que acreditava que o fogo era fonte de toda matéria e que o mundo estava em constante mudança. Foi fundador da metafísica.

4.9 **Tales de Mileto** (625-546 a.C.) é o pai da filosofia ocidental, do pensamento científico e considerado um dos sete sábios da Grécia.

Canto IV

Acordei ao som de um trovão, já nas bordas abissais do fosso infernal, onde ecoam gritos infinitos. Tão escuro e nebuloso era que, por mais que eu tentasse forçar a vista ao fundo, não conseguia discernir coisa alguma.

— Desçamos ao mundo onde nada se vê. — disse Virgílio — Eu irei na frente e tu me seguirás. — e fez uma indicação para que eu o seguisse. Ele estava com uma aparência muito pálida, e por isso me assustei, hesitando por um instante.

— Como queres que eu te siga tranqüilo, se estás com medo? — perguntei.

— Não é medo. — respondeu — A piedade me clareia o rosto, por causa da angustia das gentes desamparadas que aqui sofrem. Andemos, pois temos ainda um longo caminho pela frente.

E assim ele me guiou para o primeiro círculo que rodeia o poço abissal. Naquele lugar não ouvi sons de lamentação, somente suspiros. Só havia mágoa. Como não lhe perguntei nada, o poeta resolveu me explicar que espíritos eram aqueles que eu estava vendo.

— Estes coitados não pecaram, mas não podem ir para o Céu — explicou —, pois não foram batizados. Estão aqui as crianças não batizadas e aqueles que viveram antes de Cristo, como eu. Aqui não temos sofrimento, mas também não temos nenhuma esperança.

Senti pena dele enquanto falava e imaginei quanta gente de valor deveria estar suspensa para sempre nesse limbo, e então perguntei-lhe:

4.10 **Zenão** (séc. 5 a.C.) foi filósofo e matemático de Eléia, conhecido por seus paradoxos matemáticos.

4.11 **Enéas** é personagem da mitologia romana e herói da *Eneida*, de Virgílio. É filho de Vênus e Anquises (príncipe troiano). Na *Eneida*, Enéas escapa de Tróia após a guerra e funda a cidade de Roma.

4.12 **Aristóteles** (384-322 a.C.) foi filósofo e cientista grego. Um dos mais importantes filósofos da antiguidade ao lado de Platão e Sócrates. Pai do empirismo e autor de várias obras entre as quais *Ética*, *Organon* e *Física*.

4.13 **Platão** (428-347 a.C.): foi filósofo grego. Autor de inúmeros diálogos como *A República*. Idealista, rejeitava o empirismo defendido por Aristóteles.

4.14 **Sócrates** (470-399 a.C.) foi um filósofo grego que teve grande influência sobre a filosofia ocidental através dos seus diálogos, narrados nas obras de Platão.

4.15 **Orfeu** é, na mitologia grega, poeta e músico. Filho de Calíope (musa da poesia) e Apolo (deus da música). A música de Orfeu era hipnotizante e surtia seu efeito sobre todas as pessoas, animais e plantas. Amava a ninfa Eurídice. Quando esta foi morta por uma picada de serpente, Orfeu fez uma viagem ao inferno para tentar resgatá-la.

4.16 **Júlio César** (100-44 a.C) foi orador, general e magistrado romano que estabeleceu as bases para a fundação do império romano. Em 59 a.C. foi eleito cônsul de Roma e um ano depois, governador da Gália. Na época, a Gália Celta (norte da Gália) ainda estava independente. César foi solicitado para evitar a invasão dos helvécios na Gália. Depois ajudou a expulsar as forças germânicas. Em 57 a.C. a Gália estava de novo sob o controle de Roma. Em 52 a.C., Pompeu, cônsul de Roma e antigo aliado, assumiu o comando absoluto do governo romano e exigiu a renúncia de César. Em 49 a.C., César e suas tropas aliadas cruzaram o rio Rubicon, que marcava a fronteira entre a Gália e a Itália, avançando sobre Roma. A travessia marcou o início da guerra civil romana que César venceu, esmagando as tropas de Pompeu em Farsália. César então se tornou ditador de Roma e promoveu várias reformas, entre as quais uma reforma do calendário que previa a existência do ano bissexto. Vários grupos estavam insatisfeitos com o poder de César, entre eles, seus principais aliados. Em 44. a.C. um grupo

— Algum desses habitantes, por mérito seu ou com a ajuda de outro, pôde algum dia ir para o céu?

— Eu era novato neste lugar — respondeu Virgílio —, quando um Rei poderoso aqui desceu. Ele usava o sinal da vitória na sua coroa. Veio, e nos levou Adão, Noé, Moisés, Abraão, David, Israel, Raquel e vários outros que ele escolheu. E deves saber, antes que essas almas fossem levadas, nenhuma outra alma humana havia alcançado a salvação.

Não paramos de caminhar enquanto ele falava, mas continuamos pela selva, digo, a selva de espíritos. Não tínhamos nos afastado muito do ponto onde eu acordei, quando vi um fogo adiante, um hemisfério de luz que iluminava as trevas. Mesmo de longe, pude perceber que aquele lugar era habitado por gente honrosa.

— Ó mestre que honras a ciência e a arte, quem são esses, privilegiados, que vivem separados dos outros aqui? — perguntei.

— O nome honrado que ainda ressoa no teu mundo lá em cima, encontra a graça no Céu que o favorece aqui.

Mal ele terminara de falar, ouvi um chamado que partiu de um dos vultos iluminados:

— Saudemos o altíssimo poeta. — gritou a alma — Sua sombra que havia partido já está de volta!

Depois que a voz se calou, vi quatro grandes vultos se aproximarem. Os seus rostos não mostravam tristeza, mas também não mostravam alegria. Virgílio os apresentou:

— Este é Homero, poeta soberano, o outro é Horácio, o satírico, Ovídio é o terceiro e por último, Lucano.

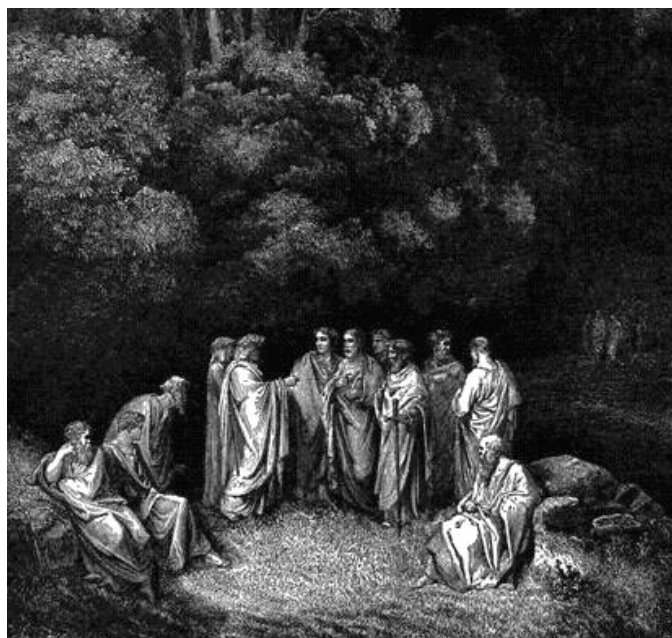
Quando chegamos até eles, o mestre falou-lhes em particular e depois eles me saudaram, tratando-me com deferência, incluindo-me como o sexto do seu grupo.

de senadores tramou a morte de César que foi executada pelos senadores Cássio e Bruto (veja *notas 34.4 e 34.3*).

4.17 **Ptolomeu** (100-170) foi um astrônomo e matemático cujas teorias sobre o universo dominaram o pensamento científico até o século XVI. Segundo a teoria de Ptolomeu, a terra é esférica e ocupa o centro do Universo. Em volta da terra giram todos os planetas, sol e lua. No final, gira uma esfera de estrelas fixas.

4.18 **Os outros personagen**s mencionados por Dante no *Canto IV*: 121-144 (original) são: **Electra** – filha de Atlas e fundadora de Tróia; **Camila** – filha do rei Metabus, morta na guerra de Tróia; **Pentesiléia** – rainha das amazonas que ajudou os troianos contra os gregos e foi morta por Aquiles; o rei **Latino**, que reinava sobre a península italiana, onde Enéas fundou Roma; **Lavínia** – filha do rei Latino; **Lucius Brutus** – fundador da república romana; **Lucrécia** – esposa de Colatino; **Julia** – filha de Júlio César e esposa de Pompeu; **Márcia** – segunda esposa de Cato de Utica; **Cornélia** – mãe dos tribunos Tibério e Caio; **Saladin** – sultão do Egito em 1174; **Diógenes**, **Anaxágoras**, **Empedocles** – filósofos gregos; **Dioscórides** – cientista e médico grego (sec. 1 d.C.); Marcus Túlius **Cicero** – orador e filósofo romano (106-43 a.C.), **Linus** – poeta e músico grego; Lucius Annaeus **Seneca** (4 a.C. - 65 d.C.) - filósofo romano; **Euclides** – matemático grego (300 a.C.), **Hipócrates** – médico grego (460-377 a.C.); **Avicena** – filósofo e médico árabe (980-1037 d.C.); **Galeno** – médico conhecido mundialmente (130-200 d.C.); **Averroes** (1126-1198 d.C.) – estudioso árabe conhecido como comentarista de Aristóteles que serviu de base para o trabalho de Tomás de Aquino.

Prosseguimos, então, os seis, até finalmente chegarmos ao local de onde emanava a luz. Lá se erguia um nobre castelo de muros altos, cercado por um belo riacho. Sete muros o cercavam. Nós passamos sobre o riacho como se fosse terra dura, depois, sete portões atravessamos até chegarmos a um verde prado, onde muitas outras pessoas conversavam. De lá mudamos para um local aberto, luminoso e alto, onde podíamos ter uma visão completa de todos. Reconheci várias grandes figuras como Enéas, Heitor e César, Aristóteles, Sócrates e Platão, Orfeu, Heráclito, Tales, Zenão, Ptolomeu e muitos outros. Exaltou-me a possibilidade de poder encontrar todos esses espíritos, cuja sabedoria enchia de luz aquele lugar sombrio. Havia mais. Muitos. Tantos eram, que não posso aqui listar todos.

De todos, no final, restamos só eu e Virgílio, pois nossa jornada nos impelia adiante. Chegamos, então, a um lugar onde nada mais reluzia.

Grandes figuras da Antiguidade reunidas no Limbo. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Personagens e símbolos do Canto V

5.1 **Os círculos da incontinência** (círculos 2 a 5) são a morada daqueles que pecaram não por determinação de fazer o mal, mas por não conseguir controlar os impulsos, falhando assim na escolha do bem. Aqui são punidos os pecados da luxúria, da avareza e da gula.

5.2 **Minós (Minos)**: na mitologia grega foi o rei lendário da ilha de Creta cuja esposa é mãe do Minotauro (*nota 12.1*). Era filho de Zeus com a princesa Europa. Depois de morto, desceu ao mundo subterrâneo onde se tornou um dos juizes dos mortos. No inferno de Dante, Minós ouve as confissões dos mortos (que sempre dizem a verdade, pois não têm mais o dom do intelecto) e os designa a um círculo e subcírculo específico de acordo com a falta mais grave relatada.

5.3 **Os luxuriosos**: Dante classifica o pecado da luxúria como o menos grave de todos, colocando-o no círculo mais externo. Isso é demonstrado também na compaixão que sente pelos pecadores, se emocionando com o relato de Francesca. A ventania é o *contrapasso* do pecado. Em vida, os amantes eram levados por suas paixões, que os arrastava como o vento que os arrasta no inferno.

5.4 **Semiramis**: foi rainha da Babilônia por 102 anos. Era esposa do caçador Nino.

5.5 **A viuva de Siqueu** é Dido, que era, segundo a mitologia grega, filha de Belo, rei de Tiro. Quando Siqueu, seu marido, foi morto pelo novo rei de Tiro, irmão de Dido, ela fugiu para o norte da África onde fundou a cidade de Cartago. Segundo a *Eneida*, de Virgílio, o príncipe troiano Enéas (*nota 4.11*) naufragou em Cartago depois de fugir de Tróia. Dido recebeu bem os troianos e acabou se apaixonando por Enéas. Os dois passaram a viver juntos como marido e mulher. Enéas já estava para decidir que permaneceria em Cartago quando Júpiter o lembrou que precisaria deixar a cidade para cumprir sua missão e fundar Roma. Desesperada por causa de sua partida, Dido se matou numa pira funerária. Na sua visita ao inferno (Hades), Enéas encontrou a alma de Dido mas esta se recusou a falar com ele. [Encarta 97]

5.6 **Cleópatra VII** (69-30 a.C.): Rainha do Egito conhecida por seus casos de amor com Júlio César e Marco Antônio.

Canto V

Assim que entramos no segundo círculo, lá estava Minós, rangendo terrivelmente. Ele ficava na entrada e recepcionava os pecadores, julgando-os um por um. Ouvia suas confissões e proferia a sentença, se enrolando na própria cauda. O número de voltas que dava a sua cauda indicava quanto deveria descer o pecador para o seu lugar nas profundezas do Inferno. Uma grande multidão se amontoava diante daquele juiz. Cada pecador falava, ouvia sua sentença, e era atirado no abismo.

— Ó tu que entras no asilo da dor — disse Minós ao me ver, interrompendo seu ofício —, vejas bem em quem confias e como entras aqui. É fácil de entrar, mas não te enganes!

— Por que gritar? — respondeu Virgílio ao juiz dos mortos — Não podes impedir esta jornada, pois lá, onde tudo o que se quer se pode, *isto* se quer e não peças mais nada!

Minós se calou, e nós prosseguimos. Pouco a pouco comecei a perceber sons tristes, muito pranto e lamentos. Neste lugar escuro onde eu me encontrava, o som das vozes melancólicas se assemelhava ao assobio do mar durante uma grande tormenta. Os tristes sons emanavam de um enorme redemoinho. Eram almas sofredoras, sacudidas pelo vento que nunca cessava. Entendi que era o castigo pela transgressão da carne, que desafia a razão, e a submete à sua vontade.

No escuro vento vi várias sombras que passavam se lamentando e ao mestre perguntei:

5.7 **Helena** foi a esposa do Rei Menelau que, na mitologia grega, cedeu às tentações de Afrodite e deixou-se ser seqüestrada por Páris (*nota 5.9*), que a levou para Tróia.

5.8 **Aquiles** foi o maior dos guerreiros gregos na mitologia grega. Quando criança, sua mãe o imergiu no rio Estige (*7.7*), tornando-o imortal. A única parte do seu corpo que não foi submersa foi o calcanhar, por onde sua mãe o segurou. Aquiles lutou e foi vitorioso em muitas batalhas até ser mortalmente ferido no calcanhar por Páris, que o encontrou quando, por estar apaixonado pela filha de Priamo, entrou desarmado no templo de Apolo.

5.9 **Páris**: foi príncipe de Tróia na mitologia grega. Responsável pelo seqüestro de Helena (arquitetado por Afrodite) que deu origem a guerra contra a Grécia narrada na mitologia grega (*Ilíada*).

5.10 **Tristão**: foi personagem da mitologia celta que se consumiu na sua paixão impossível por Isolda.

5.11 **Paolo e Francesca**: eram cunhados adúlteros que foram surpreendidos e mortos pelo marido traído em Rimini (onde o rio Pó deságua), nos tempos de Dante [Mauro 98]. Francesca diz que foram surpreendidos quando liam a lenda onde Lancelote, apaixonado por Guinevere (esposa do Rei Artur), é induzido a beijá-la por Galeoto. Galeoto, portanto, induz Paolo e Francesca a se beijarem também, quando são surpreendidos e mortos. O assassino, por ter matado um parente sem ter lhe dado oportunidade de defesa, é punido na Caína (veja *nota 32.3*) onde sofrem os traidores de parentes.

5.12 **Lancelote e Guinevere**: são amantes na mitologia celta e britânica. Guinevere era esposa do rei Artur e era apaixonada pelo cavaleiro Lancelote. Galeoto era o intermediário da relação.

— Mestre, quem são essas pessoas que o vento tanto castiga?

— A primeira, cuja história deves conhecer — explicou o mestre —, foi imperatriz de povos de muitas línguas. É Semíramis, a sucessora e esposa de Nino. A que a segue é a viúva de Siqueu, que se matou por amor. Ali tu vês Cleópatra, luxuriosa. Veja Helena, e também Aquiles, Páris, Tristão. — e, uma por uma, me indicou outras mil sombras que tiveram suas vidas desfeitas pelo amor.

— Poeta — eu falei — eu gostaria, se for possível, de falar com aqueles dois, unidos, que tão leves parecem ser ao vento.

— Espera — respondeu —, em breve estarão próximos de nós, e quando a fúria do vento diminuir, peça, pelo amor que os conduz, que eles virão.

Então, quando a tormenta cedeu um pouco, eu chamei:

— Ó almas sofridas, falai conosco, se isto for permitido!

Elas ouviram, entenderam meu pedido. Deixaram o bando onde estavam as outras e se aproximaram. Uma delas falou:

— Ó ser gracioso e benigno, o que desejares ouvir ou falar conosco, nós ouviremos e falaremos, se o vento permitir. Nasci na terra onde o Pó deságua. Amor, que ao coração gentil logo se prende, tomou este aqui, pela beleza da pessoa que de mim foi levada, e o modo ainda me ofende. Amor, que a nenhum amado amar perdoa, prendeu-me, pelo seu desejo com tanta força que, como vês, ele ainda não me abandona. Amor nos conduziu a uma só morte. Caína aguarda aquele que tirou as nossas vidas.

Ao ouvir esse lamento, baixei o rosto, e permaneci assim, até Virgílio me despertar. Voltei novamente àquele casal, e perguntei:

Virgílio e Dante observam as almas condenadas pelo pecado da luxúria sendo carregadas pelo vento. No primeiro plano, Paolo e Francesca. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Paolo e Francesca. *Pintura de Dante Gabriel Rossetti (século XIX).*

— Francesca, o teu martírio me traz lágrimas aos olhos, mas dize-me, como permitiu o amor que tomásseis conhecimento de vosso sentimento recíproco?

— Não há maior dor que lembrar da felicidade passada — disse ela — mas se teu grande desejo é saber, te direi como quem chora e fala. Líamos um dia a sós, sobre o amor que seduziu Lancelote. Várias vezes essa leitura nos ergueu olhar a olhar. Mas foi quando chegamos àquele ponto que falava do sorriso que desejava ser beijado por um perfeito amante, que este aqui que nunca me seja apartado, tremendo, beijou-me na boca naquele instante. Nosso Galeoto foi aquele livro e quem o escreveu. Desde aquele dia, não o lemos mais adiante.

Enquanto uma alma contava a sua história triste, a outra chorava sem parar ao seu lado, e eu, comovido de piedade e dor, desmaiei, e caí como um corpo morto cai.

Dante desmaia após o relato de Francesca no segundo círculo onde as almas são agitadas como turbilhões de vento. *Ilustração de William Blake (século XVIII).*

Personagens e símbolos do Canto VI

6.1 **Os gulosos**: O prazer solitário concedido pela gula é ampliado no inferno onde os gulosos jazem solitários na lama, sem comunicação com seus vizinhos. O *contrapasso* pelo prazer e o conforto de comer alegremente além dos limites quando viviam é o desconforto de uma dolorosa chuva gelada e a presença de Cérbero, que, com seu apetite insaciável, os morde pela eternidade.

6.2 **As almas que sofrem no inferno** não têm corpos. Elas apenas mantém a aparência das suas formas corporais. Embora possam ser dilaceradas e assim sofrer torturas físicas, são apenas fantasmas, sem peso.

6.3 **Cérbero (Kerberos)** é o cão de três cabeças que guarda a entrada do mundo subterrâneo na mitologia grega. Cérbero deixa qualquer um entrar, mas não deixa quem entrou sair. Poucos heróis conseguiram escapar da guarda de Cérbero. Orfeu (*4.15*) o hipnotizou com sua lira, Hércules (*25.3*) o derrotou com as mãos. Na mitologia romana, Enéas (*4.11*) e Psique conseguiram enganar Cérbero com um pão de mel. Na alegoria do inferno de Dante, ele é a imagem do apetite descontrolado.

6.4 **Ciacco**: De acordo com Boccaccio [Sayers 49], é o apelido de um nobre florentino conhecido por sua gula. Ciacco também quer dizer "porco" e é "corruptela de Giacomo" [Mauro 98].

6.5 **Guelfos**: Um dos partidos políticos de Florença que rejeitava o poder do imperador. Representava a classe média. Em *Romeu e Julieta* (obra de Shakespeare), os Capuletto eram uma família guelfa. Veja mais em *Vida de Dante* (introdução).

6.6 **Guibelinos**: Partido político de Florença aliado ao imperador. Representava a nobreza. Em *Romeu e Julieta* (obra de Shakespeare), os Montecchio eram guibelinos. Veja mais em *Vida de Dante* (introdução).

6.7 **Negros e brancos**: Os guelfos, na época que Dante fazia parte do governo de Florença, se dividiram em duas facções: os *Neri* ou guelfos *negros* – radicais que apoiavam a tirania do papa contra o imperador, e os *Bianchi*, ou guelfos *brancos* – moderados que rejeitavam tanto a tirania do papa quando a tirania do imperador. A rixa que dividiu os guelfos começou na cidade de Pistóia por causa de

Canto VI

Quando acordei já estava no terceiro círculo, cercado de mais tormentos e mais atormentados que surgiam de todos os lados. Uma chuva, gélida, eterna, com neve e granizo, caía sobre a lama podre que as almas encharcavam. Cérbero, fera cruel e perversa, latia com suas três goelas para as almas submersas na lama. Ele tem uma barba negra e seis olhos vermelhos, ventre largo e garras aguçadas com as quais rasga os pecadores e os tortura. Elas berravam como cães e se contorciam na lama, tentando em vão se proteger das chicotadas da chuva dura.

Quando Cérbero nos viu, abriu suas três bocas e exibiu suas presas, rangendo e estremecendo diante de nós. Meu mestre, cauteloso, encheu suas mãos de terra e atirou nas goelas do cão danado. O monstro, guloso, não hesitou em engolir a terra, se emperrou com ela e ficou em silêncio, como um cão faminto que se ocupa com o seu osso.

Caminhamos, então, por entre as almas, pisando espectros vazios que se assemelhavam a formas humanas. Todos os espíritos jaziam deitados, se confundindo com a lama que assumia suas formas, transparentes, exceto um que se ergueu na hora em que passávamos na sua frente.

— Ó tu que és guiado por este Inferno — falou — me reconhece, se puderes, pois tu foste vivo antes que eu fosse desfeito.

uma discussão familiar. A briga, que provocou a divisão da família Cancelliere, teve início por causa de um assassinato cometido por um jovem chamado Focaccia (*nota 32.2*), pertencente à família. O Cancelliere original tivera duas esposas. A primeira se chamava Bianca e seus descendentes se apelidaram *Bianchi* (brancos). Para fazer oposição, os descendentes da segunda esposa decidiram se apelidar *Neri* (negros). Por ser uma grande família, quase toda a cidade tomou partido por um dos lados. Houve intervenção dos guelfos de Florença para manter a ordem na cidade. Os líderes da revolta foram então presos em Florença na esperança de acabar com a briga em Pistóia. O resultado, porém, foi a extensão do conflito para Florença, onde a família Cerchi decidiu apoiar a causa dos *Bianchi* contra a família Donati, que ficou do lado dos *Neri*. Uma insensata briga de rua por causa de um acidente com cavalos em 1300 foi o estopim para a crise em Florença que em pouco tempo contaminou a cidade inteira.

6.8 **Previsões de Ciacco**: As previsões de Ciacco falam da luta entre as duas facções em que se dividiu o partido dos guelfos, obrigando Dante a exilar os líderes da revolta (guelfos negros). Ciacco prevê então que alguém (o papa Bonifácio) apoiará os Neri e estes retomarão o poder, banindo de vez os Bianchi de Florença.

6.9 **O papa Bonifácio VIII** fingiu neutralidade durante a divisão dos guelfos mas depois traiu a confiança dos líderes de Florença ao apoiar o golpe dos Neri. Veja mais sobre Bonifácio VIII na *nota 19.2*.

6.10 **Farinata**: veja *nota 10.1*.

6.11 **Tegghiaio e Jacopo Rusticucci**: veja *nota 16.2*.

6.12 **Mosca**: veja *nota 28.9*.

— A angústia — disse eu — te deforma de maneira que eu não consigo reconhecer-te. Mas dize-me quem tu és, condenado a este lugar vil e submetido a tamanha tortura.

— A tua cidade — respondeu —, tão invejosa, um dia me teve na vida serena. Teus conterrâneos me chamam Ciacco e por causa da gula sofro na chuva, como estas outras almas, condenadas por semelhante culpa.

— Ciacco — eu disse a ele —, teu estado miserável me causa grande tristeza, mas dize-me o que vai acontecer, se souberes, com os cidadãos de nossa Florença?

— Depois da paz, haverá guerra e sangue. — relatou Ciacco — O partido rústico (os *Bianchi*) expulsará a outra parte brutal (os *Neri*), mas, depois de três sóis, com a ajuda daquele que agora parece estar dos dois lados (Bonifácio VIII), voltarão ao poder, e por longos anos manterão os outros afastados, por mais que implorem ou chorem.

Quando ele terminou de narrar sua terrível profecia, perguntei-lhe:

— Onde estão Farinata e Tegghiaio, Jacopo Rusticucci, Arrigo, Mosca, e tantos outros que usaram seu gênio para o bem? Estarão eles aqui ou estarão eles no céu?

— Tu os encontrarás mais embaixo, nas valas abissais. — disse a alma — Se desceres mais, poderás vê-los todos! Mas quando voltares mais uma vez ao mundo doce, te imploro que leves minha lembrança aos que lá deixei. Não mais te digo nem te respondo.

Depois que terminou de falar, Ciacco afundou e desapareceu de repente. O mestre então falou:

— Este não mais se levantará até o dia em que soar a trompa angelical. Quando isto acontecer, a adversa potestade virá e cada alma voltará à sua tumba, retomará sua carne e sua forma humana, e ouvirá a voz que eterna soa.

E assim cruzamos aquela mistura suja de almas com chuva, aproveitando para falar um pouco da vida futura. Perguntei:

— Mestre, quanto a este tormento, ele crescerá, será o mesmo ou será atenuado após a grande sentença?

— Retorna a tua ciência na qual se ensina que o ser mais perfeito mais sente seja o bem ou a ofensa. Embora essas almas malditas nunca possam um dia chegar à perfeição, para lá, mais que para cá, será sua sina.

Ao nos aproximarmos da entrada para o quarto círculo, encontramos Pluto, grande inimigo.

Personagens e símbolos do Canto VII

7.1 **Pluto (Plutão, Plutus)** é, na mitologia romana, o deus dos mortos (Hades, na mitologia grega), esposo de Proserpina (Perséfone, na mitologia grega). É associado à riqueza que brota do chão. Sua característica de deus infernal da riqueza o coloca de forma adequada no quarto círculo, dos que não souberam lidar com a fortuna.

7.2 **A frase de Pluto:** Não há uma interpretação conhecida para a frase pronunciada por Pluto no inicio do sétimo canto, porém, Benvenuto Cellini, na sua descrição da Corte de Justiça de Paris, relata: "as palavras que ouvi o juiz falar, ao ver que dois senhores queriam assistir ao julgamento a todo custo, e que o porteiro estava tendo dificuldades em mantê-los fora, foram estas: 'Paix, paix, Satan, allez, paix' (Silêncio! Silêncio, Satan! Vá, e nos deixe em paz). Nesta época eu conhecia bem a língua francesa e, ao ouvir essas palavras, eu lembrei o que Dante disse, quando ele entrou com seu mestre, Virgílio, nas portas do inferno (*Canto III*). Dante e Giotto, o pintor, estavam juntos na França e visitaram Paris com atenção, onde a corte de justiça poderia ser considerada o inferno. Portanto é provável que Dante, que semelhantemente dominava a língua francesa, tenha utilizado essa expressão; e me surpreende que ela nunca tenha sido entendida nesse sentido." [Longfellow 67] (Benvenuto Cellini, *Roscoe's Memoirs Cap. XXII*)

7.3 **Os avaros e pródigos**: Seu contrapasso é completar o giro da roda da fortuna que ajudaram a desequilibrar quando viviam. "Suas riquezas materiais se transformaram em grandes pesos que um grupo deve empurrar contra o outro, pois suas atitudes em relação à riqueza foram opostas." [Musa 95]

7.4 **Os pecados contra a fortuna**: A avareza, segundo descrição de Santo Agostinho, é a tendência em acumular e valorizar excessivamente coisas materiais. Outros a definem como a posse individual de coisas que a pessoa não precisa, ou que não precisaria ter só para si. Nesses termos, a avareza não se refere apenas a dinheiro ou bens, mas também ao conhecimento e à glória. [Longfellow 67] (de citação de Chaucer) Sendo a avareza um pecado onde se retém coisas materiais, a prodigalidade é o seu oposto, mas sempre em excesso. Pune-se aqui o desperdício, a gastança incontida, que, mesmo não prejudicando quem a pra-

Canto VII

— Pape Satàn pape Satàn aleppe! — começava Pluto com sua voz rouca. Virgílio virou-se para mim e disse, com segurança:

— Não tenhas medo dele. Lembre-se que, por mais que ele tenha poder, ele não pode impedir nossa descida. — Depois, dirigiu-se a Pluto e gritou:

— Cala a boca lobo maldito! Consome em ti mesmo tua raiva. Nossa descida não é sem propósito, pois é algo que se quer nas alturas!

Diante daquela voz revestida de autoridade, Pluto mal pôde reagir. Logo fraquejou e diante de nós, tombou.

Aproveitamos, então, para descer pela beira que contorna o quarto círculo. Lá vi mais almas que em todos os círculos precedentes. Estavam organizadas em dois grupos que se enfrentavam, com os peitos nus, rolando grandes pesos em sentidos contrários até colidirem uns com os outros. Após o choque um grupo gritava "por que poupas?". O outro gritava "por que gastas?". Depois do choque seguiam em sentido contrário até se encontrarem novamente, do outro lado do círculo. E assim continuavam por toda a eternidade.

Com o coração pungido de desgosto, perguntei:

— Mestre, quem são essas pessoas? Eram padres essas almas que vejo aqui do lado, com corte de cabelos em cercilha?

— Todos — respondeu o mestre —, em sua vida terrena, não foram judiciosos com seus gastos. Isto declaram, quando se encon-

tica (se for pessoa rica), prejudica o equilíbrio das riquezas na sociedade (a roda da fortuna). Por exemplo, optar por pagar mais caro por um produto pode fazer pouca diferença para uma pessoa de posses, dará maior lucro ao vendedor e, numa escala maior, influenciará o mercado a praticar preços mais altos, prejudicando os que não podem pagar mais. A prodigalidade geralmente está associada à ostentação, à necessidade de esbanjar riqueza, de impressionar, etc.

7.5 **A roda da Fortuna**: Comentário de Salvatore Viglio (Frei Cassiano): "O tema da Fortuna não era novo. Os pagãos chegaram a endeusá-la e a dedicar-lhe templos. Ela distribui os bens da terra rotativamente por não poderem pertencer todos a todos ao mesmo tempo. Dela dependem o alternar-se de miséria e riqueza, de bem-estar e de penúria por que passam os indivíduos e as nações. É, em outros termos, a Divina Providência que os pagãos chamam de Fortuna. A sua existência explicaria assim o estado de miséria em que vivem freqüentemente os sábios e os bons, destituídos de bens materiais, mas ricos, em compensação, dos tesouros da sabedoria e da virtude." [Viglio 70]

7.6 **"Cada esfera que brilha reflete sobre as outras"**: refere-se às esferas do Paraíso (os planetas, o sol, a lua e as estrelas). A Fortuna é comparada aos anjos (que cuidam do movimento dos planetas).

tram nas suas culpas opostas. Esses de coroa pelada são clérigos, papas e cardeais, nos quais a avareza se manifesta mais facilmente.

— Mestre — falei — em um grupo como este certamente serei capaz de reconhecer alguém.

— É inútil a tua esperança. — respondeu o mestre — Sua vida sem conhecimento os tornou imundos e agora é mais difícil reconhecê-los. Eternamente se enfrentarão, aqueles de punho cerrado e aqueles outros sem cabelos. Mal dar e mal guardar os tirou do mundo, colocando-os nessa rinha. Mas não vale a pena mais falar deles. Vês, filho, como de nada adianta os homens brigarem pela fortuna? Pois todo o ouro que está ou já esteve sob a Lua não comprará um minuto sequer de descanso para essas almas cansadas.

— Mestre meu — disse eu — me dize o que é a Fortuna de que agora falas? Como é que ela é, essa que guarda todas as riquezas do mundo em suas mãos?

— Aquele cujo saber tudo transcende — explicou-me o mestre — fez os céus e lhes deu quem os conduz, e cada esfera que brilha reflete sobre as outras, distribuindo igualmente a luz. Do mesmo modo, para as riquezas mundanas designou uma ministra para que ela cuidasse de permutar, de tempos em tempos, os bens profanos entre as nações e famílias, livres do alcance da cobiça humana. Então, enquanto uma nação impera, outra enfraquece, de acordo com o arbítrio dela, que é oculto como uma serpente na relva. Vosso saber não tem poder sobre sua lei, pois ela prevê, julga e rege sobre seu reino. E ela nunca pára. É amaldiçoada até por quem deveria louvá-la, mas como é beata, ela não os ouve, e continua a girar a sua roda eternamente.

7.7 **O Rio Estige (Styx)** é um dos rios do inferno clássico. Os outros são o Aqueronte, o Flegetonte, o Letes e o Cócito. O Estige é um rio pantanoso que cerca a cidade de Dite (*nota 8.2*). É também o quinto círculo onde ficam submersos os iracundos.

7.8 **Os vencidos pela ira** são amontoados no rio Estige juntos com seus semelhantes que não conseguiram controlar a raiva. São submetidos assim aos efeitos da ira causados por seus semelhantes, e então se mordem, se batem e se torturam. No fundo do Estige estão os rancorosos que, por nunca terem externado sua ira, não podem subir à superfície e ficam a gorgolar a lama no fundo do rio.

Não demoramos mais naquele lugar pois o dia já chegava ao fim, e nosso tempo era curto. Descemos então para o quinto círculo por uma vereda escura onde nascia uma fonte de água preta e fervente. Atravessamos o riacho e acompanhamos suas encostas através de um caminho estreito, até que chegamos finalmente às margens de um vasto pântano chamado Estige, onde o riacho desaguava.

Apesar da escuridão, pude ver naquela água escura, vultos nus cobertos de lama remexendo-se, com feições iradas. Eles esmurravam-se com as mãos, batiam cabeças, se chutavam e arrancavam as peles uns dos outros com os dentes.

— Filho — disse o bom mestre —, aqui tu vês as almas dos vencidos pela ira, e vou dizer-te ainda, se me crês, que embaixo d'água há gente que suspira, fazendo-a borbulhar. São aqueles vencidos pelo rancor, a ira contida e passiva, porém igualmente destrutiva. Eles gorgolam o lodo e formam as bolhas que pipocam sobre esta lama fétida.

Depois demos uma grande volta, seguindo entre o rio e a orla seca, sempre observando aqueles que engoliam a lama, até chegarmos ao pé de uma alta torre, no final.

Dante e Virgílio no Inferno. Pintura de Eugène Delacroix (século XIX) mostrando Flégias, o barqueiro, que faz a travessia do rio Estige levando Dante e Virgílio. O rio está repleto de almas iradas. Avista-se, no horizonte, a cidade de Dite e o fogo eterno. *(Museu do Louvre, Paris)*

Canto VIII

Eu devo explicar que, bem antes de chegarmos ao pé daquela torre, já observávamos as duas chamas que havia no seu cume. Na escuridão do rio, outra luz tão distante que quase não se via, respondia com um sinal. Voltei-me ao mar de toda sabedoria, e perguntei:

— Que sinais são estes? E aquela outra chama, o que ela responde? Quem é que as provoca?

— Sobre esta lama imunda em breve poderás perceber o que se espera — respondeu Virgílio.

Mal ele terminara de falar, da escuridão surgiu um barquinho pilotado por um barqueiro solitário, cortando a água em nossa direção.

— Chegaste, alma culposa! — gritou ele ao ancorar.

— Flégias, Flégias, desta vez tu gritas em vão — respondeu o meu senhor —, pois só vais nos levar à outra margem e nada mais. Contendo a sua ira, o barqueiro concordou. Meu guia calmamente embarcou e depois eu entrei, e só então o barco pareceu carregado.

No meio do caminho, um ser lamacento surgiu das águas e me chamou, perguntando:

— Quem és tu que vens antes do tempo?

— Venho — respondi —, mas não demoro, mas quem és tu tão revoltoso?

— Eu sou um dos que chora, como podes ver.

— Com choro e com luto, espírito maldito, que assim permaneças, pois eu te conheço, mesmo tão sujo!

Personagens e símbolos do Canto VIII

8.1 **Flégias (Phlegyas)** era o rei dos Lapitas. Teve sua filha Coronis violada pelo deus Apolo e, por isso, incendiou o templo de Apolo em Delfos como vingança. Por não conter a sua ira, foi condenado, no inferno clássico, a permanecer logo abaixo de uma pedra enorme, pendente, sempre prestes a cair sobre ele. [Longfellow 67]

8.2 **A cidade de Dite (Dis)** é a cidade dolente, habitada pelos hereges que duvidavam da sua existência. Serve de divisão entre os pecados cometidos sem intenção (culpa) e os pecados cometidos conscientemente (dolo).

8.3 **Filippo Argenti** é conhecido apenas das obras de Dante e do *Decamerão*, de Boccaccio. Teria sido um guelfo muito rico, forte e orgulhoso, mas de pavio curto. A menor provocação era respondida de forma explosiva e irada. Provavelmente era um guelfo da facção dos Neri e que teve algum desentendimento sério com Dante.

Depois que eu lhe respondi, ele irritou-se e saltou sobre o barco, tentando me agarrar. Virgílio, porém, foi mais rápido e conseguiu lançá-lo de volta ao rio.

— No mundo este homem foi pessoa orgulhosa — disse o mestre — e nada de bom resta em sua memória. Por isto é que sua alma está aqui tão furiosa. Quantos lá em cima se julgam grandes reis e aqui estarão como porcos na lama?

— Mestre — falei —, muito me agradaria também vê-lo aqui afundado na lama antes que saíssemos deste lago.

— Antes que apareça a outra costa — respondeu o mestre — teu desejo será satisfeito.

Pouco depois, ouvi seus companheiros o massacrarem. Eles gritavam: "Vamos pegar Filippo Argenti!". Deleitei-me ao ver aquele florentino arrogante morder a si mesmo com os dentes de raiva.

E lá o deixei, e disso não falo mais. Comecei, então, a ouvir vozes dolorosas, que me impeliram a olhar adiante.

— E agora meu filho — chamou-me o mestre — nos aproximamos da cidade que se chama Dite, com seus tristes cidadãos e grande companhia.

— Mestre, — observei — já posso ver as suas mesquitas logo acima do vale infernal! Elas brilham, vermelhas como ferro em brasa.

— É o fogo eterno que arde no seu interior que faz esse brilho rubro se espalhar pelo baixo Inferno. — completou Virgílio.

Entramos no fosso que cerca a cidade e Flégias deu uma grande volta em torno dela, onde pude observar seus muros que pareciam ser de ferro. Quando chegamos diante da entrada da cidade, Flégias gritou alto com toda a força:

— Saiam! Saiam logo! É aqui a entrada.

Flégias (o barqueiro) realiza a travessia do Rio Estige levando Dante e Virgílio. Dentro do rio estão condenados pelo pecado da ira. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Descendo do barco, fomos recepcionados por um grupo de demônios. Eles chegaram e perguntaram:

— Quem é esse que, sem morte, anda pelo reino da morta gente?

O sábio mestre veio em meu auxílio. Dirigindo-se aos demônios, fez sinais indicando que gostaria de falar com eles secretamente. Responderam os diabos, disfarçando sua arrogância:

— Tudo bem, mas vem tu sozinho. E esse outro aí, que achava que podia andar como rei nesta terra, que prove que pode voltar sozinho se souber, pois tu que o guiaste até aqui vais ficar conosco!

Apavorei-me diante dessas palavras e temi não mais poder voltar a ver o mundo outra vez.

— Caro meu guia — chorei, em desespero —, que tantas vezes me deste segurança, não me deixes, por favor! Se não pudermos prosseguir nesta jornada, que voltemos já sem demora!

Mas ele, confiante, me respondeu:

— Não temas, porque o nosso passo, ninguém pode impedir. Mas espera aqui e descansa. Não deixes de ter esperança, pois podes ter certeza que não te deixarei sozinho neste mundo baixo.

Ele falou e foi encontrar-se com os diabos, e eu fiquei só a observar de longe. Não ouvi a conversa. Só vi a briga de longe e a porta da cidade se fechar diante de Virgílio, que voltou para mim cabisbaixo, em um passo lento.

— Olha só quem me nega a cidade da dor! — disse, triste — Mas não temas, pois ainda vencerei esta prova. A esta hora já deve estar no portal deste Inferno alguém por quem esta entrada será aberta.

Personagens e símbolos do Canto IX

9.1 **Proserpina** (Perséfone): Filha de Zeus e de Demeter (deusa da agricultura) na mitologia grega. Foi raptada por Pluto (Hades) e se tornou rainha do mundo subterrâneo.

9.2 **Medusa**: é uma das três górgonas – horrendos monstros da mitologia grega que se assemelhavam a dragões, cobertos de escamas douradas e tendo serpentes no lugar dos cabelos. Tinham asas enormes e rostos arredondados e feios, com a língua sempre de fora mostrando os dentes afiados. Olhar para uma górgona transformaria a pessoa em pedra. Medusa era a única das três górgonas que não era imortal. [Encarta 97]

9.3 **Erínias (Fúrias)**: são divindades do inferno segundo a mitologia grega e romana. Obedecem a Hades (Pluto) e a Perséfone (Proserpina).

Canto IX

O medo me tomou quando vi o semblante do mestre, que se aproximava, e dizia quase para si:

— Precisamos triunfar, se não... Mas não, ora! A ajuda nos fora prometida! Como demora!

Eu vi muito bem como ele mudou de tom ao tentar encobrir o que falara, ou a palavra que não havia pronunciado, por isso mais medo tive ainda, pois a frase que ele deixara incompleta, eu completei com sentido pior.

— Alguma vez já desceu, a estes círculos profundos do Inferno, alguém do Limbo? — perguntei-lhe.

— Isto é raro — respondeu-me o mestre —, mas é verdade que eu mesmo já fiz esta viagem e desci até o círculo mais profundo, quando uma vez fui convocado. Não se preocupe, pois conheço bem o caminho.

Virgílio continuou a falar, mas, de repente, minha atenção se voltou para o céu onde vi três Fúrias infernais. Eram figuras femininas, ungidas de sangue e com serpentes ferozes no lugar dos cabelos. O mestre, que já conhecia as escravas de Proserpina, me apontou:

— Veja! São as Erínias ferozes! Aquela é Megera, à esquerda, e aquela que chora à direita é Aleto. Tesífone é a do meio.

Elas gritavam alto e com as unhas rasgavam o peito. Eu fui para junto do poeta, tomado pelo medo.

9.4 **Teseu**: foi um grande herói de Atenas, conhecido por várias façanhas, entre elas, aquela em que matou o Minotauro (*12.1*) de Creta e escapou do labirinto com a ajuda de Ariadne, filha de Minós (*5.2*). Teseu também fez uma viagem ao inferno (Hades) com Piritous – rei de Lapitas, para ajudá-lo a raptar Proserpina. Pluto (*7.1*) matou Piritous e manteve Teseu como prisioneiro, mantendo-o sentado no trono do esquecimento. Hércules (*25.3*) desceu ao inferno para salvar Teseu e arrastou Cérbero para fora do mundo subterrâneo, arrancando toda a pele em volta de seu pescoço.

— Vem Medusa, vem! — gritavam — vamos transformá-lo em pedra! Que pena que deixamos Teseu escapar!

— Fecha os olhos e volta-te! — gritou Virgílio — pois se a górgona vier e tu olhares para ela, não haverá mais volta ao mundo! — e com estas palavras ele me virou de costas e, não confiando nas minhas mãos que já estavam sobre os olhos, colocou as dele sobre as minhas e lá as manteve.

De repente, ouvi um grande estrondo e uma ventania tomou conta do ar levantando poeira e fazendo um barulho assustador. Depois, o Inferno começou a tremer. Ele então tirou as mãos dos meus olhos e disse:

— Agora vira-te e olha na direção do pântano, onde a bruma é mais espessa.

Olhei e vi mais de mil almas apavoradas no ar, fugindo, saindo do caminho de um ser que vinha, caminhando sobre o Estige, sem molhar os pés. Ele afastava o ar sujo com as mãos, e essa aparentava ser a única coisa que o incomodava. Eu tinha certeza, agora, que ele vinha do céu. Voltei-me para o guia mas ele fez um sinal para que eu permanecesse em silêncio.

O anjo chegou e tocou as portas de Dite com uma pequena vara, fazendo com que elas abrissem sem esforço.

— Ó almas mesquinhas — ele começou, sobre as portas da cidade sombria — por que resistis contra aquela vontade que nunca pode ser negada e que, mais de uma vez, só fez aumentar vosso sofrimento?

Depois de falar, voltou pelo mesmo caminho por onde tinha chegado. Nós depois prosseguimos, seguros por suas palavras sagradas, e entramos sem dificuldades pela porta principal.

9.5 **Cidade dos hereges**: Dite, como cidade dos mortos, contém um cemitério que abriga vários grupos hereges, entre eles, aqueles que não acreditaram na sua existência, como os seguidores das doutrinas de Epicuro, que negava a sobrevivência da alma após a morte corporal.

Já dentro da cidade, encontramos um cemitério de tumbas abertas, de onde se ouvia o lamentar de muitas vozes que queimavam em brasa dentro das covas.

— Mestre — perguntei —, que sombras são estas que aqui jazem e que só podemos perceber pelos seus lamentos?

— São os hereges e seus seguidores. — respondeu-me Virgílio — Em cada tumba repousam os réus de uma mesma seita, que são torturados pelo fogo eterno.

Dobramos, então, à direita, e continuamos a caminhar entre a muralha da cidade e as sepulturas.

Mapa 1: INFERNO SUPERIOR (vestíbulo e círculos I a V)

Portal do Inferno: "... Abandonai todas as esperanças, vós que entrais!" (*Canto III*)

Ante-inferno (vestíbulo): Fúteis e indecisos – aqueles que não tomaram partido do bem ou do mal (são rejeitados pelo céu e inferno). São torturados por vermes e vespas por toda a eternidade (*Canto III*).

Rio Aqueronte: Rio que cerca o inferno. A travessia (sem volta) é realizada por Caronte – o barqueiro (*Canto III*).

Círculo I (Limbo): Os que não pecaram, mas não foram batizados. Não sofrem porém não têm esperanças (*Canto IV*).

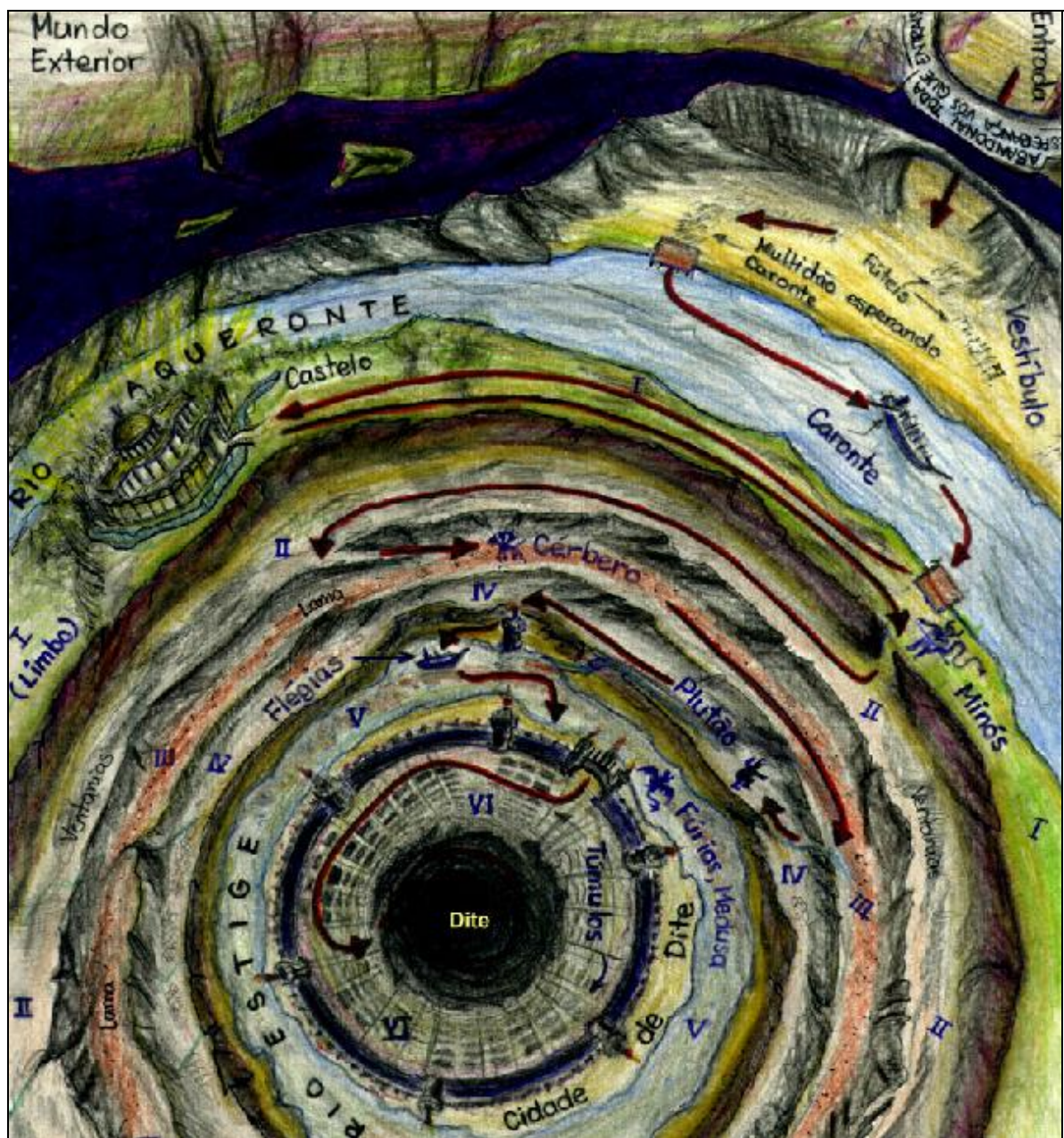
Minós: Juiz dos mortos. Monstro que se enrosca no próprio rabo e despacha os pecadores às suas penas (*Canto V*).

Círculo II: Luxuriosos. São agitados dentro de turbilhões de vento que nunca cessam (*Canto V*).

Círculo III: Gulosos. Jazem submersos na lama onde são dilacerados por Cérbero (*Canto VI*) e cortados pela chuva eterna.

Círculo IV: Avarentos e gastadores. Passam a eternidade empurrando pedras uns contra os outros sem finalidade (*Canto VII*).

Círculo V e Rio Estige: Dominados pela ira e pelo rancor. Massacram uns aos outros dentro do rio nojento (*Canto VII*) ou gorgolam a lama no seu fundo.

Cidade de Dite: a cidade da dor eterna, cercada pelo Estige, protegida por diabos e fúrias. *Flégias*: barqueiro do Estige realiza a travessia (*Canto VIII*).

Mapa 1: Inferno superior. *Ilustração de Helder da Rocha.*

Túmulos dos hereges dentro da cidade de Dite. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Canto X

Passávamos por um caminho secreto, entre a muralha e as sepulturas, quando eu perguntei ao mestre:

— Mestre, estas pessoas aqui enterradas, podemos vê-las? Pergunto isto já que todas as tumbas estão descobertas e ninguém as guarda.

— Elas serão um dia fechadas — respondeu —, quando aqui retornarem com os corpos que deixaram lá no mundo. Este cemitério que aqui vês é para Epicuro e seus seguidores, que acreditavam que a alma morreria junto com o corpo. E quanto à outra questão que me fizeste, ela será em breve respondida, assim como o desejo que escondes de mim será atendido.

— Ó meu bom guia — falei — eu não escondo meu coração, e se pouco falo, é porque tu mesmo me pedisse isto outras vezes.

— Ó toscano que falais com tamanha honestidade. Por vosso sotaque reconheço que sois de minha cidade natal. Daquela nobre cidade que tratei, talvez, de forma muito dura.

Isto eu ouvi soar de uma das tumbas. Assustado, fui para mais perto do mestre, que disse:

— Volta! O que estás fazendo? Vê Farinata que já se ergueu. Tu o verás em pé, da cintura para cima.

Eu já lhe fixava o olhar, e lá estava ele, imponente, como se nutrisse grande desprezo pelo Inferno. Virgílio guiou-me até ele, dizendo:

— Vai, e escolhe tuas palavras com cuidado.

Personagens e símbolos do Canto X

10.1 **Epicuro** (341-270): filósofo grego que ensinou em Samos e Atenas. Sua filosofia materialista defende que todas as coisas são formadas por átomos cujas combinações dão ao mundo sua estrutura particular. A moral de Epicuro – diferentemente da reputação que adquiriu junto à igreja – recomenda gozar os bens materiais e espirituais com ponderação e medida, de forma que seja possível perceber o que neles há de melhor. O Epicurismo na opinião da Igreja era uma heresia, pois considerando todas as coisas materiais, negava a existência da alma e da vida após a morte. [Larrousse 98]

10.2 **Farinata degli Uberti** foi um dos mais importantes líderes dos guibelinos em Florença. Participou da sangrenta batalha de Montaperti (*nota 10.6*), onde os guibelinos massacraram os guelfos (partido da família de Dante) e retomaram o poder em Florença. Levantou-se, depois, contra a maioria dos seus aliados quando eles propuseram destruir a cidade, pouco após a retomada da cidade. O discurso de Farinata convenceu os guibelinos que desistiram do projeto. Apesar de ter pontos de vista diferentes dos de Dante, este o respeita por suas atitudes apartidárias em favor da população de Florença.

10.3 **Guido Cavalcanti** era poeta e amigo íntimo de Dante e, como seu pai, era incrédulo, por isso é esperado por ele entre os hereges.

10.4 **Cavalcante di Cavalcanti** pai de Guido Cavalcanti, pertencente a influente família guelfa. Dante menciona que seu filho não apreciava a poesia de seu guia, Virgílio. Cavalcante entende o verbo no passado como indicação que seu filho não mais vivia, o que era falso. Cavalcante é incapaz de saber o que ocorre no presente.

E quando eu estava diante de sua tumba, ele me olhou um pouco, meio desdenhoso e perguntou:

— Quem foram os vossos ancestrais?

E eu, que só desejava contentá-lo, nada escondi e contei-lhe a verdade. Com isto, ele levantou um pouco as sobrancelhas, mas depois disse:

— Tão duros na oposição foram a mim, aos meus parentes e ao meu partido, que por duas vezes eu os expulsei.

— Mas duas vezes eles retornaram — repliquei —, coisa que os vossos partidários nunca conseguiram fazer.

Enquanto conversávamos, fomos repentinamente interrompidos pelo surgimento de um outro vulto, residente naquela mesma tumba, que pude ver apenas do queixo para cima. Creio que estivesse de joelhos. Ele olhou em volta esperando ver alguém. Não encontrando quem ele procurava, falou chorando:

— Se neste cárcere cego vais por grandeza de engenho, onde está meu filho? Por que ele não está contigo?

— Eu não estou só — disse-lhe — aquele que ali espera me guia por estas trevas; aquele por quem, talvez, teu Guido nutria um certo desprezo.

Pelo seu modo de falar e pela sua pena, não foi difícil descobrir de quem se tratava, por isso minha resposta foi tão direta. Mas subitamente ele ficou em pé, e gritou:

— Como? Disseste que ele *nutria*? Então ele não mais vive? Então a luz doce não mais brilha nos seus olhos?

E quando percebeu que a resposta demorava demais, ele subitamente afundou e não apareceu mais. Farinata continuava no mesmo lugar onde estávamos quando a conversa fora interrompida.

10.5 **A profecia de Farinata** refere-se ao exílio de Dante que acontecerá em menos de 50 meses, ou 4 anos (1304).

10.6 **A Batalha de Montaperti (monte da morte)**: Uma das mais sangrentas batalhas de toda a história ocorreu quando o exército de Siena – cidade governada pelos guibelinos, enfrentou o exército de Florença – governada pelos guelfos. Do lado de Siena estava o guibelino florentino Farinata degli Uberti que estava exilado e pretendia recuperar o poder em Florença. A batalha durou do amanhecer ao por do sol do dia 4 de setembro de 1260. O exército guelfo era muito mais numeroso que o dos guibelinos mas estes eram mais agressivos. Um momento decisivo da luta ocorreu quando o guelfo florentino Bocca degli Abati traiu o seu próprio exército e junto com seus aliados, que esperavam o momento certo para atacar, voltaram-se contra os guelfos e deram uma vitória fácil aos guibelinos. Mas os guibelinos não ficaram satisfeitos. Foram atrás dos guelfos em fuga e os mataram cruelmente, mesmo aqueles que já haviam se rendido. O resultado foi um saldo de mais de 10 mil mortos que banhou o rio Arbia de sangue. [HistoryNet]

Não se incomodou e sequer olhou para ver o que acontecia. Ele simplesmente continuou de onde tinha parado:

— Se eles não sabem como retornar, isto me dói mais que o fogo deste leito. Retornar não é fácil. Em menos de 50 luas, vós mesmo sabereis como é difícil retornar de um exílio. E como eu espero que vós estareis de volta ao doce mundo, dizei-me, por que vosso partido é tão duro com os meus, nas leis que cria contra eles?

— Certamente, tudo começou com o massacre que tingiu o rio Árbia de vermelho. — respondi, e ele balançou a cabeça.

— Nisso não fui só eu — respondeu — mas certamente eu também não teria ido se não fosse por uma boa causa, mas, quando eles decidiram, unânimes, pela destruição de Florença, fui somente eu que me levantei e ousei defendê-la de rosto aberto.

— Que agora encontre a paz, a vossa descendência — respondi-lhe — mas gostaria que vós me esclarecesses uma coisa. A mim pareceu, se bem entendi, que todos vós têm a capacidade de ver o futuro, mas com o presente, o mesmo não ocorre.

— Os espíritos são capazes de prever o futuro, mas não podem ver o presente. Um dia, quando a porta para o futuro for fechada para sempre, todo o nosso conhecimento será findo.

— Então — pedi, arrependido — dizei àquele que desceu na tumba que o filho dele ainda vive. Foi por não compreender que os espíritos nada sabiam do presente, que eu fiquei em silêncio.

O mestre já me chamava, então, fiz uma última pergunta a Farinata. Perguntei-lhe se havia outros conhecidos que com ele compartilhavam aquela tumba.

10.7 **Frederico II** foi rei da Sicília e Imperador do Sagrado Império Romano (1215-1250). Foi excomungado duas vezes: primeiro pelo papa Gregório IX, e depois pelo seu sucessor, o papa Inocêncio IV. Grande incentivador da cultura. A sua corte na Sicília foi chamada por Dante de berço da poesia Italiana.

10.8 **Cardeal Ottaviano degli Ubaldini** era conhecido por apreciar os valores mundanos e ser amigo dos guibelinos (partido que rejeitava a autoridade da Igreja em favor da monarquia imperial).

— Com mais de mil jazo neste valo. — respondeu — O imperador Frederico está comigo, e também o Cardeal Ottaviano. Sobre os outros, eu me calo.

Depois disso, calou-se e desapareceu. Eu perguntei ao mestre sobre o que esperar das previsões de Farinata e ele me respondeu:

— Guarda em memória tudo o que aqui ouviste contra ti, mas espera até chegares a encontrar Beatriz, pois o olhar dela tudo conhece.

Dobrando agora à esquerda, caminhamos do muro para o meio, onde começava uma vereda que descia para um fosso profundo, de um ar mais espesso e malcheiroso.

Personagens e símbolos do Canto XI

11.1 **O papa Anastácio II (496 d.C.)** acolheu em Roma o diácono Fotino e foi com ele acusado de heresia [Mauro 98]. Fotino era diácono de Tessalônica e foi culpado de heresia por dizer que o Espírito Santo não procedia do Pai e que o Pai era maior que o Filho.

11.2 **Círculo da violência**: Enquanto nos círculos da incontinência são punidos os pecados da culpa causada pela falta de auto-controle, nos círculos da violência são punidos os pecados dolosos, ou seja, que foram cometidos de forma consciente e por vontade do pecador, que teve que agir de alguma forma para escolher o mal. A violência é uma característica bestial do ser humano. Os seres mitológicos que habitam este círculo são seres meio humanos e meio animais como os centauros, o Minotauro e as Hárpias.

11.3 **Círculo da fraude** (fraude simples): A fraude é uma característica humana, pois exige o uso do intelecto. O pecador, portanto, não só procurou o mal por vontade própria como o planejou, premeditou o seu ato na sua mente antes de executá-lo. Os seres mitológicos que habitam o oitavo círculo mentem, enganam e trapaceiam. São demônios.

Canto XI

Chegamos à beira de um precipício, onde havia um barranco derrubado, cujas pedras formavam uma grande rampa que permitiria nossa descida. Porém, o ar denso e fedorento que emanava do abismo, nos afastou de sua borda, de forma que tivemos que nos proteger sob a cobertura de uma tumba onde estava escrito: "Aqui jaz o papa Anastácio que Fotino desviou do bom caminho".

— Nós teremos que atrasar um pouco a nossa descida para que possamos nos acostumar com este ar poluído — disse Virgílio.

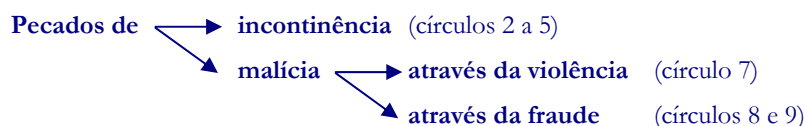
— Devemos então encontrar uma forma de aproveitar esse tempo utilmente — sugeri.

Ele concordou. Iniciou, então, uma detalhada explicação sobre a geografia dos três círculos restantes do Inferno.

— Meu filho, depois deste barranco há mais três círculos, concêntricos, organizados em degraus, como os anteriores. — disse ele. — Toda a maldade é alcançada ora através da *violência* ora através da *fraude*. Embora ambas sejam odiadas pelo céu, a fraude, por ser uma perversão exclusiva do homem, desagrada mais a Deus. Os fraudulentos, portanto, são colocados nas valas mais profundas do Inferno, onde sofrem muito mais.

O próximo círculo (sétimo) que nós encontraremos é o dos violentos, que se divide em três giros, classificados de acordo com a vítima da violência praticada. No primeiro giro estão aqueles que praticaram violência contra o próximo ou contra os bens do próxi-

11.4 **Círculo da traição** (fraude complexa): A traição é o pior dos crimes. É o mal planejado e executado contra uma pessoa desarmada e indefesa que assim se encontra por se sentir segura diante do agressor, no qual confia. Este pecado é representado por Lúcifer, que traiu a Deus. O próprio Lúcifer se encontra no centro da terra, no nono círculo onde tortura eternamente os traidores humanos.

11.5 **A justiça infernal**: respeita a filosofia de Aristóteles que afirma, no início do livro VII da obra *Ética a Nicômaco*: "deve ser observado que há três aspectos das coisas que devem ser evitados nos modos: a malícia, a incontinência e a bestialidade." A alma incontinente tem *culpa*, mas a culpa é menos grave que o *dolo*, a vontade de pecar. Esta vontade, quando surge de *ocasião*, como manifestação da natureza animal é ainda menos grave que aquele pecado que é cometido de forma arquitetada, *premeditada*, usando a inteligência própria do ser humano a serviço do mal. Ainda assim, é menos grave um indivíduo arquitetar e executar um crime contra um *desconhecido*, que pode se defender de um estranho que o ameaça, que ele fazer o mesmo com alguém que *confia* nele, e por isto está indefeso e desarmado. A traição, portanto, recebe a justa punição máxima, nas profundezas mais profundas do inferno. Mark Musa observa que a justiça do inferno é um sistema dual, que pode ser ilustrada da seguinte forma [Musa 95]:

11.6 **Ética a Nicômaco**: obra de Aristóteles. Virgílio a chama de "sua Ética" porque sabe que Dante a conhece bem. A Ética foi comentada por Tomás de Aquino e tem influência na organização dos círculos do inferno. Veja *nota 11.5*.

11.7 **Física**: obra de Aristóteles. No livro II, capítulo 8, escreve "em geral a arte humana ou completa o que a natureza é incapaz de fazer ou imita a natureza."

11.8 **O Gênese** instrui o homem a tirar da natureza e de sua arte (trabalho) a sua sobrevivência: "em fadiga comerás dela todos os dias da tua vida. Ela produzirá também espinhos e comerás as ervas do campo. Do suor do teu rosto comerás o teu pão, até que tornes à terra, porque dela foste tomado; pois és pó, e ao pó tornarás." (*Genesis* 3:17-19)

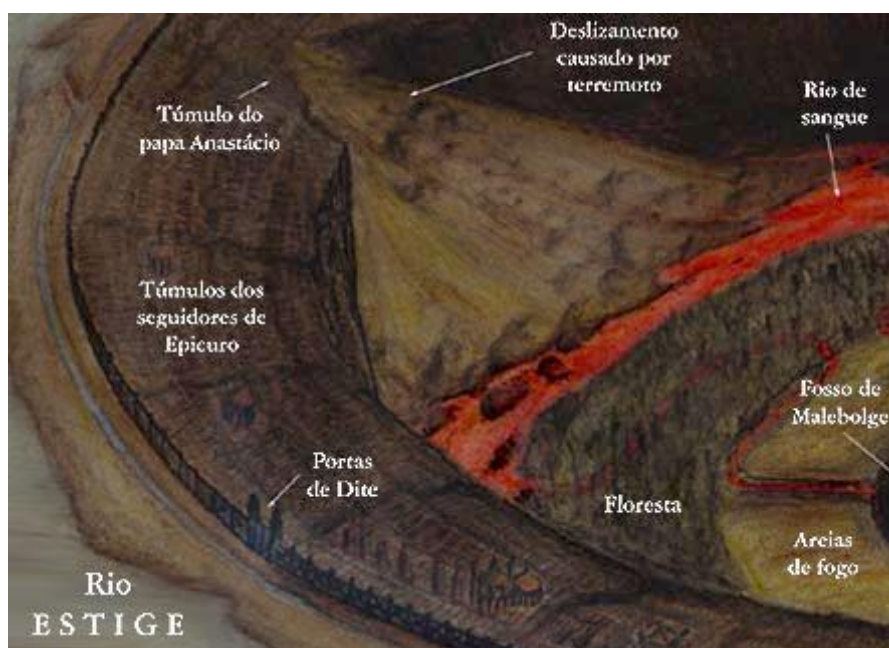
11.9 **Cronologia:** já é madrugada do sábado de aleluia, segundo Virgílio.

mo. Lá sofrem os assassinos, assaltantes e tiranos em grupos diferentes, de acordo com a gravidade de seus crimes. No segundo giro estão aqueles que praticaram a violência contra si próprios ou contra seus próprios bens. Os suicidas e gastadores que arruinaram suas próprias vidas (no jogo, por exemplo) se encaixam neste grupo. No último giro do sétimo círculo estão aqueles que praticaram violência contra Deus. São os que, orgulhosos, não acreditaram nele ou que o atacaram com blasfêmias, através da destruição e desprezo pela sua criação ou pela exploração da criação dos seus filhos através da usura.

Nos dois últimos círculos estão os que praticaram a fraude. Eles premeditaram seus atos e têm plena consciência do mal que causaram. Um homem pode praticar dois tipos de fraude: contra pessoas que confiam nele ou contra estranhos que podem suspeitar dele. Este último tipo só destrói o vínculo do homem com a natureza e é punido no oitavo círculo onde encontraremos hipócritas, aduladores, ladrões, falsários, simoníacos, sedutores e trapaceiros. O primeiro tipo de fraude desfaz não só o vínculo do homem com a natureza, mas também aquele vínculo de confiança estabelecido com outros homens. É, portanto, no menor dos círculos, no nono e último, junto com Dite (Lúcifer), onde são punidos os que traíram aqueles que neles confiaram.

Quando o mestre concluiu seu discurso, perguntei-lhe:

— Por que alguns pecadores cumprem suas penas (mais leves) fora da cidade de Dite e outros cumprem penas mais pesadas dentro da cidade? Por que todos não estão aqui?

— Será que tu já esqueceste o que diz a tua *Ética* — respondeu —, quando ela explica em detalhes, as três coisas que ao Céu

Vista da cidade de Dite, sexto e sétimo círculos. *Ilustração de Helder da Rocha.*

mais desagradam: *incontinência*, *malícia* e *bestialidade*? A culpa por ter pecado por causa de incontinência ofende menos a Deus. Se tu lembrares com cuidado essa doutrina, entenderás por que aqueles lá de cima foram separados destes maliciosos aqui em baixo.

A explicação foi bastante esclarecedora, mas uma dúvida ainda me atormentava. Eu não entendia como a usura podia ser um pecado de ofensa a Deus. Fiz, então, essa pergunta a Virgílio, que me respondeu:

— Mostra a filosofia, àquele que a compreende, como a Natureza se manifesta a partir do intelecto divino e da sua Arte. Se recorreres a tua *Física*, encontrarás, bem no início, como a *vossa* Arte também imita a Natureza. E, como o aprendiz que segue os ensinamentos do seu mestre, a Arte, sendo filha do homem, torna-se quase neta de Deus. Se lembras o que diz o *Gênese*, logo no início: convém ao homem tirar da Natureza e de sua Arte os meios para a sua sobrevivência. Mas o usurário, ao seguir outros caminhos, agride à Natureza e a Arte, que dela deriva, pois em outra coisa (o dinheiro) põe suas esperanças.

A aurora já se aproximava e o mestre me chamou para continuar a jornada, pois ainda faltava muito antes que chegássemos à descida para o rochedo.

Personagens e símbolos do Canto XII

12.1 **O Minotauro**: Monstro mitológico com corpo de homem e cabeça de touro. Nasceu da recusa do rei Minós (*5.2*) em sacrificar um touro enviado por Netuno, o que motivou o deus a fazer com que a esposa de Minós se apaixonasse pelo touro e com ele tivesse um filho, que foi o Minotauro. Depois do seu nascimento, o Minotauro foi aprisionado em um labirinto criado por Dédalo. O labirinto era tão complexo que ninguém jamais conseguira escapar dele e, perdido, sempre acabava devorado pelo Minotauro. O herói grego Teseu (*9.4*) entrou no labirinto com um carretel de linha oferecido por Ariadne, filha de Minós, conseguiu matar o Minotauro e escapar com vida.

Canto XII

Descemos por uma rampa formada por um enorme deslizamento de pedras, causado provavelmente por um terremoto ou pela contínua erosão. O barranco derrubado esculpia vários caminhos íngremes e irregulares da beira do precipício até embaixo, permitindo a descida com dificuldade. Quando descíamos por esse caminho tortuoso, encontramos, na beira do barranco destruído, o Minotauro de Creta. O touro ficou tão enfurecido quando nos viu que mordeu suas próprias mãos de raiva. Mas Virgílio logo o afastou, gritando:

— Pensas talvez que estás vendo o duque de Atenas, que no mundo te trouxe a morte? Vai embora, besta, que este só vem aqui para conhecer vossas penas!

Tentando escapar, assustado com aquela voz revestida de autoridade, o Minotauro começou a bufar e espernear, escoiceando como se tivesse sido ferido. O mestre, alerta, gritou:

— Vamos andando! Rápido! Vamos aproveitar para escapar enquanto ele se consome em sua fúria.

Seguimos então pelas pedras, que eu freqüentemente sentia balançarem sob os meus pés. Eu pensava sobre as ruínas quando o mestre falou:

— Imagino que pensas sobre estas ruínas, guardadas por aquela fera semi-humana. Quero que saibas que, quando aqui estive da última vez, esta avalanche ainda não havia acontecido. Se eu bem lembro, ela ocorreu pouco antes da descida Daquele que veio ao In-

12.2 **O rio Flegetonte (Phlegethon)** é o rio de sangue fervente que tortura os pecadores que foram violentos contra os seus semelhantes. Na mitologia grega é um rio de fogo. Dante só revela o nome deste rio de sangue mais adiante.

12.3 **Centauros**: Monstros mitológicos que tinham o corpo de cavalo da cintura para baixo e de homem da cintura para cima. Os centauros se destacavam por sua natureza selvagem e violenta. A única exceção era o centauro Quirón.

12.4 **Quirón** foi o mais sábio dos centauros. Diferentemente dos outros da sua espécie, Quirón não agia de forma selvagem e era conhecido por sua sabedoria e bondade. Educou vários heróis gregos, entre eles Aquiles (*5.8*) e Jasão (*18.4*).

12.5 **Os violentos contra o próximo**: Como o Minotauro e os centauros que dividem sua natureza animal com a sua natureza humana, os pecadores mergulhados no rio Flegetonte mantém imersa sua parte animal – bestial e violenta, no rio de sangue daqueles que oprimiram. Quanto mais grave o crime, maior a parte imersa. Os assaltantes, dentro do rio, são indistinguíveis dos centauros, pois têm apenas o peito de fora. São punidos por terem praticado violência contra os *bens* de suas vítimas. Os homicidas só mantém fora a cabeça. Tiraram a *vida* de suas vítimas. Os tiranos só mantém acima da superfície suas sobrancelhas. Eles atentaram contra a *vida* e contra os *bens* de suas vítimas.

ferno para levar os justos para o céu. Na ocasião, todo este abismo tremeu. Não só aqui houve destruição, mas também em outras partes. Mas olha lá para baixo que em breve avistarás o rio de sangue fervendo as almas dos violentos contra seus semelhantes.

De lá do alto vi uma larga fossa, curva como um arco, assim como o mestre me descrevera, que se estendia por todo o plano abaixo. Na base do penhasco apareceu uma ala de centauros, armados com flechas. Quando nos viram, três deles se afastaram do grupo e vieram na nossa direção, armados, com as flechas esticadas, prontas para atirar. Um deles então gritou:

— Vocês aí! O que querem? Que tortura procuram? Falem logo ou eu atiro!

— Nossa resposta daremos somente a Quirón, teu chefe! — gritou o mestre de volta. — Só com ele falaremos pois tu estás demasiado nervoso. — Depois ele voltou-se para mim e disse — Aquele ali é Nesso, que morreu pela bela Dejanira, e fez do seu sangue sua própria vingança. O do meio, que contempla seu peito, é o grande Quirón, que educou Aquiles; o último é Fólo, aquele que nos ameaçou cheio de ira.

Quando estávamos diante dos centauros, ouvimos Quirón falar aos outros dois:

— Vocês perceberam que aquele que está atrás move tudo o que toca? Isto não é o que fazem normalmente os pés de um morto!

O mestre, que já estava diante do centauro e ouvira o final da conversa logo lhe esclareceu:

— Ele está, de fato, vivo, e eu fui designado para guiá-lo por este caminho. Ele faz esta viagem por necessidade e não por prazer. Ele não é ladrão nem eu alma criminosa. — e pediu — Dá-me para nos

12.6 **Nesso**: Centauro que, ao morrer ferido por Hércules (*25.3*), disse à sua esposa Dejanira que seu sangue era um poderoso afrodisíaco. Dejanira então banhou uma túnica no sangue de Nesso e a deu para Hércules vestir. O sangue revelou-se um veneno e levou Hércules a morte.

12.7 **Alexandre** é provavelmente o tirano de Pherae (368-359 a.C), contemporâneo de Dionísio, cuja crueldade extrema fora relatada nas obras de Cícero.

12.8 **Dionísio** (430-360 a.C.): foi tirano de Siracusa, Sicilia. Venceu várias guerras contra Cartago e tornou Siracusa a cidade mais poderosa da Itália grega. Dionísio era conhecido por patrocinar o teatro. Era também ator e freqüentemente atuava nos festivais dramáticos de Atenas. [Encarta 97]

12.9 **Azzolino**: foi tirano da cidade de Pádua.

12.10 **Obizzo d'Este**: foi tirano da cidade de Ferrara.

12.11 **Guy de Montfort**: Em 1272, durante a missa numa igreja de Viterbo, Guy de Montfort apunhalou e matou o príncipe Henrique, filho de Ricardo da Cornualha, como forma de vingar a morte de seu pai, vítima do rei Eduardo I. De acordo com Giovanni Villani, o coração de Henrique foi colocado numa taça de ouro sobre uma coluna central da torre de Londres, onde até hoje o sangue pinga sobre o Tâmisa. [Musa 95]

12.12 **Átila, o Huno** (406-453): chamado de *flagelo de Deus*, era rei dos Hunos. Invadiu a Europa deixando um rastro de destruição e morte. Devastou o norte da Itália mas morreu antes que pudesse invadir Roma.

12.13 **Pirro**: Segundo alguns comentaristas é o rei de Epiro, que venceu os romanos três vezes entre 280 e 276 a.C.[Musa 95] Para outros é o filho de Aquiles. [Mauro 98]

12.14 **Sexto**: o filho mais novo de Pompeu, segundo a maioria dos comentaristas. Outros acreditam que seja Sexto Tarquinio Superbo que estuprou e causou a morte de Lucrécia, a esposa de seu primo. [Musa 95]

12.15 **Rinier da Corneto** e **Rinier Pazzo**: foram famosos salteadores nas estradas da Toscana. [Mauro 98]

guiar um do teu povo, para que nos leve à passagem onde o rio fica raso e possa levar este nas costas, pois ele não é espírito que voa.

Quirón, então, voltou-se para Nesso e ordenou-lhe que nos mostrasse o caminho. Partimos com a fiel escolta, margeando o rio de sangue, onde almas ferviam e gritavam de dor. Lá eu vi almas submersas até os olhos.

— Esses que tu vês mergulhados até os olhos — explicou o centauro —, são os tiranos que tiraram o sangue e os bens de suas vítimas. Aqui choram por seus feitos desumanos Alexandre e Dionísio, que fez a Sicília sofrer durante anos. Aquele de cabelos negros é Azzolino e o outro, louro, é Obizzo d'Este.

Pouco adiante, parou outra vez o centauro, e mostrou-nos alguns que ficavam submersos no sangue até a garganta.

— Eis aquele que assassinou, durante a missa, aquele outro cujo coração ainda sangra sobre o Tâmisa — indicou Nesso.

Mais adiante, eu mesmo pude reconhecer alguns dos réus cujo peito já emergia. À medida em que caminhávamos o nível do sangue ia baixando até que enfim só ardia a sola dos pés. Lá finalmente encontramos um trecho raso por onde podíamos atravessar.

— Assim como vês o rio fervente aqui, deste lado, ficando cada vez mais raso — disse o centauro —, do outro lado ele se torna cada vez mais fundo, até chegar ao ponto de maior profundidade que é onde sofrem os tiranos. É lá que a divina justiça atinge Átila, que foi um flagelo na terra, e Pirro e Sexto; e para sempre espreme as lágrimas que o sangue escaldante produz de Rinier da Cornetto e Rinier Pazzo, que transformaram as estradas em campo de guerra.

Chegando a outra margem, descemos da garupa de Nesso. Ele então, atravessou o rio novamente e se foi.

Centauros aguardam Dante e Virgílio diante do rio de sangue fervente) onde sofrem os culpados de violência contra o próximo (assaltantes, assassinos e tiranos). *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Canto XIII

Antes que Nesso tivesse terminado de atravessar o vau do rio de sangue, já estávamos nós em um bosque, não verde, mas de folhagens foscas, sem frutos, sem ramos e com os troncos cobertos de espinhos. Era ali que faziam seus ninhos as vis Hárpias — seres de grandes asas e rostos humanos, garras nos pés e ventres emplumados que lançam das alturas lamentos misteriosos.

— Antes que entres — disse me o mestre —, saibas que estamos no giro segundo deste sétimo círculo. Fica atento pois aqui verás coisas incríveis que falsas soariam se eu te contasse.

Caminhávamos pelo bosque deserto e eu ouvia vozes de lamento, sem avistar ninguém que pudesse ser a fonte de tais lamúrias. Creio que Virgílio tenha pensado que eu estava achando que as vozes emanavam de pessoas escondidas atrás das árvores, por isso falou:

— Se arrancares um galhinho de uma dessas plantas, mudarás o que agora imaginas.

Eu, seguindo seu conselho, levei a mão à primeira que encontrei, e dela arranquei um pequeno ramo.

— Ai! Por que me quebrantas? — gritou o tronco, chorando. E depois de se cobrir todo de sangue, disse ainda, triste — Por que me atormentas? Não tens espírito de piedade? Homens um dia fomos e hoje só restam paus. Devias ter mais cortesia mesmo que fôssemos almas de serpentes.

Personagens e símbolos do Canto XIII

13.1 **Os violentos contra si próprios** são aqueles que tiraram a sua própria vida (os suicidas) e os pródigos (gastadores) que gastaram tanto (por vontade de gastar) que terminaram na miséria (os viciados em jogo, por exemplo). O que diferencia estes gastadores daqueles gastadores incontinentes do quarto círculo (*Canto VII*) é que estes sabiam que iriam terminar pobres e miseráveis e mesmo assim, decidiram continuar gastando até alcançar seu objetivo, que se caracteriza como uma violência contra si próprios. Os primeiros, embora não se tenham se controlado, não chegaram a se auto-destruir.

13.2 **As Hárpias** são seres da mitologia grega caracterizados por possuírem corpo, asas e garras de ave de rapina com cabeça de mulher. Elas podiam voar à velocidade do vento. Freqüentemente raptavam humanos e os levavam ao inferno.

13.3 **Frederico II**: veja *nota 10.7*.

13.4 **Primeiro suicida – Pier della Vigna** era ministro que ocupava um cargo de alta confiança na corte do imperador Frederico II (*10.7*). Foi acusado de traição ao aliar-se ao papa (Inocêncio IV) e tramar a morte de Frederico, sendo por essas acusações, condenado à morte. Antes, porém, Pier cometeu suicídio. Ele alega que foi vítima de uma armação e que sua acusação era injusta. Dante acredita em Pier pois do contrário não o teria colocado entre os suicidas mas entre os traidores, no nono círculo.

Saía da ferida, uma mistura de sangue e palavras, cuspindo e assobiando. Assustado, soltei o galho que eu segurava e permaneci parado, como quem teme.

— Ó alma ferida — falou Virgílio, dirigindo-se à planta — fui eu que o incitei a fazer o que agora me entristece. Se ele soubesse que sofrerias, ele jamais teria erguido a mão contra ti. Mas dize a ele quem foste, pois ele voltará ao mundo onde poderá resgatar a tua fama.

— Tão amiga soa tua fala que devo responder. Fui ministro de Frederico II e vítima de grande injustiça, calúnias e inverdades. Por causa delas, tirei minha própria vida. Sempre fui atento ao meu senhor e nunca o traí. Se algum de vós regressar ao mundo, por favor restaure a minha memória que foi maculada pela inveja.

Virgílio esperou um pouco, depois me falou:

— Já calou-se o suficiente. Não percas tua vez. Pergunta, se há mais alguma coisa que desejas saber.

— Por que tu não perguntas o que achares que a mim poderá satisfazer? — perguntei — Eu não posso. Não conseguiria falar.

Ele então, voltou para o espírito:

— Ó espírito em desgraça, dize-nos como uma alma se funde com estas plantas e se algum de vós, um dia, escapará desses galhos.

Ao ouvir, a árvore respirou fundo e depois seu sopro se transformou em uma voz que respondeu:

— Quando alguma alma se separa do seu corpo por sua própria vontade, Minós a manda para a sétima foz. De lá, cai nesta selva escura, brota como uma semente e cresce, até tornar-se um espinhoso arbusto. As Hárpias nutrem-se de nossos galhos e assim nos trazem eterna e intensa dor. Como os outros, um dia retornaremos

13.5 **Lano (Ercolano Maconi)** era, de acordo com os comentários de Boccaccio, um jovem muito rico de Siena que pertencia a um clube chamado *Clube dos Gastadores*. Chegou a consumir tudo o que tinha e se tornou muito pobre. Alistou-se, depois, às tropas florentinas contra os aretinos. Durante a batalha de Toppo, procurou fugir, dando de cara com o exército inimigo que o matou.

13.6 **Cadelas famintas:** "Alguns comentaristas interpretam esses cães como a *pobreza* e o *desespero*, ainda perseguindo suas vítimas depois da morte. O *Ottimo Comento* os interpreta como homens pobres que, abandonando suas famílias e lares para servir a pessoas que arruinaram suas vidas, foram transformadas em cães caçadores e agora passam a eternidade perseguindo seus mestres." [Longfellow 67].

13.7 **Giacomo de Santo Andrea** era um paduano e tinha uma vida de gastança como a de Lano. "O *Ottimo Comento* afirma que, desejando observar um grandioso e belo fogo, mandou atear fogo em uma de suas fazendas." [Longfellow 67]. Giácomo é o pecador que é perseguido e dilacerado pelas cadelas, arrancando, na fuga, vários galhos do suicida que lamenta e chora de dor.

13.8 **Segundo suicida**: Este suicida não foi identificado por nenhum dos comentaristas da obra de Dante. Ele reclama de Giácomo de Santo Andrea (*13.7*) por este ter provocado mais sofrimento e dor ao arrancar seus galhos.

13.9 **João Batista** é padroeiro da cidade de Florença.

para reaver nossos corpos, mas nunca mais poderemos vesti-los, pois, injusto seria que tivéssemos algo que rejeitamos. Nós os arrastaremos até aqui onde, nesta triste floresta, nossos corpos serão para sempre pendurados nos galhos de suas almas vis.

Enquanto ouvíamos a árvore falar, um novo ruído desviou a nossa atenção. Eram dois vultos nus, que corriam, sangrando. Arrancavam, na fuga, todos os galhos dos arbustos por onde passavam.

— Me acode, me acode, Morte! — gritava o primeiro.

— Lano, com tuas pernas poderias ter tido mais sorte na batalha de Toppo! — dizia o outro que, não podendo mais correr, caiu sobre um arbusto e se ficou coberto de espinhos.

Atrás dos dois a selva estava repleta de cadelas pretas, ágeis e famintas. Elas chegaram e afundaram suas presas no pobre coitado que se escondia e o dilaceraram, arrancando seus pedaços e fugindo com partes de seus membros arrancados.

Depois que as cadelas se foram, Virgílio me levou até um arbusto que chorava, em vão, através das suas muitas fraturas que sangravam.

— Ó Giácomo de Santo Andrea — chorava —, que culpa tenho de tua vida perversa?

— Quem foste tu que agora, através das feridas, sopras com sangue este sermão amargo? — perguntou o mestre.

— Ó almas que chegaram a tempo de ver esta injusta mutilação que separou-me dos meus galhos, por favor, junte-os em volta do meu tronco. Eu fui da cidade cujo patrono era o Batista e lá fiz de minha casa, a minha forca.

Dante arranca um galho de árvore que chora de dor na floresta das Hárpias (onde são punidos os suicidas). *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Canto XIV

Antes de partir, a minha compaixão pela alma que tanto amava a nossa Florença me levou a recolher os galhos espalhados e devolvê-los àquele tronco, que agora permanecia calado.

Continuamos a jornada até chegarmos ao lugar onde se separa o terceiro giro do segundo. O lugar era um estéril deserto de areia grossa e quente, cercado pela selva dos suicidas, assim como o rio de sangue cercava a floresta.

Eu vi vários grupos de almas nuas. Todas choravam desesperadamente. Parecia que cada grupo sofria uma pena diferente. Algumas almas permaneciam deitadas de costas no chão quente. Outras reuniam-se acocoradas em pequenos grupos. A grande maioria caminhava sem parar. Sobre todo o areão caíam brasas quentes, lentamente, como flocos de neve num dia sem vento. As brasas batiam na areia e produziam faíscas que aqueciam o chão arenoso, intensificando a dor dos que ali sofriam. Sem descanso, as almas faziam uma dança rítmica com mãos, tentando, em vão, afastar as chamas que sobre elas caíam.

— Mestre — perguntei —, quem é aquele que ali está deitado e age como se as brasas não o incomodassem?

E o vulto, percebendo que dele eu falava, respondeu gritando:

— O que um dia fui quando vivo, continuo a ser, agora, morto! Júpiter pode perder as esperanças de vingança. Nem o raio com o qual ele me atingiu no meu último dia, nem estas brasas que ele

Personagens e símbolos do Canto XIV

14.1 **Os violentos contra Deus, a Natureza e a Arte** são torturados em um deserto. O areão é o oposto da arte e da natureza do mundo criado por Deus. Estéril e sem vida, é atravessado por rios de sangue e vive sob uma permanente chuva de brasas. Os pecadores vivem num mundo sem cor, sem conforto e sem esperança. É o mundo que desejaram ter quando, em vida, rejeitaram tudo o que Deus, a Natureza e a Arte lhes ofereceu, preferindo dar maior valor às coisas materiais.

14.2 **O deserto incandescente** é o *contrapasso* de quem rejeita a natureza, as suas leis (leis de Deus) e a criação (a arte). A areia é quente e uma chuva de brasas assola o lugar eternamente. Segundo [Sayers 49], a imagem do areão e a chuva de brasas é um reflexo do destino de Sodoma e Gomorra (*Gênese*, 19:24).

14.3 **Os blasfemos (contra Deus)** são os que ofenderam a Deus com calúnias ultrajantes e não tiveram a humildade de o respeitarem como Criador. Sofrem deitados no areão. Não podendo se levantar, são "condecorados" com brasas que se acumulam nos seus peitos em homenagem ao seu orgulho e vaidade.

14.4 **Os sodomitas (contra a Natureza)** são os que ofendem a Deus por agir contra a ordem da Natureza criada por Ele, pecando por sodomia (pederastia, coito anal). Tostados pelas brasas, correm sem nunca poder parar sobre o areão incandescente. Segundo [Sayers 49], o seu estado de correr sem destino pelo areão pode ser uma representação, em um nível mais baixo, da punição dos luxuriosos do segundo círculo.

14.5 **Os usurários (contra a Arte)** são os que ofendem a Deus por rejeitar o poder de criação, a arte, valorizando antes de tudo o *status* social, as aparências, os títulos de nobreza e outros valores materiais como o dinheiro, em detrimento dos valores eternos. Na interpretação de Dorothy Sayers: "A Arte (criação e o trabalho do homem) e a Natureza (criação de Deus que inclui o homem) são as únicas verdadeiras riquezas. A compra e venda do dinheiro como se fosse uma mercadoria (agiotagem, usura) produz apenas uma riqueza espúria, e resulta em danos à terra (Natureza) e à exploração do trabalho (Arte). Como a Arte deriva da Natureza e a Natureza deriva de Deus, a usura é vista como uma ofensa a Deus." [Sayers 49]

agora lança sobre mim farão com que eu lhe dê o prazer de se ver vingado!

— Ó Capâneo, já que tua soberba não diminui, o teu sofrimento só aumenta: nenhum martírio, mais que a tua própria ira, seria melhor punição ao teu orgulho! — gritou Virgílio, e depois me explicou — Ele foi rei. Um dos sete que assediaram Tebas. Pelo seu ódio, é condecorado com essas "medalhas" incandescentes que enfeitam seu peito. Agora me acompanha e tem cuidado para não pisar na areia quente, seguindo sempre por este bosque ao lado.

Chegamos a um pequeno riacho, de águas tão vermelhas que me deixaram impressionado. O leito e as margens do rio eram feitas de pedra, e as bolhas liberavam um vapor que extinguiam as chamas que caíam acima e nas proximidades do riacho. Imaginei, portanto, que aquele deveria ser o nosso caminho.

— Entre todas as coisas que te mostrei, não viste nada ainda tão notável quanto este riacho que extingue as chamas que caem sobre ele. — falou o mestre, e eu pedi que ele falasse mais sobre a origem do riacho.

— No meio do mar se encontra um país gasto, que se chama Creta. — explicou Virgilio — Lá existe uma montanha chamada Ida, que, antes fértil e cheia de vida, hoje permanece deserta como coisa velha. No centro da montanha encontra-se um grande velho, que tem suas costas voltadas para Damiata, e seu rosto virado para Roma, que lhe serve de espelho. Sua cabeça é feita do mais puro ouro. De pura prata são seus braços e o peito. É de cobre dali até onde começam as pernas. O resto é todo de ferro exceto o seu pé direito que é de argila, sobre o qual apoia a maior parte do seu peso. Todas as suas partes, exceto a de ouro, estão podres, rachadas por

14.6 **Capâneo** foi um dos sete reis que assediaram Tebas. Simboliza os blasfemos, que ignoram ou amaldiçoam a Deus. Orgulhoso, não temia a coisa alguma e nutria grande despeito por quaisquer leis que não fossem as suas. Enquanto escalava as paredes de Tebas, amaldiçoou Júpiter, que o matou com um raio.

14.7 **O velho da ilha de Creta**: A figura do velho de Creta é tirada da Bíblia (*Daniel* 2:32-35) e aparece em sonho do rei Nabucodonosor. A interpretação, porém, é diferente. No primeiro livro de *Metamorfoses*, Ovídio utiliza o ouro, prata, bronze e ferro para descrever as quatro eras do homem, e esta alegoria provavelmente se aproxima mais daquela pretendida por Dante. Segundo a interpretação do tradutor Mark Musa, a cabeça de ouro representa a idade dourada do homem (antes da expulsão do paraíso). É a única parte da estátua que não está podre. Os braços e peito de prata, o peito de bronze e as pernas de ferro representam as três eras da decadência do homem. O pé de ferro pode simbolizar o Império e o pé de argila, a Igreja, enfraquecida pelas disputas políticas.[Musa 95] A estátua fica no meio do oceano e tem as costas viradas para o mundo antigo, pagão (Damieta, um importante porto egípcio) e a frente virada para o mundo moderno, cristão (Roma).

14.8 **O rio Letes**: localiza-se, de acordo com a mitologia clássica, no inferno (Hades). Era onde os mortos se banhavam e esqueciam sua existência anterior. Na *Comédia* de Dante, Letes é um rio do purgatório onde as almas penitentes se banham e se purificam para que possam ter acesso ao Paraíso. Letes também é o córrego que flui através da gruta que Virgílio e Dante atravessam para chegar do inferno ao purgatório (*Canto XXXIV*).

uma fissura por onde fluem lágrimas que descem até os seus pés, onde elas se unem e cavam uma gruta. Pelas rochas penetram e aqui deságuam, formando o Aqueronte, o Estige e o Flegetonte que, no final, formam o Cócito que ainda veremos adiante.

— Se este riacho ao nosso lado tem sua origem no nosso mundo, porque só agora o vimos? — perguntei.

— Tu sabes que este lugar é redondo — respondeu — e que nós, virando sempre à esquerda e descendo, não demos ainda uma volta completa; muito ainda veremos adiante, então, não fiques surpreso ao encontrar algo que não vistes ainda.

— Onde, mestre, encontraremos o rio Flegetonte e o Letes, que não foi por ti mencionado?

— O Flegetonte — respondeu —, é a fonte deste riacho que agora vês saindo da floresta. É aquele mesmo rio de sangue fervente que atravessamos com o centauro. O Letes tu ainda verás, mas fora deste mundo. É lá que se banha a alma penitente que, arrependida, da sua culpa se purifica.

Depois ele me chamou:

— Vem. Está na hora de sairmos deste bosque. Vem pela margem de pedra deste riacho, pois sobre ela o vapor apaga as chamas.

Os que praticaram violência contra Deus sofrem em um deserto incandescente e são torturados por chuvas de brasas. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Canto XV

Nós caminhávamos por uma das margens de pedra. Uma névoa pairava sobre o córrego mantendo o fogo longe dos diques que o separam do areão. A selva já ficara bem para trás (tão distante que, se eu olhasse para trás, tenho certeza que não mais a veria) quando surgiu um grupo de almas beirando o dique e nos fitando. Uma delas me reconheceu e se agarrou ao meu manto, gritando:

— Que maravilha!

Eu, logo que senti que um espírito me segurava, olhei para as suas feições queimadas e, apesar de sua face tostada, não pude deixar de reconhecê-lo.

— Sois vós aqui, senhor Brunetto? — perguntei.

— Filho — respondeu ele —, se não te causar desgosto, deixa que Brunetto Latino se afaste de seu grupo e te faça companhia na breve caminhada.

— Se quiserdes, posso sentar aqui convosco — respondi —, se aquele que está comigo não se incomodar.

— Não posso parar. — respondeu — Fui condenado a vagar eternamente. Se um de nós se detiver, terá que permanecer por cem anos, sem poder afastar o fogo que o atormenta. Segue, portanto, e eu te acompanharei, e depois voltarei ao meu bando, que lamenta a sua dor eterna.

Andei ao seu lado, mas não desci do dique. Ele me perguntou o que eu fazia lá naquele vale infernal antes do tempo. Contei-lhe

Personagens e símbolos do Canto XV

15.1 **Brunetto Latini** foi mestre muito querido e amigo íntimo de Dante. Era filósofo e mestre da retórica. Comentou a retórica de Túlio e é autor de várias obras, entre elas uma chamada de *Tesouro*, escrita em francês durante seu exílio em Paris. Segundo o comentador Villani, era um homem mundano, porém, empenhou-se em ensinar aos florentinos artes refinadas. Escrevendo principalmente em italiano (em vez de latim, a língua culta), ensinou princípios básicos de ética e política, sempre prezando pela qualidade da língua italiana, mostrando as formas corretas de falar e escrever.

15.2 **As previsões de Brunetto** referem-se à acontecimentos posteriores à tomada de Florença pelos facção dos Neri e o exílio de Dante. Fala que Dante será procurado pelos guibelinos e pelos guelfos de Florença que desejam aliar-se a eles.

15.3 **O outro texto** que Dante menciona na sua conversa com Brunetto são as previsões de Ciacco (*6.8*) e Farinata (*10.5*).

15.4 **Prisciano** foi gramático de Constantinopla (século VI).

15.5 **Francesco d'Accorso** foi um grande jurista e professor da universidade de Bolonha no século XIII, conhecido por seus comentários sobre o código justiniano.

toda a história, desde a floresta escura até a jornada que eu empreendia com Virgílio. E então ele me fez várias previsões sobre o meu futuro e o de Florença. Disse:

— Por tuas boas ações, a raça maligna te será inimiga. E têm razão, pois entre as frutas podres não convém cultivar o figo. Pelas honras que teu destino te reserva, vão disputar-te ambas as facções, mas que do bode fique longe a erva.

— Minha mente não esquece — respondi — e meu coração se parte, ao lembrar de vossa figura, amável e paterna, que enquanto vivia no mundo, hora após hora, me ensináveis como um homem se faz eterno. — e disse-lhe ainda — Não é nova esta vossa profecia aos meus ouvidos. Eu anotarei e a levarei comigo, junto com outro texto, para que uma mulher (Beatriz) o interprete, se eu a encontrar.

Indaguei sobre o estado dos seus companheiros e se havia alguém conhecido entre eles. Ele me respondeu:

— Eu terei que ser breve, pois meu tempo é curto. Em suma, cada um deles foi prelado, letrado ou de grande fama e por um só pecado teve o desprezo do mundo. Se o meu grupo aqui estivesse, poderia te mostrar, por exemplo, Prisciano e Francesco d'Accorso. Eu conversaria mais, porém, já vejo uma poeira no Areal. Outro grupo se aproxima e com eles eu não posso me misturar. Lembre-se do meu *Tesouro*, no qual eu ainda vivo. É a única coisa que te peço.

Falou, e saiu correndo pelo deserto como atleta que disputa uma corrida.

Personagens e símbolos do Canto XVI

16.1 **Guido Guerra** foi um líder guelfo que participou de diversas batalhas. Como Tegghiaio (*veja abaixo*), aconselhou os guelfos florentinos a não engajarem na guerra contra Siena em 1260.

16.2 **Tegghiaio Aldobrandi** foi um distinto cidadão de Florença que assumiu posição contrária ao conselho da cidade que havia decidido declarar guerra contra Siena. A guerra resultou na sangrenta batalha de Montaperti (*10.6*) na qual os florentinos foram derrotados. [Longfellow 67]

16.3 **Jacopo Rusticucci**: foi um nobre florentino muito rico cuja maior desgraça foi ter se casado com uma mulher de caráter insuportável, que teria sido a causa do seu desvio. [Longfellow 67] e [Mauro 98]

Canto XVI

Chegávamos onde já se ouvia o ruído da água que caía no outro círculo, com um som semelhante ao zumbido que se ouve ao aproximar-se de uma colmeia, quando chegaram até nós três sombras, correndo, se separando de seu grupo que nos passava.

— Pára, tu, de vestes conhecidas! — gritavam — Pára pois pareces ser de nossa terra perversa (Florença).

Ó tristes almas sofredoras! Quantas vi com seus membros repletos de feridas novas e antigas, queimaduras que ainda me doem só de pensar. Os seus gritos chamaram a atenção do mestre, que voltou-se para mim e disse:

— Espera! Com estas almas te rogo cortesia.

Paramos. Os três espíritos, que não podiam parar, logo formaram uma roda e começaram a andar em um círculo. Enquanto circulavam, cada um mantinha o rosto virado na minha direção, de forma que enquanto o pescoço virava para um lado, os pés seguiam para o outro.

— Se a miséria deste solo estéril — falou um deles — e nossas queimaduras, bolhas e peles descascadas te causam repugnância, deixa que a nossa fama te anime a dizer quem és tu, que vivo caminhas por este Inferno. Este na minha frente, embora corra nu com o corpo esfolado, foi figura de alto grau no mundo. Seu nome era Guido Guerra e muito ele cumpriu com seus conselhos e com a es-

16.4 **Guglielmo Borsiere:** pouco se sabe deste personagem. Segundo os antigos comentaristas, era um fabricante de bolsas que deixou seu trabalho e passou a dedicar-se a atividades sociais, arranjando casamentos, intermediando tratados de paz e alianças entre famílias nobres, etc. Era uma pessoa prestativa e respeitada pela sociedade florentina. [Sayers 49] Como Dante o coloca entre os sodomitas, provavelmente também era conhecido por suas preferências sexuais.

pada. Este outro, que está atrás de mim, é Tegghiaio Aldobrandi, cuja voz o mundo faria bem em ouvir. E eu, sou Jacopo Rusticucci.

Eu fiquei tão comovido com o sofrimento daqueles espíritos que, se não fosse a chuva de brasas e o fogo, eu teria ido ao encontro deles, com a aprovação do mestre. Tive vontade de descer do dique e abraçá-los mas não o fiz por receio de me queimar. Depois falei:

— Não repugnância, mas tristeza sinto por vossa condição. É verdade que eu sou da vossa terra. Lá, eu sempre ouvi falar muito bem de vossas obras e de vosso caráter.

— Que longamente possa tua alma continuar a guiar teus membros — disse o mesmo que antes havia falado — e ainda depois, possa tua fama continuar a brilhar, mas dize, cortesia e valor ainda vigoram em nossa terra? Pois Guglielmo Borsiere, que recentemente juntou-se a nós, trouxe notícias que nos causaram imensa tristeza.

— Os novos povos e seu rápido enriquecimento têm estimulado o orgulho e descontrole em ti, Ó Florença! — gritei, e eles se olharam, tomando isso como resposta.

— Se sempre respondes de forma tão clara — falaram todos — feliz de ti quando precisares discursar. Logo, se conseguires sair destas trevas e um dia voltar a rever as estrelas, não deixes de falar de nós aos que ainda vivem!

Depois desfez-se a roda e sumiram os três. Virgílio, então, decidiu que já era hora de partirmos também. Caminhamos e eu o segui até que chegamos a um ponto onde o ruído das águas tornou-se tão intenso que mal podíamos ouvir nossas próprias vozes.

Eu mantinha uma corda enrolada na cintura, que, em uma outra ocasião, pensei em usar para vencer o leopardo na floresta. O mestre a pediu, e eu a desenrolei entregando-a nas suas mãos. Ele a pegou e caminhou até a borda do precipício, de onde a jogou no abismo profundo.

Diante de tal cena eu pensei: "Algo deverá acontecer, pois algum evento o mestre busca com o olhar". Lendo os meus pensamentos, Virgílio me respondeu:

— O que tua mente espera logo surgirá à tua visão.

Mal ele havia terminado de falar, eu vi surgir da escuridão, nadando naquele ar denso e escuro, uma grande e estupenda figura que assombraria até os corações mais seguros. Ela já reduzia a sua velocidade e preparava-se para pousar na beira do precipício, estirando suas garras e recolhendo seus pés.

Mapa 2: CIDADE DE DITE E FOSSO (círculos VI e VII)

Círculo VI: Hereges. Em cada túmulo, membros de uma seita são cozinhados eternamente (*Canto IX*).

Descida para o círculo VII: Caminho estreito onde Dante e Virgílio encontram o Minotauro (*Canto XII*).

Círculo VII - 1º giro: Culpados de violência contra o próximo. Centauros garantem a ordem neste círculo.

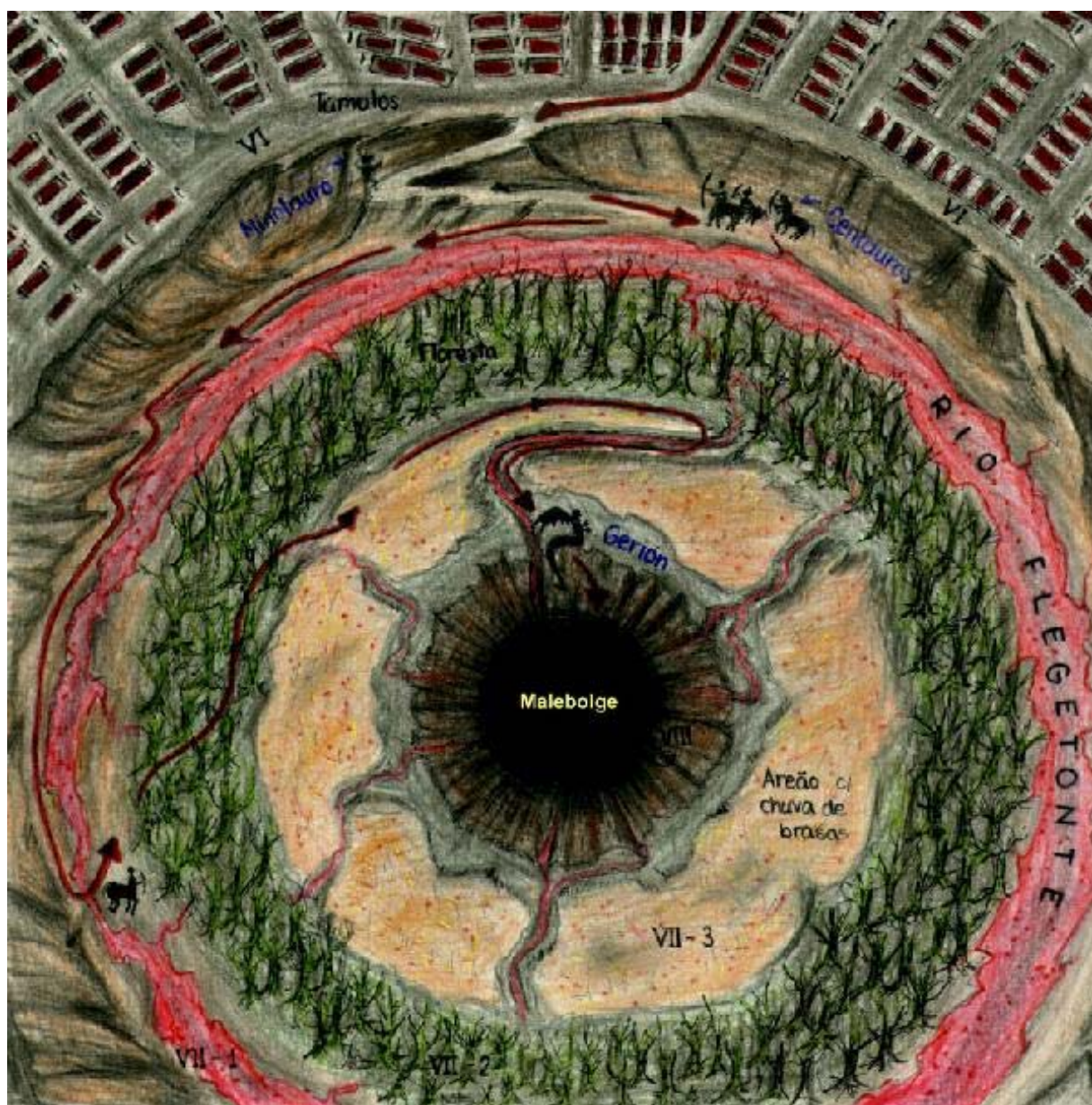
Rio Flegetonte: Rio de sangue fervente onde são torturados os violentos contra o próximo, como os assassinos, tiranos e assaltantes (*Canto XII*).

Círculo VII - 2º giro: Culpados de violência contra si próprios.

Floresta das Hárpias: Onde as almas suicidas, presas dentro de árvores, são torturadas pelas Hárpias (*Canto XIII*) e os que perderam todos os seus bens por vontade própria são dilacerados por cadelas famintas.

Círculo VII - 3º giro: Culpados de violência contra Deus, Natureza e Arte.

Deserto ardente: Onde os pecadores do 3º giro são torturados por uma chuva eterna de brasas que cai em um deserto estéril (*Canto XIV*).

Fosso: Malebolge (valas malditas): *Círculo VIII* (morada dos culpados de fraude dolosa). A descida para o profundo fosso é realizada montando nas costas do monstro Gerión (*Canto XVII*) que nada através do espesso ar do inferno.

Mapa 2: Círculo da violência (sétimo círculo). *Ilustração de Helder da Rocha.*

Personagens e símbolos do Canto XVII

17.1 **Gerión** foi, na mitologia clássica, o rei da Espanha. Vivia na Eritréia onde foi morto por Hércules. Se assemelhava a um ancião, mas, quando visto com atenção, sua forma real e terrível se tornava evidente. Outros poetas normalmente o retratam como uma criatura de três corpos e três cabeças que representavam as ilhas de Majorca, Minorca e Ivica. [Longfellow 67] Dante o representa como uma criatura de três *naturezas*: cabeça de homem, tronco e garras de fera, corpo e cauda de serpente. O rosto de pessoa boa e honesta que esconde sua verdadeira natureza terrível qualifica Gerión como a personificação da fraude, que é punida nos círculos restantes.

Canto XVII

— Eis a fera com sua cauda aguda, que atravessa os montes e rompe os muros e armas! Eis aquela que em todo o mundo transpira e fede! — começou a me falar o mestre, enquanto acenava para a fera sinalizando que ela viesse à beira da pedra onde estávamos.

E ela subiu com a cabeça e o busto, mas sobre a beira não descansou sua cauda. A sua face era a face de um homem justo, tão benignos mostravam-se seus traços, e de serpente era o resto de seu corpo. As suas garras e o seu tronco eram peludas. Tinha o dorso e peito ornados com pinturas de argolas e laços. Toda a sua cauda no vazio vibrava, torcendo sua forquilha venenosa, armada na ponta como um escorpião.

— Vamos! — chamou o mestre — Vamos até a fera que acolá se assenta!

Descemos pelo lado direito do dique e demos dez passos pela sua beira inferior, evitando as areias quentes.

Quando estávamos ao lado de Gerión, eu percebi, um pouco mais distante, algumas pessoas acocoradas na areia junto à beira do precipício.

— Para que possas ter um conhecimento completo dos tormentos deste círculo, vai tu falar com aquele grupo enquanto eu convenço esta fera a nos transportar. — sugeriu Virgílio.

E eu fui, sozinho, margeando a aresta do precipício, até onde estavam sentadas aquelas almas tristes.

17.2 **Italianos usurários**: Representam as famílias Gianfigliacci e Ubbriachi, de Florença e Scrovigni, de Pádua, de acordo com os brasões que ostentam em suas bolsas [Longfellow 67]. São usurários, apegados aos valores materiais (títulos de nobreza) que valorizam mais que qualquer coisa. Diz Dante no *Canto XI*, linha 109 "mas o usurário, que outro rumo tem / a própria natureza e a sua sequaz despreza / porque alhures põe seu bem." Tradução de Italo Eugenio Mauro [Mauro 98].

Dos seus olhos escapava-lhes a dor. Com as mãos, defendiam-se como podiam do solo em brasa e do ardente calor. Examinei aqueles rostos, mas nenhum reconheci. Notei que todas tinham uma bolsa pendurada no pescoço, cada uma de uma cor, com um brasão nelas gravado. Uma tinha algo azul com rosto de leão impresso numa bolsa amarela. Outra ostentava uma bolsa vermelha com uma pata branca desenhada. Aquela alma que tinha uma porca azul pintada sobre uma bolsa branca me perguntou:

— O que fazes nesta fossa? Vai embora! E como estás vivo, saibas que o meu vizinho Vitaliano sentará aqui à minha esquerda. Que venha o cavaleiro soberano, que três bodes terá na sua bolsa!

Falou e depois fez caretas terríveis, puxando a língua por cima do nariz. Eu, assustado, voltei para o lugar onde o mestre já me aguardava. Quando cheguei, Virgílio já estava montado sobre a garupa da fera

— Ora, tenha coragem! — disse, tranqüilo — Monta aqui na minha frente, pois atrás ficarei eu para evitar que sua cauda possa fazer-lhe mal.

Subi então naquele bicho horrendo, tomado de medo e horror. O mestre me segurou firme e então gritou:

— Gerión, move-te afora e desce devagar. Pensa na carga que carregas!

E assim, o monstro deu ré e virou-se na direção do abismo. Onde estava o peito agora estava sua cauda, que esticou como uma enguia, e com suas garras puxou o ar escuro, mergulhando na escuridão. Eu estava aterrorizado. Nunca sentira medo igual. Olhei para baixo e nada vi. Só havia escuridão. Gerión se movia lento, nadan-

Dante e Virgílio na garupa de Gerión, descem para o oitavo círculo. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

do, descendo em espiral. E esse movimento eu só pude perceber por causa da brisa que soprava no meu rosto.

Pouco depois comecei a ouvir os lamentos que já dominavam o ar. Debrucei-me para olhar para baixo e vi o fogo. Assustado, logo me aprumei e segurei firme. Depois de cem voltas Gerión finalmente pousou, nos deixando no fundo, ao pé do grande penhasco. Assim que descemos de sua garupa ele sumiu, esvaindo-se na escuridão.

Personagens e símbolos do Canto XVIII

18.1 **Malebolge** (bolsas ou valas malditas): O oitavo círculo do inferno é dividido em 10 vales (bolsas) circulares. Dentro de cada vala é punida uma modalidade de fraude. É possível atravessar as valas através das pontes de pedra que interligam os rochedos que as isolam. As beiras de cada vala são mais baixas no interior do círculo que no seu exterior, pois cada vala está num plano mais baixo que o outro. Depois da décima vala, há mais um rochedo e em seguida há um grande fosso que leva ao nono e último círculo.

18.2 **Sedutores e rufiões** são aqueles que exploraram deliberadamente as paixões dos outros, os controlando e usando-os para servir a interesses próprios. Na primeira vala do Malebolge, são eles que são levados, na base do chicote, à cumprir o desejo dos diabos. [Sayers 49]

18.3 **Venedico Caccianemico** era chefe dos guelfos de Bolonha e foi várias vezes governador de Pistóia, Modena, Ímola e Milão. Ele era acusado, entre outras coisas, de ter assassinado o seu próprio primo. Ele se encontra nesta vala porque ele entregou a sua própria irmã ao marquês de Este (ou Obizzo ou seu filho) em troca de favores. [Musa 95]

Canto XVIII

Existe um lugar no Inferno chamado Malebolge, e é feito de pedra de cor ferrenha, como as paredes da encosta que o rodeia. No centro desse campo maligno há um poço muito largo e profundo, que descreverei quando lá chegarmos. A faixa que resta, entre o poço e a encosta, é redonda e se divide em dez valas, concêntricas, cada uma mais baixa que a anterior. Aqui há pontes que, desde o penhasco, atravessam os fossos de uma beira à outra, até a ultima que beira o poço central.

Era nesse lugar que nós estávamos, quando do dorso de Gerión fomos despejados. De lá seguiu o poeta à esquerda e eu o acompanhei. À direita já pude ver as almas sofredoras e as novas penas, o novo tormento e os novos torturadores, de que a primeira vala era repleta.

Duas fileiras de almas nuas andavam em fila no fundo. As do nosso lado seguiam com seus rostos virados para nós. As outras, seguiam no sentido oposto. Nos dois grupos, diabos chifrudos surravam as almas com prazer, usando duros chicotes para que não parassem. Elas gritavam de dor, tropeçavam, mas não ousavam reduzir o seu passo.

Enquanto eu andava, reconheci um dos açoitados que sofria. Eu olhei e ele baixou o rosto, tentando se esconder até que eu o segui e perguntei:

— Se eu não estou enganado, tu és Venedico Caccianemico. O que foi que te trouxe para este molho ardido?

18.4 **Jasão** era príncipe da Grécia, na mitologia grega (*Argonautica* de Apolônio de Rodes). Quando seu tio tomou o trono de seu pai, Jasão era criança e foi enviado para longe. Atingindo a idade adulta, Jasão voltou para reivindicar o seu direito ao trono. Seu tio consentiu em entregar-lhe o reino da Grécia desde que Jasão encontrasse e trouxesse até ele o *Velocino* (lã) *de Ouro*, que era direito de sua família. Jasão aceitou o desafio. Reuniu uma tripulação de heróis valentes que lhe acompanharam, no navio *Argo*, por viagens fantásticas nos mares desconhecidos. Finalmente, chegou ao país onde reinava o rei Aetes que mantinha o velocino. O rei concordou em entregar-lhe o velocino desde que ele realizasse proezas ainda mais difíceis, senão impossíveis. Jasão conseguiu realizá-las com a ajuda de Medéia, a filha do rei que se apaixonara por ele. Ela fez encantos que tornaram Jasão invencível nas suas batalhas e o ajudou a roubar o velocino ao enfeitiçar o dragão que o guardava. Em retribuição, Jasão prometeu casar-se com ela logo que chegassem com segurança à Grécia. Quando chegaram, Jasão descobriu que seu tio havia provocado a morte de seus pais. Com nova ajuda de Medéia, Jasão pôde vingar a morte deles. Os dois foram depois a Corinto, onde tiveram dois filhos. Em vez de se sentir grato a Medéia por tudo o que ela fez por ela, Jasão abandonou-a e casou-se com a filha do rei de Corinto. Sofre na primeira vala do Malebolge, segundo Virgílio, por ter seduzido e abandonado Ísfile, filha do rei de Lemnos. Medéia, porém, também é vingada.

18.5 **Aduladores e lisonjeadores** são os que exploram os outros ao tirar proveito de seus medos e desejos. Sua arma é o uso fraudulento da linguagem, através de raciocínios falsos, que destrói a comunicação entre as mentes. No Malebolge eles estão imersos na merda que deixaram no mundo. “Dante não viveu para ver o desenvolvimento completo da propaganda política, da propaganda comercial e do jornalismo sensacionalista, mas deixou um lugar preparado para eles.” [Sayers 49]

18.6 **Alessio Interminei de Luca** era membro dos guelfos brancos de Lucca.

18.7 **Taís** personagem literária da peça *O Eunuco* do poeta romano Terêncio.

— Eu não queria responder — disse o espírito —, mas tua voz me faz recordar o mundo antigo. Eu fui aquele que, por dinheiro, entreguei minha própria irmã Ghisolabella ao marquês d'Este. — depois observou — Mas eu não sou o único bolonhês neste fosso! Esta vala está repleta de rufiões!

Naquele instante, um diabo chegou e lhe surrou com o chicote, dizendo:

— Anda rufião, que aqui não tem fêmeas para explorar!

Eu voltei a seguir meu mestre até uma ponte de pedra sob a qual havia um vão por onde passavam os açoitados. Lá o mestre me mostrou outros condenados que caminhavam pelo vale em sentido contrário aos rufiões (que antes não víamos o rosto). Eram os sedutores. Eles, assim como os rufiões, eram movidos por chicotadas. Sem que eu pedisse, o mestre me mostrou várias personalidades:

— Vê aquele que vem, imponente, que não solta uma lágrima sequer de dor. É Jasão, condenado por ter seduzido a jovem Ísfile de Lemnos e depois tê-la abandonado. Ele a seduziu e depois a deixou, sozinha, com criança para criar. Tal pecado é punido com esta pena, e assim, também, Medéia tem aqui a sua vingança.

Tendo atravessado a ponte que unia a primeira beira à segunda, seguimos até a ponte seguinte. Antes de subir, já ouvíamos as respirações ofegantes das almas que sofriam na segunda vala, respirando um vapor nojoso que emanava de um rio de podres fezes ácidas. Tão funda era esta vala que só foi possível ver seu fundo quando chegamos à parte mais elevada e central da ponte. Lá vimos gente imersa no esgoto asqueroso.

Sedutores e rufiões (em sentidos opostos) sendo açoitados por diabos na primeira vala. No primeiro plano se vê os aduladores imersos no esterco (segunda vala). *Ilustração de Sandro Botticelli (século XV)*.

Não era fácil reconhecer os condenados, todos cobertos de merda. Fiquei a olhar lá para o fundo, vendo se reconhecia alguém, quando uma das almas gritou:

— Por que olhas mais para mim que para as outras almas sujas desta vala?

— Porque — respondi —, se a memória não me engana, já te vi antes com teus cabelos enxutos. Tu és Alessio Interminei de Luca. É por isto que te olho mais que os outros.

— Estou aqui por que fui um adulador — disse ele —, e enganei pessoas com minha língua perversa.

Depois que Alessio terminou de falar, meu guia me chamou a atenção:

— Vês aquela rameira suja que se coça de modo asqueroso? Ela é a prostituta Taís. Mas agora vamos, pois já vimos o suficiente.

Personagens e símbolos do Canto XIX

19.1 **Simoníacos** são os traficantes de coisas divinas. O nome origina-se de **Simão**, o mago, mencionado no livro de Atos, capítulo 8: "Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, ofereceu-lhes dinheiro, dizendo: Dai-me também esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo" (vs. 18, 19 - trad. João Ferreira de Almeida). Simão tentou comprar dos apóstolos o poder do Espírito Santo e por isso seu nome está associado com o tráfego de coisas divinas. "A pena de se enterrar vivo com a cabeça enterrada e os pés para o ar era a punição desumana aplicada aos assassinos de aluguel, de acordo com a justiça e leis municipais de Florença, segundo o *Ottimo Comento*." [Longfellow 67] Os buracos se assemelham a fontes de batismo. Os simoníacos, que perverteram a igreja, são 'batizados' ao contrário, com óleo o fogo, aplicado aos pés. Vários condenados ocupam o mesmo buraco onde são empilhados, de cabeça para baixo, ficando apenas o mais recente com as pernas de fora.

19.2 **O papa Bonifácio VIII** tornou-se papa em 1294 ao persuadir o seu antecessor Celestino V a renunciar. Além dos desentendimentos com os italianos, o papa Bonifácio ficou conhecido principalmente devido aos seus constantes confrontos com o rei Filipe IV (o belo) da França. Várias vezes o papa se desentendeu com os priores de Florença, entre os quais, Dante, tendo por fim conseguido provocar a sua expulsão da cidade.

19.3 **O filho da Ursa é o papa Nicolau III**, da família Orsini. foi um papa (eleito em 1277) em cujo mandato a simonia era praticada abertamente. Ele se valeu do cargo para enriquecer e distribuir favores a toda a sua família. [Mauro 98]

19.4 **O protegido da França é o papa Clemente V** que era francês e foi eleito em 1305 sob a influência do rei Felipe IV (o belo) da França. Ele transferiu a sede do papado para Avignon onde ela permaneceu por 71 anos.

Canto XIX

Ó Simão mago, e todos aqueles que te seguiram, profanando e vendendo as coisas de Deus pelo preço de ouro e prata! Em vossa homenagem devo soar a trombeta, pois é aqui, nesta terceira vala, onde estais!

Já estávamos no meio da ponte sobre a terceira vala. De lá eu vi nas encostas e nos fundos da pedra gelada, redondos furos escavados de igual tamanho. Da boca dos furos pendiam os pés de um penitente, cujo corpo estava enterrado nos buracos com a cabeça para baixo. Nas plantas dos pés ardiam chamas, que escorriam por seus calcanhares. Os sofredores, desesperados, agitavam seus pés freneticamente, na vã esperança de livrarem-se das dores causadas pelas chamas.

— Mestre — perguntei —, quem é aquele que se debate mais que os outros, e que é torturado por uma chama mais vermelha?

— Se quiseres— respondeu — eu te levarei até ele, e lá poderás perguntar quem ele é e de onde veio.

Concordei e ele me ajudou na descida difícil, me segurando enquanto passávamos pelas beiras esburacadas. Só quando eu estava diante do pecador foi que ele me soltou.

— Ó tu, alma desgraçada que estás plantada, fala se puderes! — fui dizendo, enquanto me abaixava diante dele como um frade durante uma confissão.

— Já estás aí plantado? Já estás aí plantado, Bonifácio? Por muitos anos enganou-me o escrito! — falou a alma pensando que eu fosse outro. Fiquei imóvel sem saber como responder.

Dante conversa com o papa Nicolau III que o confunde com o papa Bonifácio VIII, aguardado para substituí-lo. *I-lustração de Gustave Doré (século XIX).*

— Rápido, dize a ele que não és ele, que não és aquele que ele pensa que és — ordenou Virgílio, e eu respondi ao espírito da mesma forma como ele me pediu.

— Bem, então o que querem de mim? — perguntou, suspirando e torcendo os pés — Se querem saber quem eu sou, saibam que um dia fui papa, mas na verdade eu era filho da Ursa. Por tanto procurar embolsar ouro naquele mundo, aqui eu mesmo fui embolsado. Neste buraco, abaixo da minha cabeça, estão empilhados todos aqueles que me precederam, pecando por tráfico de coisas divinas, espremidos nas fissuras da pedra. Eu aguardo a chegada daquele que eu pensava que tu eras, que ocupará o lugar que hoje ocupo, me empurrando mais para baixo neste buraco. Os pés dele arderão em chamas até que ele seja também substituído por um pastor sem lei, que virá do ocidente, e que pelo rei da França será protegido. Ele cobrirá a Bonifácio e a mim.

Não resisti em respondê-lo com suas próprias palavras:

— Bem, dize-me quanto foi que Pedro teve que pagar ao nosso Senhor antes que Ele desse-lhe as chaves de sua Igreja? Estejas certo que ele pediu nada mais que "Me acompanha." Então fica tu aí pois essa tua punição é merecida. Tua avareza traz tristeza ao mundo, esmagando os justos, premiando os depravados. Criastes para vós, pastores pervertidos, um deus de ouro e prata! Pouca diferença há entre vós e os idólatras, exceto que eles só adoram a um, e vós adorais centenas!

E enquanto eu falava essas palavras, aqueles pés escoiceavam mais ainda, talvez por ira ou mordidas de consciência. O mestre então me levou de volta à ribanceira e seguimos para a quarta vala.

Personagens e símbolos do Canto XX

20.1 **Os adivinhos** têm a cabeça torcida de forma que não conseguem olhar para a frente. É o contrapasso por alegar saber o futuro que só a Deus pertence.

20.2 **Tirésias** foi um famoso vidente de Tebas. Era cego. De acordo com a mitologia grega (Ovídio, *Metamorfoses*), Tirésias separou duas serpentes que estavam unidas e assim se transformou em mulher. Sete anos mais tarde, encontrou as mesmas duas serpentes, atingiu-as novamente e voltou a ser homem. Um certo dia, Júpiter e Juno perguntaram a Tirésias, que teve a oportunidade de pertencer aos dois sexos, qual foi o que ele gostou mais. Quando ele respondeu "mulher", Juno o deixou cego. Júpiter, para compensar o dano, o deu-lhe o dom de profetizar o futuro. Sua profecia mais famosa foi proferida na peça *Édipo Rei* de Sófocles, onde previu que o príncipe Édipo mataria o pai e se casaria com sua própria mãe.

20.3 **Anfiarau** era vidente e um dos sete reis que liderou a expedição contra Tebas, junto com Capâneo. Ele previu a sua própria morte durante a batalha e, para fugir do destino, se escondeu para que não precisasse lutar. Sua esposa, porém, revelou o seu esconderijo aos outros e ele teve que ir a luta. A sua morte chegou quando a terra se abriu e o engoliu. [Musa 95]

20.4 **Manto** era filha de Tirésias. Fugiu de Tebas após a morte de seu pai e se estabeleceu na Itália fundando uma cidade que posteriormente recebeu o nome de Mântua, terra natal de Virgílio (*Eneida X*, 198-200).

20.5 **Aronta** (Aruns) previu a guerra civil romana e seu desfecho (Lucano, *Pharsalia*). [Musa 95]

20.6 **Mântua**: no poema original, depois de apontar a vidente Manto, Virgílio faz uma longa descrição da história da cidade onde nasceu (versos 57 a 99), narrando detalhes da geografia da planície banhada pelo rio Pó (a descrição foi omitida desta versão condensada). A fundação de Mântua é mencionada na *Eneida X*: 198-200 [Sayers 49]

Canto XX

Da nossa posição sobre o quarto valado pude ver procissões caladas caminhando e ouvir o seu pranto. Mas quando olhei com mais atenção eu vi, com espanto, que todas as pessoas tinham a cabeça torcida. Só podiam andar para trás, pois olhar para frente não lhes era permitido. Vendo tal imagem torta e as lágrimas que vertiam descendo pelas nádegas, não pude conter-me e chorei também.

— Ainda estás com esses tolos enganadores? — perguntou-me o guia, repreendendo-me — Aqui, neste lugar, a piedade vive quando a piedade é morta. Quem pode ser mais cruel que o homem que tenta controlar a vontade divina? Levanta o rosto e veja Anfiarau que tentou fugir da guerra, mas foi engolido pela terra até chegar a Minós, que no fim, a todos aferra. Sabes por que ele e os outros têm a cabeça virada para trás? É porque em vida quiseram demais ver adiante. Foram todos adivinhos e astrólogos que agora só podem olhar para o passado. Olha lá Tirésias que foi homem e também mulher, vê Aronta e também Manto, que deu o nome à cidade de Mântua, onde nasci.

Depois de mostrar a vidente Manto, Virgílio me contou como ela percorreu o mundo por muitos anos até encontrar uma planície desabitada no norte da Itália e lá se estabelecer para praticar magia com seus servos. Lá ela morreu e lá deixou seus ossos, sobre os quais foi construída uma cidade, que ganhou o nome de Mântua.

20.7 **Eurípiles** foi um soldado enviado a Delfos para consultar as previsões de Apolo sobre o melhor momento para a partida das naus gregas em direção a Tróia (*Eneida* II, 114-119).

20.8 **Michael Scott** foi um filósofo escocês ligado à corte de Frederico II em Palermo. Era conhecido como mágico e astrólogo (Boccaccio, *Decamerão* VIII, 9). [Musa 95]. Ele havia previsto que sua morte viria com a queda de uma pequena pedra na sua cabeça. Para se prevenir, Michael sempre usava um capacete de aço sobre seu capuz. Ao entrar, um dia, numa igreja durante a festa de Corpus Domini, ele tirou o capuz em sinal de respeito (não a Cristo, no qual ele não acreditava, mas com a intenção de ganhar popularidade entre as pessoas simples) e uma pedra caiu do teto da igreja atingindo sua cabeça desprotegida e o matou. [Longfellow 67].

20.9 **Guido Bonatti** era astrólogo de Frederico II.

20.10 **Asdente** ex-sapateiro, era um conhecido astrólogo e vidente de Parma.

20.11 **Cronologia:** o dia já amanhece (7 horas da manhã) no sábado de aleluia, segundo a descrição de Virgílio.

— Mestre — respondi — tua explicação eu sinto tão certa, que outra seria como carvão extinto. Mas dize-me, dessa gente que passa, se há alguma outra digna de nota.

— Sim, aquele ali cuja barba se espalha do queixo sobre suas costas é Eurípiles — mostrou Virgílio — e aquele outro, magro, é Michael Scott, que sabia tudo sobre magia. Veja Guido Bonatti e veja Asdente, que hoje deseja ter sido mais dedicado na arte de fazer sapatos. Mas agora vamos, pois a Lua cheia já se põe e o dia já amanhece.

E enquanto ele falava, nós andávamos.

Personagens e símbolos do Canto XXI

21.1 **Corruptos** (barateiros): São os acusados de baratatia (ação de dar tendo em vista um benefício pessoal), como os juizes que recebem propinas para alterar seu julgamento ou políticos que só defendem os interesses de seus representantes em troca de favores. "Os corruptos são para a cidade o que os simoníacos são para a igreja. Eles tiram proveito da confiança que a sociedade deposita neles; e o que vendem é justiça. Assim como os simoníacos eram enterrados na pedra fervente, estes são submersos na pez fervente, pois suas negociatas eram secretas." [Sayers 49]

21.2 **Santa Zita**: Padroeira da cidade de Luca. Lá, os magistrados eram chamados de *anciãos* (em Florença, por exemplo, eram chamados de *priores*).

21.3 **Bonturo Dati** era conhecido como o mais corrupto dos anciãos de Santa Zita. Quando o demônio diz que todos são trapaceiros com exceção de Bonturo, ele está falando com ironia, pois Bonturo distribuía empregos e cargos a quem o apoiava, assim como excluía quem não lhe agradasse. [Longfellow 67]

21.4 **Malebranche** é o nome da legião de demônios que guarda a vala dos corruptos. Malebranche significa literalmente "malvadas garras".

Canto XXI

De cima de outra ponte paramos para ver a próxima fissura de Malebolge, que era incrivelmente escura. Lá embaixo um grosso breu fervia. Eu olhava mas nada via a não ser as bolhas de piche que a fervura levantava. Enquanto meus olhos procuravam alguma coisa naquela escuridão, meu guia gritou:

— Cuidado, cuidado! — e logo me arrancou do lugar de onde eu estava.

Voltei-me e vi logo atrás um diabo preto que corria em nossa direção. Ai, mas como ele tinha um aspecto feroz! Com suas asas abertas ele corria ligeiro com os pés. Levava um pecador no seu ombro pontiagudo, que pelos tendões dos pés tinha seguro. Parou diante da pez fervente, e gritou:

— Ó Malebranche, aqui está mais um daqueles anciões devotos de Santa Zita. Cuida dele pois eu vou buscar outros. Quase todos naquela terra são corruptos, exceto, é claro, Bonturo! Lá, com dinheiro, qualquer *não* vira um *sim*.

Depois que falou, soltou o pecador das alturas, que submergiu no líquido espesso. O diabo voltou correndo pelos recifes e sumiu na escuridão. O pecador ainda tentou ressurgir na superfície, mas vários demônios que estavam sob a ponte saíram e o perfuraram com mais de cem garfos, levando-o a outra vez submergir.

— É melhor que te escondas. — sussurrou o mestre, preocupado com a presença de tantos demônios — Não é bom que sai-

bam da tua presença. Fica aí atrás daquela pedra e não saias tu de lá até que eu te chame!

Fui e obedeci. Seu temor tinha sentido. Quando o mestre chegou ao outro lado da vala, eles surgiram. Saíram todos de baixo da ponte e quando viram o meu guia, apontaram arpões na direção dele.

— Nenhum de vós seja inimigo! — gritou Virgílio — e antes que me ataquem, que venha um de vós e me ouça!

— Vai Malacoda! — gritaram todos.

E então, um dos diabos se separou do grupo e se aproximou, rosnando:

— De que lhe adianta falar comigo?

— Crês tu Malacoda — falou o mestre —, que eu teria chegado até aqui se não fosse por vontade divina? Me deixa seguir pois no céu a vontade é que eu guie alguém por este caminho.

Com isto o orgulho dele caiu, assim como o seu arpão que parou a seus pés, e gritou para os outros:

— Não toquem nele!

O mestre então gritou, ordenando que eu saísse do meu esconderijo. Eu obedeci e corri na direção dele. Vendo todos aqueles diabos voando na minha direção, temi por um instante que o pacto não fosse cumprido.

— Vou tocá-lo! — gritou um — Aonde? — perguntou outro. Mas Malacoda voltou-se rapidamente para eles e os afastou, gritando:

— Fica quieto Scarmiglione! — e depois virou-se para nós, dizendo — Esta ponte sobre a sexta vala está em ruínas. Se vocês quiserem prosseguir, devem continuar por esta beira e mais adiante irão encontrar outra ponte. De ontem, cinco horas mais que agora,

21.5 **Cronologia**: há 1266 anos (1300 – 1266) Cristo era crucificado e descia ao inferno. Na ocasião houve um grande terremoto que derrubou a ponte sobre a sexta vala e causou o deslizamento de terra entre o sexto e sétimo círculos (*Canto XII*). A descida ao inferno teria ocorrido na nona hora (depois do nascer do sol), o que corresponde às três horas da tarde, portanto, são aproximadamente dez horas da manhã de sábado.

21.6 **Os demônios**: Significado literal dos nomes:

Malacoda – malvada cauda
Calcabrina – pisa neve
Alichino – asa baixa
Cagnazzo – focinho de cão
Barbariccia – barba crespa
Libicocco – libiano
Draghignazzo – dragão feio
Graffiacane – esfola-cães
Ciriatto – porcalhão
Farfarello – duende
Rubicante – vermelhaço

Fonte: [Pinheiro 60]

já são 1266 anos desde que esta via foi destruída. Para lá mandarei alguns dos meus guardas que irão fiscalizar os pecadores no fosso. Podem ir com eles. Eles se comportarão.

E então Malacoda designou 10 diabos para nos escoltar, chamando-os um a um pelo nome: Calcabrina, Alichino, Cagnazzo, Libicocco, Draghignazzo, Graffiacane, Ciriatto, Farfarello, Rubicante e Barbariccia, o chefe da expedição.

— Meu mestre, o que é que eu vejo? — falei, assustado — dispensa a escolta e vamos embora sozinhos, pois eu não quero seguir na companhia deles. Se prestas atenção, como é o teu costume, vê como eles mostram os dentes e piscam uns para os outros.

— Não há o que temer — respondeu o mestre — deixa que eles mostrem seus dentes à vontade. Eles o fazem para as almas que fervem e não para nós.

Antes de seguirmos pela beira à esquerda, os demônios saudaram Malacoda soprando, com a língua firme entre os dentes, fazendo um som obsceno. Esperavam um sinal para partir. O demônio então, os respondeu de volta com o ânus em som de trombeta.

Canto XXII

Seguimos com os dez demônios. Durante a nossa jornada eu pude ter uma noção melhor de todo o vale e do breu fervente. Observei que, como os golfinhos que mostram suas costas acima da água, eventualmente um pecador mostrava as suas para aliviar por um instante seu sofrimento, e logo tornava a mergulhar. Outros ficavam à beira da fossa, mas submergiam assim que Barbariccia aparecia.

Vi então um pecador que, vacilante, demorou para retornar à calda fervente. Antes que o coitado pudesse submergir, Graffiacane o capturou agarrando-o pelos cabelos. Os diabos gritavam:

— Ó Rubicante! Enfia tuas garras nas costas dele! Esfola! Rasga a pele!!

Enquanto os demônios gritavam, eu voltei-me para o mestre e perguntei:

— Mestre, se puderes, descubra quem é este desgraçado que caiu nas mãos de seus adversários.

Meu guia se deslocou até o pecador, perguntou de onde viera, e ele respondeu:

— Eu nasci e fui criado no reino de Navarra. Depois fui servo do bom rei Tebaldo e lá aprendi a arte da barataria. Agora pago a conta neste caldo quente.

Ciriatto, que tinha duas presas no rosto que nem javali, fez-lhe sentir como uma só poderia rasgá-lo. Mas Barbariccia interveio, agarrando-o.

Personagens e símbolos do Canto XXII

22.1 **Frei Gomita** era um frade da Sardenha, chanceler de Nino Visconti, governador de Pisa. Se aproveitando de seu *status* social e da boa fé de Nino, que ignorava as acusações contra ele, frei Gomita se envolveu com a venda de cargos públicos. Quando Nino descobriu, porém, que o frade havia aceitado propina em troca da libertação de prisioneiros, ele mandou enforcá-lo. [Musa 95]

22.2 **Dom Michel Zanche**: Acredita-se que tenha sido governador de um dos distritos da Sardenha. Após a morte do rei da Sardenha, Dom Michel utilizou recursos fraudulentos para conquistar a viúva do rei. [Longfellow 67]

— Aproveita enquanto eu o seguro! — disse Barbariccia a Virgílio — Se quiseres que ele fale mais, continue a interrogá-lo antes que os outros o dilacerem.

— Então dize-me — continuou Virgílio — conheces algum latino lá embaixo?

— Eu estava com um agora há pouco. Queria eu estar lá embaixo com eles para não receber estas garfadas.

— Já esperamos demais! — gritou Libicocco, que com um garfo arrancou-lhe um pedaço do braço. Draghinazzo já ia furá-lo com o quinhão mas desistiu assim que percebeu que o decurião Barbariccia olhava para ele, irritado.

— Mas quem é aquele com quem disseste estar há pouco no caldo fervente? — continuou o mestre.

— Era o frei Gomita de Gallura, soberano especulador. — respondeu o condenado — Vive ele a conversar com Dom Miguel Zanche sobre a Sardenha. Ai! Mas olha só o diabo como ri! Eu poderia te falar mais, mas temo que esse demônio se zangue e venha me torturar!

Mas Barbariccia virou-se para Farfarello, que já avançava, gritando:

— Te afasta, ave de rapina nojenta!

— Se quiseres ver toscanos e lombardos — continuou o pecador —, eu os farei vir aos montes! É preciso, porém, que os Malebranche se afastem, pois eles os temem. Eu, sozinho, sem sair deste lugar, farei vir sete deles com um simples assobio. É o nosso sinal para indicar que algum de nós está fora.

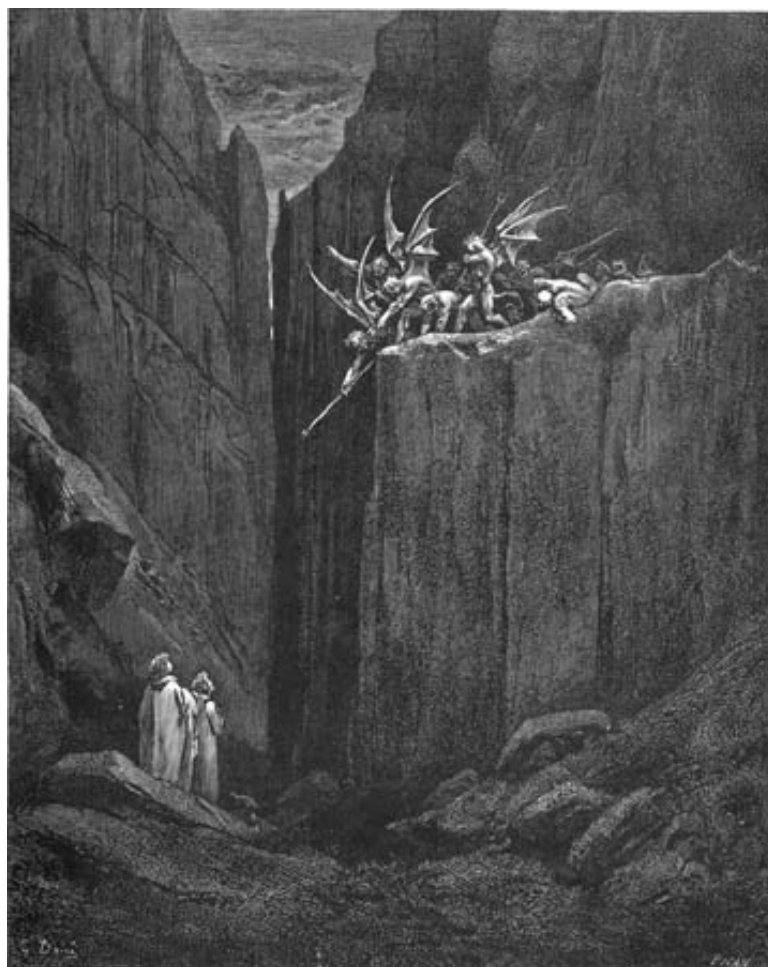
— Olha só a trapaça que ele armou para escapar! — disse Cagnazzo, rindo e sacudindo a cabeça.

— Trapaceiro eu sou — respondeu o esperto —, especialmente se for para trazer desgraça aos meus companheiros.

Mas Alichino queria ver para crer e o desafiou:

— Se tu mergulhares eu não correrei atrás de ti, pois tenho asas para te alcançar. Nós te deixaremos livre e ficaremos atrás do vale. Veremos se és mais rápido que nós.

E então todos tomaram o rumo do vale, começando com o que se opunha àquele jogo. Astuto, o corrupto saltou e conseguiu fugir. Alichino não conseguiu alcançá-lo. Calcabrina, irado, correu atrás também, torcendo que o danado escapasse para armar uma briga com Alichino. Assim que o pecador submergiu ele saltou em cima do seu irmão, e ambos se enroscaram no ar sobre o piche. Os dois começaram a se mutilar com suas garras até que caíram na pez fervente. O calor foi suficiente para separá-los, mas não conseguiam sair do poço, pois suas asas estavam encharcadas. Saíram então todos os outros diabos para os socorrer.

E lá os deixamos, naquela confusão, e continuamos sozinhos.

Dante e Virgílio conseguem escapar da perseguição dos dez demônios que os escoltavam. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Canto XXIII

Caminhávamos sem companhia: um na frente e o outro atrás. Durante a caminhada voltei a pensar naqueles demônios. Se por nossa causa eles sofreram dano, eles devem estar irados. Considerando os seus maus instintos, certamente não deixarão de vir atrás de nós. Esses pensamentos deixavam meus cabelos em pé e por causa do medo eu olhava para trás o tempo todo.

— Mestre — disse —, se não tiveres como nos esconder, eu temo que os Malebranche poderão nos encontrar. Eu os sinto; eu os ouço como se estivessem vindo.

— O teu temor agora juntou-se ao meu, e então vou procurar uma maneira de escaparmos. Se o declive a direita permitir nossa descida à próxima vala, teremos como escapar do ataque imaginado.

Mal tinha terminado de expor o seu plano, eu os vi chegando com suas asas abertas, não muito longe, para nos pegar! Meu guia tomou-me no colo de repente e se jogou na rocha escarpada até escorregar na calha, rasteiro. Quando chegamos lá embaixo os diabos já nos observavam do alto do precipício. Eles nos amaldiçoavam, irritados. Descer, eles não podiam, pois eram proibidos de ultrapassar a quinta vala.

Deixamos os diabos para trás e caminhamos pela quinta vala. Vimos gente colorida, de capuz, caminhando lentamente e usando capas de ouro brilhante por fora, mas de pesado chumbo por dentro. Eles sofriam e choravam, cansados pelo peso intenso.

Personagens e símbolos do Canto XXIII

23.1 **Os hipócritas** aparecem vestidos de uma roupa brilhante, visualmente atraente, porém pesada como chumbo. O *contrapasso* é o peso que não sentiram na consciência ao pregarem uma coisa e fazerem outra. No inferno, sentem finalmente o pelo do seu falso brilho.

23.2 **Os frades Gaudentes** (frades alegres) eram os frades da ordem dos Cavaleiros da Beata Santa Maria, criada pelo papa Urbano IV. Foram apelidados de frades alegres por não se retirarem em conventos, como os frades de outras ordens, e não estarem sujeitos a regras rigorosas, como o celibato. Eram dedicados à manutenção da paz entre as facções políticas que dividiam as famílias, protegendo viúvas e órfãos. Dois frades gaudentes que atuavam em Florença, Catalano e Loderingo, se desviaram de suas funções de pacificadores e tomaram partidos, pensando mais em benefícios pessoais que sociais, e ganharam fama pela sua hipocrisia. [Longfellow 67]

23.3 **Catalano e Loderingo**: Catalano di Malavolti e Loderingo di Liandolo eram frades gaudentes de Bolonha e fundadores daquela ordem em Florença. Um era guelfo, o outro guibelino e foram designados para manter a paz e administrar a justiça de forma imparcial. Se aproveitando do poder que a sociedade depositou neles, se afastaram dos seus objetivos sociais, buscando obter vantagens que foram prejudiciais principalmente aos guibelinos. [Longfellow 67]

— Meu guia — falei — enquanto caminhamos por esta vala, olha em volta e dize-me se vês alguém, cujos feitos ou nome me seja conhecido.

— Mais devagar, tu que corres por este ar escuro! — gritou um espírito, que ouvira minha fala toscana — Talvez eu possa conseguir o que tu queres.

Parei e vi duas almas que se aproximavam lentamente. Quando chegaram, me olharam e conversaram entre si:

— Ele parece vivo o que mexe a garganta, e se os dois estão mortos, qual privilégio permite que andem despidos da pesada manta? — conversaram, e depois, a mim se dirigiram — Ó toscano que vieste visitar o colégio dos hipócritas, dize para nós quem tu és.

— Eu nasci e cresci na grande cidade banhada pelo Arno e tenho o corpo que sempre possuí — respondi. — Mas quem sois vós, destilando lágrimas de dor que correm pelas vossas faces?

— Frades gaudentes fomos — respondeu o primeiro —, e bolonheses. Eu sou Catalano e este é Loderingo. Tua terra nos deu um cargo que se costumava dar a um homem só, para manter a paz, e nós fizemos mal uso dele.

Eu ia começar a responder aos frades quando me chamou a atenção um outro que sofria intensamente crucificado ao chão. O frade Catalano, que me observava, falou:

— Este que tu vês crucificado disse aos fariseus que era mais oportuno sacrificar um homem que atormentar todo o povo. Nu, ele jaz no caminho, e como vês, sente o peso de cada um que passa sobre ele. Todos os outros do seu conselho estão aqui também.

— Poderia nos dizer, se vos for permitido — perguntou Virgílio ao frade — se há, à direita, alguma passagem conhecida pela

23.4 **O Fariseu** é Caifás, o alto sacerdote dos Judeus, que propôs a morte de Cristo ao defendê-la perante os outros, dizendo: "Vós nada sabeis! Vós não percebeis que convém que um só homem morra pelo povo, e que não pereça toda a nação." (*Evangelho de João* 11:50)

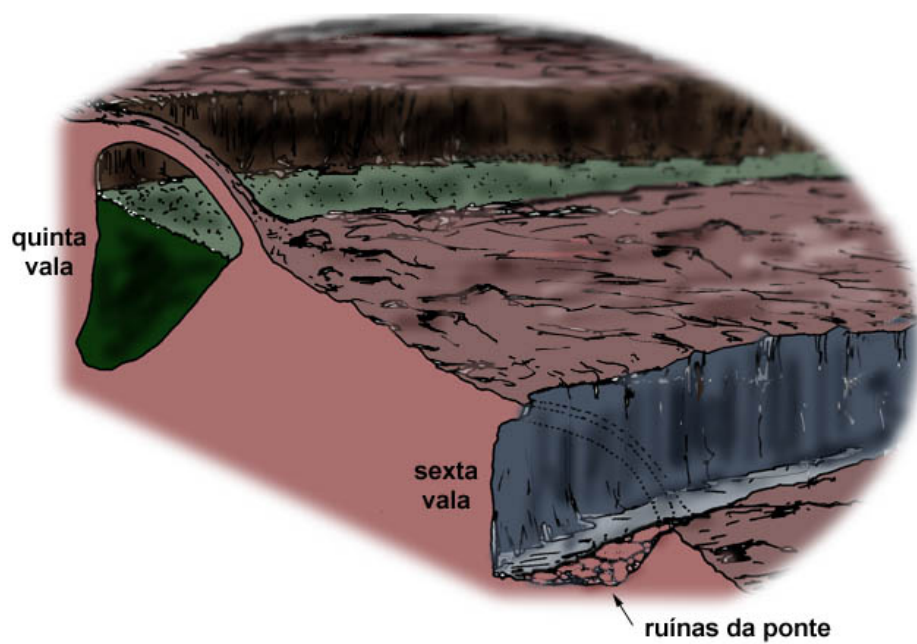
qual nós dois possamos sair, sem que seja necessário invocar os diabos para nos tirar desta vala?

— Mais perto que imaginas — respondeu o frade — há uma ponte que une todos os anéis, mas nesta parte ela está destruída. Porém, embora a ponte esteja quebrada, é possível subir escalando suas ruínas.

Ao ouvir a explicação do frade, Virgílio ficou parado, cabisbaixo. Depois disse, irritado:

— Ele mentiu, aquele demônio desgraçado! Mentiu! Não havia outra ponte, era mentira!

— Uma vez em Bolonha — interrompeu o frade —, fiquei sabendo dos vícios do diabo. Um deles é que ele é falso e é o pai da mentira.

Virgílio se afastou em passos largos, mostrando irritação no seu rosto. E eu parti também atrás dele, seguindo o rastro de seus pés.

Corte mostrando a quinta e sexta valas do Malebolge e a rampa formada pelas ruínas da ponte destruída. *Ilustração de Helder da Rocha.*

Canto XXIV

Virgílio, visivelmente irritado, nada falou até que chegamos diante das ruínas da ponte. Lá, imediatamente recuperou o seu semblante amável e otimista. Estudou por um instante as ruínas e abriu os braços para que eu me apoiasse nele para realizar a subida. E assim subimos, lentamente, ele me erguendo, e eu abrindo caminho.

— Segura aquela pedra ali — ordenou o mestre —, mas tenha cuidado! Vê antes se ela te sustenta.

Foi dura e difícil a escalada. Fosse o aclive mais íngreme ou mais longo eu certamente seria vencido pelo cansaço. Em Malebolge, cada poço é mais baixo que o anterior, portanto, a altura da subida deste lado era bem menor que a altura da nossa descida do lado oposto.

Chegamos, enfim, à derradeira pedra da ruína. Eu estava tão exausto que assim que paramos, aproveitei a oportunidade para me sentar. O mestre não gostou:

— Precisas deixar o cansaço de lado — disse ele —, pois estirado sobre a pluma ou a colcha, a fama não se alcança. E sem ela a vida passa sem deixar qualquer vestígio. Levanta! Vence o cansaço e anima-te! Mais longa escada nos aguarda. Com ânimo se vence qualquer batalha, quando o corpo pesado não atrapalha.

Com esse incentivo prontamente me levantei, falante, para me mostrar valente e destemido. Mas minha fala foi interrompida por uma voz que surgia já do outro fosso.

Ladrões torturados por serpentes na sétima vala do Malebolge. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Não dava para entender o que a voz dizia. Nem no meio da ponte. Era uma voz apressada, irritada. Eu me inclinei para olhar mas não dava para ver coisa alguma.

— Mestre — pedi — que tal atravessarmos até o outro lado e descermos o muro? Aqui onde estamos eu só ouço e nada entendo. Olho para baixo e nada vejo.

— O que pedires eu faço sem reclamar — respondeu Virgílio.

Descemos pela testa da ponte, pela oitava ribanceira que margeia a sétima calha, e lá vimos uma vasta multidão cercada de terríveis serpentes das mais diversas espécies. Só de pensar naqueles répteis terríveis meu sangue gela, pois eu nunca vira nada igual. No meio das serpentes corriam almas nuas, horrorizadas, com as mãos amarradas às costas por outras cobras que as apertavam, envolvendo seus corpos. Assistimos quando uma serpente perfurou um dos espíritos que estava próximo a nós. Ela atravessou seu colo se inseriu no seu busto. Imediatamente ele se incendiou e foi reduzido a um amontoado de cinzas. Mas aquelas cinzas espalhadas começaram a se mexer, e, lentamente, a se unir. Foram se juntando sozinhas até que haviam formado um homem. Ele se levantou como se acordasse de um sono profundo. Estava pasmo e suspirava aflito.

Meu guia então se aproximou e perguntou quem ele era. O condenado respondeu:

— Eu chovi de Toscana faz pouco tempo neste abismo. Eu gostava mais da vida bestial que da vida humana, como a mula que fui. Sou Vanni Fucci, a besta. Pistóia era a minha toca.

— Mestre — pedi —, pergunta a ele por que ele sofre nesta vala. Eu achava que ele estaria mergulhado no rio de sangue, como os outros violentos.

Personagens e símbolos do Canto XXIV

24.1 **Os ladrões** recebem no inferno como *contrapasso* (retribuição) o roubo constante de seus corpos por serpentes e outros répteis mutantes que os atravessam e os desintegram, roubando seus traços humanos.

24.2 **Vanni Fucci** era filho ilegítimo de Fuccio de' Lazzari e militante ativo dos Neri de Pistóia. Era conhecido como um homem violento e depravado, mas que raramente era punido pois pertencia a uma família nobre e influente. Tendo sido banido de Pistóia por seus crimes, ele voltou à cidade na noite de Carnaval e roubou as jóias da sacristia da igreja de San Giacomo. [Longfellow 67] Por aquele crime, um homem inocente (Rampino dei Foresi) foi preso, mas Vanni Fucci, que já havia deixado a cidade, enviou uma nota denunciando o receptador, que foi preso e enforcado, enquanto Rampino foi libertado [Sayers 49].

24.3 **Previsões de Vanni Fucci** referem-se ao seguinte acontecimento histórico: Em maio de 1301, os guelfos brancos (Bianchi) florentinos ajudaram os brancos de Pistóia a combater os guelfos negros (Neri), que então se refugiaram em Florença. Lá, eles se uniram ao partido negro de Florença e ajudaram a expulsar os brancos da cidade, com o apoio de Carlos de Valois. [Sayers 49].

O pecador ouviu e não dissimulou. Virou-se para mim com um rosto envergonhado, e disse:

— Maior é a dor de teres me encontrado nesta miséria que a dor que senti quando perdi minha outra vida. Mas agora não posso negar-me em te responder. Eu estou aqui por que eu fui um ladrão. Fui eu quem roubou aquela sacristia onde outro levou a culpa. Mas para que não que fiques feliz por ter me encontrado aqui, se algum dia escapares, abre os ouvidos e escuta minha profecia: Pistóia perderá todos os seus *Negros* e Florença renovará gente e modos. De Valdimagra virá um raio envolvido por nuvens negras, trazendo uma tempestade amarga sobre o campo de Piceno, onde destruirá as nuvens claras, e todo *Branco* será então ferido. Esta previsão eu fiz para que sofras!

Personagens e símbolos do Canto XXV

25.1 **Caco** era um gigante que, na obra de Virgílio (*Eneida*), era considerado semi-humano. Dante o retrata como um centauro, irmão dos centauros que guardam o sétimo círculo. Era filho de Vulcano e vivia numa caverna sob o monte Aventina. Foi morto por Hércules de quem roubou várias cabeças de gado. [Musa 95] [Sayers 49]

25.2 **Vulcano** é o deus do fogo, na mitologia grega.

25.3 **Hércules** foi um herói da mitologia grega conhecido pela sua força e coragem. Filho de Júpiter com uma mortal, foi alvo do ciúme de Juno que enviou duas enormes serpentes para matar o filho ilegítimo. Hércules, embora ainda um bebê, estrangulou as cobras. Quando jovem, Hércules matou um leão com suas próprias mãos. Hércules se casou com uma princesa de Tebas e com ela teve três filhos. Foi novamente vítima da ira de Juno que lhe fez perder o juízo e matar toda a sua família. De remorso, Hércules teria se matado se não fosse o oráculo de Delfos que disse que ele seria purgado aceitando ser o servo do rei de Micenas. O rei, incitado por Juno, arquitetou como pena 12 tarefas, impossíveis para qualquer mortal. Entre elas estava trazer Cérbero (*6.3*) ao mundo superior sem usar armas e o roubo do gado do monstro Gerión (*17.1*). Esta última tarefa fez Hércules viajar à Espanha, viagem que marcou ao partir em duas partes uma grande pedra que deu origem aos rochedos de Ceuta e Gibraltar (as colunas de Hércules – veja *nota 26.6*). Hércules cumpriu todas as tarefas e depois se casou com Dejanira, que ganhou como presente de Anteu (*31.5*), filho de Netuno. Quando o centauro Nesso (*12.6*) atacou Dejanira, Hércules o matou com uma lança envenenada. Ao morrer, Nesso convenceu Dejanira de que seu sangue era um poderoso afrodisíaco. Acreditando que Hércules se apaixonara por outra, Dejanira acreditou em Nesso e deu para Hércules uma túnica imersa no sangue do centauro. O sangue era, na verdade, um veneno. A dor foi tão grande que Hércules acabou se matando. [Encarta 97]

25.4 **Transformação em répteis**: Os pecadores que se transformam em répteis neste *Canto* são nobres florentinos. Dorothy Sayers explica esta alegoria da seguinte forma: "os ladrões, que não faziam distinção entre o meu e o seu, não podem considerar suas formas e suas personalidades como propriedade sua." [Sayers

Canto XXV

No final de seu discurso, o ladrão fechou a mão em punho deixando apenas o dedo médio, ergueu-a para o alto e gritou:

— Toma, Deus, olha, isto aqui é pra você!

E dali em diante, todas as serpentes se tornaram minhas amigas, pois uma chegou e se enrolou no seu pescoço, impedindo que ele falasse. Depois veio outra e se enrolou com tanta força nos seus braços que ele não pôde mais sequer se mexer.

Ah! Pistóia, Pistóia, por que não te incineras de uma vez por todas, pois nem teus fundadores fizeram tanto mal quanto agora fazes! Eu achava que não veria mais, neste Inferno escuro, figura mais orgulhosa que aquele que morreu nos muros de Tebas.

Sem dizer mais nada ele fugiu. Pouco depois, apareceu um centauro, que o procurava. Estava totalmente coberto de serpentes. No ombro, atrás da nuca, um dragão com suas asas abertas, cuspia fogo em quem se aproximasse.

— Este que tu vês é Caco — apontou-me o mestre —, filho de Vulcano que aqui cumpre pena por ter roubado o rebanho do seu vizinho, Hércules, que foi quem depois o matou com cem golpes de clava, dos quais não sentiu talvez mais que dez.

Enquanto Caco passava, três espíritos se aproximaram e nos perguntaram:

— Quem sois vós?

49] As transformações são as seguintes: Agnel, aparece como homem e se funde com Cianfa, que surge como um monstro de seis patas. Buoso aparece primeiro como homem e depois troca formas com Francesco que primeiro aparece como um réptil cinza.

25.5 **Cianfa dei Donati** é um nobre florentino. É ele que aparece pela primeira vez como um réptil de seis patas, agarra Agnel e com ele se mescla..

25.6 **Agnel** é Agnello dei Brunelleschi, nobre florentino. Ele aparece inicialmente como uma alma humana, mas é depois mesclado com Cianfa, que aparece como uma serpente de seis patas..

Nossa conversa então se interrompeu. Eu não os conhecia, mas cheguei a ouvir alguém do grupo perguntar:

— Onde será que está Cianfa?

Enquanto eu os olhava, sem nada dizer, de repente uma serpente com seis patas se arremessou sobre um deles, envolvendo-o totalmente. Com as patas do meio apertava seu abdômen. Com as da frente segurava seus braços e com as de trás, suas pernas. Os dentes afiados ela afundava na sua face e sua cauda passava no meio das pernas do ladrão, perfurando-o, atravessando seus rins e saindo reta pelo ventre. Entrelaçava-se tão firmemente no pecador que os dois — alma e réptil — se fundiam como se fossem cera. Nem um nem o outro pareciam ser mais o que eram. Um dos seus companheiros então gritou:

— Ó Agnel, como mudaste! Não és mais nem dois nem um!

Das duas cabeças agora só havia uma e já surgiam dois semblantes em um único rosto. Aquele ser não era mais gente nem serpente. Transformara-se em um monstro nunca visto. E a imagem deturpada assim se foi, num passo lento.

Vi então correndo como lagartixa, na direção de um dos dois ladrões restantes, uma cobrinha preta. Ela veio e afundou os dentes em um deles, atravessando-lhe o umbigo. Depois caiu e se estendeu diante dele. O ladrão nada falava. Permanecia em pé como em transe, olhando para o réptil que o olhava. Pelo focinho de um e pela ferida do outro saía fumaça. Os dois começaram então a se transformar. A serpente aos poucos adquiria feições que sumiam no condenado, numa troca perfeitamente simétrica. Assim que a cauda dela se dividia em duas partes, as pernas do pecador se uniam, e se fundiam perfeitamente. A pele dele se tornava cada vez mais dura,

25.7 **Puccio Sciancato** é outro nobre florentino. Puccio é o único que não se transforma em serpente durante a visita de Dante.

25.8 **Aquele por quem Gaville** chora é Francesco Cavalcanti. Ele foi morto pelos habitantes da vila de Gaville e seus parentes vingaram a sua morte provocando um genocídio na vila. Francesco surge como um réptil de quatro patas e troca de formas com Buoso.

25.9 **Buoso Donati**: Alguns comentaristas acham que este personagem (que Dante menciona simplesmente como "Buoso") não é Buoso Donati (vítima de Gianni Schicchi mencionada no Canto XXX) mas Buoso degli Abati. Ambos foram nobres florentinos que teriam enriquecido se apropriando da propriedade alheia. Buoso aparece com forma humana mas depois se mescla com Francesco e parte como réptil de quatro patas.

se cobrindo de escamas, enquanto a dela se tornava macia. Os seus braços entravam pelas axilas enquanto que na fera, duas patas cresciam. Pouco depois, um tombou e começou a rastejar enquanto o outro se levantou. O que estava em pé ainda não tinha orelhas e exibia uma língua de serpente, mas logo suas orelhas começaram a nascer e sua língua se uniu, perfeitamente. A língua do que estava no chão se dividiu em duas partes e ele recolheu as orelhas como uma lesma recolhe seus chifres. Quando a fumaça finalmente cessou, o réptil de quatro patas, recém formado, partiu assobiando, fugindo do vale para as encostas. O outro seguia a fera, andando e falando. Mas antes de partir, ele se virou e falou para aquele que não havia se transformado:

— Quero agora que Buoso corra com as quatro patas, como eu fiz.

E apesar dos meus olhos confusos e minha mente desorientada, não deixei de reconhecer os dois que ficaram. Um, era Puccio Sciancato, o único que não se transformara, e o outro era aquele por quem Gaville chora.

Personagens e símbolos do Canto XXVI

26.1 **Os maus conselheiros** são os que induziram outros a praticar a fraude. De acordo com Dorothy Sayers "o fogo que atormenta também oculta os conselheiros da fraude, pois pecado deles foi cometido às escondidas. E como pecaram com suas línguas, agora a fala só pode passar pela *língua* da chama furtiva." [Sayers 49]

26.2 **Ulisses** (Odisseus, na mitologia grega) era rei de Íthaca e um dos líderes do exército grego na guerra de Tróia. Ele surge em diversas obras gregas antigas como herói bravo e virtuoso. Nas obras de Virgílio é um político armador de intrigas e conspirações. Sempre foi retratado como um exímio estrategista, tendo sido o autor do logro do cavalo de Tróia junto com Diomedes, que levou a conquista da cidade pelos gregos. Ulisses e Diomedes também são acusados do roubo do *Palladium* (estátua de Atena de Palas) que os troianos acreditavam ter caído do templo de Atena no céu, e que era a causa da invencibilidade de Tróia. Entre os maus conselhos de Ulisses está o incentivo dado a Aquiles ao revelar que o oráculo lhe profetizava grandes glórias (a rendição de Tróia). Mas Ulisses escondeu de Aquiles a segunda parte do oráculo, que profetizava também que ele morreria na guerra.

26.3 **Diomedes** foi rei de Argos e aliado de Ulisses e dos gregos na guerra de Tróia.

26.4 **Penélope** era, segundo a mitologia grega, princesa de Esparta e esposa de Odisseus (Ulisses), que lutava na guerra de Tróia. Ulisses passou mais de 20 anos longe de Penélope, antes e depois da guerra, mas ela nunca duvidou que ele voltaria. Embora fosse constantemente assediada por inúmeros pretendentes, ela sempre os dispensava dizendo que não podia escolher um novo esposo enquanto não terminasse uma colcha que tecia para seu sogro Laertes. Toda noite ela desfazia o trabalho feito durante o dia e assim evitava ter que fazer a escolha. Uma noite, porém, ela foi surpreendida por uma criada que revelou seu segredo e foi assim obrigada a concluir o trabalho. Quando os pretendentes estavam prontos a ouvir sua decisão, Ulisses voltou, disfarçado, matou todos eles e voltou para Penélope. [Encarta 97]

Canto XXVI

Alegra-te Florença pois és tão grande que até pelo Inferno o teu nome se expande! Cinco eminentes florentinos encontrei naquele fosso, o que me fez sentir vergonha de ti.

Subimos pela escada de pedras que havia sido o caminho pelo qual havíamos descido. Ele ia na frente e me puxava rochedo acima, apoiando-se nas rachaduras, por onde o pé não podia avançar sem a mão.

A oitava vala resplandecia de chamas. Isto pude ver quando meus pés chegaram a um ponto onde o fundo já aparecia. As chamas não estavam imóveis. Elas se moviam continuamente como gente o que me levou a imaginar que mantinham em sua custódia um pecador. O meu guia, como sempre adivinhando meu pensamento, confirmou:

— Em cada fogo há um espírito que é torturado pelo fogo incessante.

— Ó mestre — perguntei —, isto que acabas de falar eu já tinha adivinhado, mas dize-me quem está naquele fogo duplo, com uma chama dividida em duas pontas?

— Naquela chama — respondeu — sofrem dura pena Ulisses e Diomedes. Naquela chama se arrependem de ter tramado o logro do cavalo de Tróia e o roubo do Paládio.

— Podem eles falar através do fogo? — perguntei.

— Sim — respondeu o mestre —, mas deixa que eu fale, pois, sendo gregos, podem te desprezar.

26.5 **A última viagem de Ulisses** não tem precedentes em qualquer outra obra literária sobre o explorador grego, cujas aventuras foram narradas por vários outros autores, além de Homero. É criação de Dante e uma das mais famosas passagens do *Inferno*. Ulisses fala que atravessou o mediterrâneo até os pilares de Hércules (estreito de Gibraltar). Foi além dos pilares, virou para o sudoeste e navegou por mais cinco meses quando finalmente viu, no horizonte, a forma de uma altíssima montanha. Jamais conseguiu chegar até ela pois antes um redemoinho afundou sua embarcação, matando ele e todos os seus tripulantes. A montanha era o monte do purgatório, que fica do outro lado do mundo.

26.6 **Os pilares de Hércules** são formados pelo rochedo de Gibraltar na Espanha e pelo rochedo de Ceuta (Abila) em Marrocos e separam o mar Mediterrâneo do oceano Atlântico. No mundo antigo acreditava-se que os pilares de Hércules sinalizavam o ponto onde acabava o mundo habitado (na época, só se conhecia três continentes: Europa, África e Ásia). De acordo com a mitologia clássica os montes antigamente formavam um só rochedo que foi partido em dois por Hércules.

Chegou o fogo a um lugar propício e o mestre se aproximou, perguntando:

— Ó vós que são dois dentro de uma única chama, se mereci de vós o meu viver, se mereci de vós alguma fama, quando no mundo meus altos versos escrevi, não vos moveis, mas que um de vós me diga onde foi perdido, para morrer.

A ponta maior da chama logo cresceu e começou a se agitar, e, como se fosse uma língua ondulando, virou-se para nós e falou:

— Quando descobri que nada podia impedir minha ânsia de viajar e conhecer o mundo, nem ternura de filho ao velho pai, nem o amor da minha Penélope, decidi explorar o mar aberto e profundo, acompanhado de minha tripulação fiel. Passamos da Espanha e Marrocos, e continuamos além dos pilares que por Hércules foram fixados, sinalizando aos homens que daquele ponto não passassem. Navegamos em mar aberto por cinco meses, com a vela sempre à esquerda, até que vimos no horizonte uma enorme montanha. Mesmo distante, apagada e escura, nunca eu vira outra assim tão grande. Mas nossa alegria durou pouco e logo transformou-se em pranto. Da nova terra saiu um grande redemoinho que atingiu a nossa embarcação na popa. Três vezes o barco rodou até que na quarta fomos sepultados nas profundezas do oceano.

Personagens e símbolos do Canto XXVII

27.1 **Guido de Montefeltro** (1223-1298) é a chama que fala neste *Canto*. Ele era um capitão guibelino famoso por sua sabedoria e estratégias militares. Obteve sucesso em várias batalhas contra os guelfos. Chegou a ser excomungado mas, alguns anos depois, se reconciliou com a igreja e entrou para a ordem dos franciscanos. O seu filho, Buonconte, morreu em 1289 lutando pelos guibelinos na batalha de Campaldino, na qual Dante lutava do outro lado, pelos guelfos.

27.2 **A águia de Polenta**: Os governantes de Polenta ostentavam uma águia no seu brasão. Reinaram sobre Ravenna por 170 anos (até 1441) e em seus territórios estava incluída a Cérvia.

27.3 **Os mastins de Verruchio**: são os tiranos Malatesta e seu filho Malatestino de Rimini. Eles mataram Montagna dei Parciati, um guibelino também de Rimini.

Canto XXVII

A chama agora estava imóvel e quieta. Nada mais falou e já se afastava com a licença do poeta quando uma outra, que vinha logo atrás, chamou nossa atenção à sua ponta que liberava ruídos estranhos. A ponta começou a mover-se, como se fosse uma língua, até que ouvimos:

— Ó tu a quem dirijo a minha voz, que falavas há pouco em lombardo, dizendo: "Podes ir, não te peço mais nada", embora tenha eu demorado em chegar a ti, não te incomodes se eu falar contigo, pois vês que não incomoda a mim, que estou ardendo em chamas! Se tu acabas de cair do mundo, daquela doce terra latina, diga-me, está a Romanha em paz ou em guerra?

Eu ainda escutava a chama falar quando o mestre me cutucou e disse:

— Fala tu, pois este é latino!

E eu, que já estava preparado para lhe responder, comecei:

— Ó tu que te escondes nessa chama, no coração dos seus tiranos tua Romanha sempre esteve em guerra, mas quando eu a deixei, ela não estava envolvida em conflitos. Ravena está como há muitos anos e a águia de Polenta já estica suas asas sobre a Cérvia. O mastim novo de Verrucchio, assim como o velho, continuam a sugar o sangue de seu povo.

Falei-lhe ainda de Forli, Lamone, Santerno e outras cidades da Romanha. No final, lhe pedi:

27.4 **Fortaleza Penestrina**: A família Colonna, excomungada pelo papa Bonifácio VIII (por não considerar legítima a renúncia do papa Celestino V, praticamente obrigado a deixar o cargo por insistência de Bonifácio), se refugiou na sua fortaleza *Penestrina*, que pôde suportar os ataques das tropas papais. Levando adiante uma sugestão do frade Guido, Bonifácio prometeu anistia total à família Colonna, que, acreditando na sua boa fé, se rendeu. Bonifácio então, os traiu, prendendo-os e mandando destruir o palácio.

27.5 **O príncipe dos novos fariseus** é o papa Bonifácio VIII (*19.2*):

— Agora peço que me conte quem és, para que eu possa estender, no mundo, a tua fama.

— Se eu acreditasse que eu estava falando com uma alma que iria voltar ao mundo, esta chama não mais se moveria, mas como nunca, deste abismo, alma alguma jamais escapou, sem medo de infâmia eu te respondo. Fui guerreiro e depois frade franciscano, acreditando que assim poderia corrigir os meus erros do passado. Arrependi-me dos meus pecados e confessei meus erros. Ai miserável! E bem teria valido se não fosse aquele príncipe dos novos fariseus que me pediu para ajudá-lo a destruir a fortaleza Perestrina. Para ele, não importava o cargo supremo que ocupava, nem os votos sagrados e nem o cordão que eu usava. Ele me pediu conselho, e eu calei. Mas depois falou de novo: "Não sejas desconfiado! Eu já te absolvo dos pecados que vieres a cometer. O céu eu posso fechar ou abrir, como tu sabes, pois são duas as chaves que meu antecessor não soube guardar." Eu, convencido pelos seus argumentos, aceitei, e disse: "Padre, desde que me absolvas do pecado que estou prestes a cometer, te aconselharei: *Prometa a eles, anistia. Depois, quando obedecerem, volte atrás e não cumpra a promessa! Se assim fizeres, triunfarás!*" No momento da minha morte, São Francisco veio buscar minha alma, mas antes que ele pudesse me levar um querubim negro se antecipou e, utilizando argumentos lógicos, demonstrou que eu deveria ir para o Inferno: "Para baixo ele virá comigo, pois deu conselho fraudulento. Não se pode absolver o impenitente, nem pode o arrependido ainda querer pecar, pois assim nada vale seu arrependimento." Coitado de mim. Quando ele me tomou ainda falou: "Nem imaginavas que eu pudesse argumentar tão bem, não foi?" O demônio me levou até Minós, que se enrolou no rabo oito

vezes e, de tanta raiva ainda o mordeu, me enviando a esta oitava vala para ser prisioneiro do fogo eterno.

Depois que concluiu o seu relato, a chama calou-se e se afastou, torcendo e debatendo o corno agudo. Eu e o mestre dali partimos, subindo pela escarpada para o arco seguinte, que atravessa o fosso onde pagam suas penas aqueles que as ganharam desunindo.

Personagens e símbolos do Canto XXVIII

28.1 **Os semeadores de discórdias** dividem-se em três tipos: (1) criadores de cismas religiosos (Maomé, Ali), (2) instigadores de conflitos sociais (Caio Cúrio, Pier da Medicina), e (3) semeadores de desunião familiar (Bertran de Born e Mosca) [Sayers 49]. O demônio que os pune causa mutilações em partes do corpo representativas do tipo de discórdia provocada.

28.2 **O profeta Maomé** (570-632) foi o fundador do Islã, cujos ensinamentos proféticos, que abrangiam desde princípios políticos até sociais e religiosos, se tornaram a base da civilização islâmica e tiveram grande influência na história mundial. Nascido na cidade de Meca (Arábia), foi órfão de pai e mãe antes dos seis anos, tendo sido criado pelo seu tio. Tornou-se, como a maioria de sua tribo, um ativo comerciante e fez várias viagens à Síria onde conheceu Khadija, uma viuva cujos negócios ele passou a administrar. Ela ficou tão impressionada com a sua honestidade que o ofereceu casamento, que ele aceitou aos 25 anos. Maomé teve a oportunidade de ouvir judeus e cristãos pregarem sua religião nas feiras de Meca, e, freqüentemente se retirava para orar e meditar sobre as questões que eles levantavam. Num desses retiros, teve a visão do arcanjo Gabriel que o proclamou profeta de Deus. Inicialmente assustado com a responsabilidade que lhe foi passada, foi aos poucos assumindo sua missão profética e passou a pregar em público, tendo como primeiros seguidores sua esposa e o seu primo Ali. Ele pregava a existência de um único Deus, do juízo final e lutava pela justiça social e econômica. Maomé formalizou suas revelações no *Corão*, que se tornou livro sagrado. Afirmou ser o último dos profetas e que o *Corão* era a última das revelações. Por pregar contra as tradições tribais, Maomé foi várias vezes perseguido, tendo que se refugiar em Medina. O início do seu exílio marca o início do calendário islâmico. Em Medina, ele estabeleceu o império islâmico, implementando amplas reformas sociais, porém dando autonomia aos judeus e cristãos. [Encarta 97] Salvatore Viglio comenta sobre sua presença no inferno: "Dante pertence a uma época em que eram freqüentes os conflitos entre cristãos e muçulmanos e vivos os horrores das invasões dos grupos islâmicos sobre as nações cristãs. Embora admire a cultura árabe, não sai do clima de hostilidade religiosa, proveniente da pregação das Cruzadas. Dentro da mentalidade da idade média, considera Maomé um cristão dissidente, que, por vaidade, teria separado grande parcela da humanidade da verdadeira igreja de Cristo." [Viglio 70]

Canto XXVIII

Quem poderia, mesmo fazendo uso da melhor prosa, narrar as cenas de sangue e das feridas, que eu vi naquele triste lugar? Todas as línguas, por certo, estariam falidas, pois nossa memória e nosso vocabulário não são suficientes para compreender tamanha dor. Nem nos campos de batalha das piores guerras se viu tantos corpos estraçalhados, com deformações e feridas tão terríveis, quanto os que povoavam aquela nona vala.

Próximo a nós estava um condenado com as entranhas à vista, rasgado do nariz à garganta e com os intestinos pendurados entre as pernas. Eu o olhava, hesitante, quando ele, me olhando de volta, rasgou o peito com as mãos dizendo:

— Vês, tu, como eu me maltrato? Vês como Maomé e Ali estão desfeitos, gemendo, e todos esses semeadores de discórdias e heresias? Todos aqui são continuamente rasgados, cruelmente, por um diabo que aqui nos tortura eternamente. Em vão saram as feridas, pois logo ele volta e nos dilacera outra vez! — depois me perguntou — E tu, quem és, tentando retardar a tua pena aí sobre a ponte?

— Nem morte ainda o alcançou, nem culpa ordena que ele sofra aqui — respondeu Virgílio —, mas para que ele possa ter esta experiência, eu, que estou morto, devo guiá-lo por todo este Inferno de giro em giro. Isto é tão verdadeiro como a minha presença aqui.

28.3 **Ali** (600-661): Primo de Maomé, foi um dos seus primeiros seguidores. Ali casou-se com Fátima, a única das filhas do profeta que sobrevivera à idade adulta, e assumiu o como o quarto califa do Islã em 656.

28.4 **Frade Dolcino** foi um reformador mal sucedido da igreja cristã. A sua seita – os *Irmãos Apostólicos* – pregava a volta da religião à simplicidade dos tempos dos apóstolos, o fim da propriedade privada, a comunhão dos bens e das mulheres. Sustentavam que a eucaristia não podia conter o corpo de Cristo, que a confissão dos pecados a padres humanos e pecadores era inútil, que a cruz não deveria ser adorada como símbolo divino e que o batismo com água benta não tinha valor espiritual algum, entre outras doutrinas consideradas heresia pela igreja de Roma. O papa Clemente V baniu sua seita e ordenou o fim da irmandade. Fugiram, então, Dolcino e seus seguidores para as proximidades de Novarra onde resistiram às forças do papa durante um ano, até que finalmente foram vencidos pela fome [Musa 95]. Dolcino e sua companheira, a bela Margareth de Trento foram condenados à fogueira em 1307, mas antes foram torturados cruelmente. Margareth foi queimada primeiro, num fogo lento, diante de Dolcino. Este, depois de assistir à morte de sua companheira, foi preso a uma carroça puxada por bois, que desfilou por várias ruas da cidade. Em sua volta havia vários potes de ferro cheios de brasas. Mergulhadas nas brasas estavam grandes pinças de ferro, incandescentes. Durante o desfile pela cidade, as pinças eram aplicadas em várias partes do corpo nu de Dolcino, até que toda a pele tivesse sido arrancada. No final, depois de desfilar por toda a cidade, a carcaça foi jogada sobre o que sobrou de Margareth [Longfellow 67]. Para a igreja, a doutrina de Dolcino era extremamente perigosa por causa de suas posições contrárias às determinadas por Roma e por influenciar tantos seguidores. Os culpados, quando capturados, sempre eram submetidos a torturas exemplares. No seu livro *O Nome da Rosa*, o escritor Umberto Eco narra um episódio onde religiosos são acusados de heresia por seguirem princípios da seita de Dolcino.

28.5 **Guido del Cassero e Angioliello da Calignano** eram dois cidadãos de Fano. Eles morreram por afogamento em Cattolica – cidade às margens do mar Adriático, numa região conhecida por seu mar turbulento. O afogamento não foi acidental mas o cumprimento de uma ordem de Malatestino de Rimini [Sayers 49].

Quando ouviram essas palavras, mais de cem almas se aproximaram para me ver, quase esquecendo por um momento o seu intenso sofrimento.

— Diga ao Frei Dolcino — falou Maomé — que ele se abasteça de mantimentos e não saia do seu refúgio nas montanhas, se ele não tiver pressa em me encontrar. Se não tomar esses cuidados, o bispo de Novarra certamente o vencerá!

Depois de falar, Maomé se levantou e saiu. Veio então outro que tinha a garganta furada, o nariz totalmente decepado e apenas uma orelha inteira. Ele se separou do grupo e abriu sua goela vermelha, que falou:

— Ó tu que vi na sua terra latina, lembra-te de Pier de Medicina quando voltares, e avisa a Guido e Angiolello que, se nossa visão é certa, eles serão arrancados do seu barco e afogados perto de Cattólica, por traição de um tirano cruel. Aquele traidor, que só vê por um olho, reina sobre uma cidade que alguém aqui deseja nunca ter visto.

— Quem é aquele que nunca deseja ter visto a cidade onde reina o tirano? — perguntei.

— É este aqui. Mas ele não fala nada! — disse Pier, mostrando um companheiro calado e assustado, cuja boca ele abriu com a mão. — Este homem, no exílio, acabou com as dúvidas de César quando lhe disse: “O homem preparado, quando hesita, perde.”

Oh, como ele parecia assustado, com a língua presa na garganta, Cúrio, que antes fora tão grande orador.

Um outro, com ambas mãos truncadas, levantou os cotos no ar, espalhando sangue sobre seu rosto, e gritou:

28.6 **O tirano cruel de um olho só é Malatestino** de Rímini foi nobre guelfo da família dos Malatesta – tiranos de Rimini. Malatestino era cego de um olho. No *Canto XXVII,* Dante o chama de "mastim novo de Verrucchio" (o mastim velho é Malatesta). *Verruchio* era o nome do castelo dos Malatesta (veja *nota 27.3*).

28.7 **Pier da Medicina** era, de acordo com o estudioso Benvenuto da Imola, instigador de rixas entre as famílias de Polenta e de Malatesta (veja Malatestino). [Musa 95] Suas mutilações ocorrem na garganta (que usava para mentir e espalhar intrigas), no nariz (que usava para farejar segredos alheios) e na orelha (que usava para escutar através das portas e paredes).

28.8 **Caio Cúrio (Caius Cribonius Curio)**: foi condenado ao exílio em Rimini e por isso Pier da Medicina diz que ele deseja nunca ter visto Rimini (cidade às margens do rio Rubicon). Ele era um tribuno romano sob as ordens de Pompeu – cônsul romano que, aproveitando a ausência de Júlio César (que estava conquistando a Gália) aplicara um golpe de estado se declarando Cônsul de Roma. Em 49 a.C., César estava proibido de cruzar a fronteira entre a Gália e a república romana, marcada pelo rio Rubicon. Segundo Lucano (em *Pharsalia*), Cúrio dirigiu-se a César e o convenceu a atravessar o rio e avançar na direção de Roma. Essa ação iniciou a guerra civil romana (discórdia pela qual Caio é punido) que culminou com a vitória de César três meses depois. [Encarta 97], [Mauro 98] e [Musa 95]

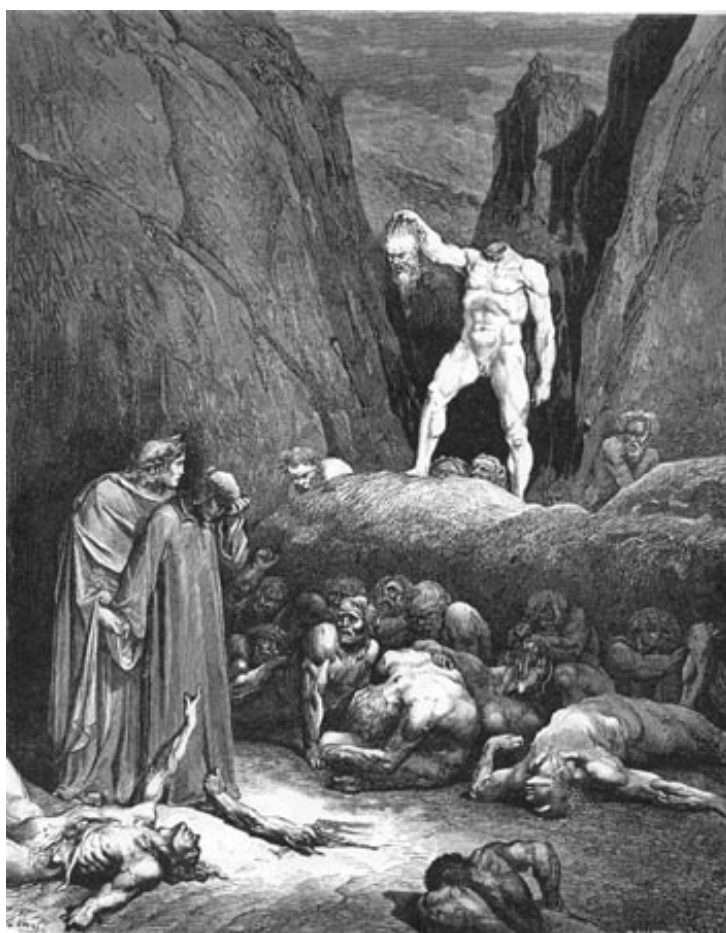
28.9 **Mosca dei Lamberti** foi um nobre florentino que, ao instigar uma briga entre as famílias Buondelmonti e Amadei, levou Florença a se dividir entre guelfos e guibelinos. As famílias se desentenderam quando Buondelmonte dei Buondelmonti, que estava prometido em casamento a uma moça da família Amadei, a trocou por uma da família Donati. Quando seus parentes estavam procurando a melhor maneira de reparar o dano, Mosca disse "o que está feito, está feito", anunciando que Buondelmonte já havia sido assassinado. Por causa disso, a cidade se dividiu, tomando partidos, e daquele dia em diante, Florença passou a ser palco constante de disputas entre as facções rivais. [Sayers 49]

— Recorda o pobre Mosca, que disse "o que está feito, está feito" que para os toscanos foi semente tosca!

— E para a tua casta será a morte! — respondi-lhe, irritado, e ele, com mais essa ferida, retirou-se.

Continuei a observar a multidão quando vi um corpo que caminhava sem cabeça. Ele segurava sua cabeça pelos cabelos, balançando-a como lanterna. Quando chegou junto da ponte, ergueu alto o braço que a segurava, para que sua fala pudéssemos ouvir melhor:

— Sou Bertran de Bórnio — gritou —, e sofro esta pena monstruosa por ter instigado o jovem rei contra seu pai. Eu pus o pai contra o filho e por ter separado aqueles antes tão unidos, tive o meu cérebro separado do meu tronco. E assim, em mim tu vês, o perfeito contrapasso.

28.10 **Bertran de Born**: Famoso poeta inglês, foi um dos maiores trovadores provençais. Ele é acusado de ter semeado a discórdia entre o rei Henrique II (Henry) da Inglaterra e o seu filho, o príncipe de mesmo nome. O contrapasso de Bertran de Born é um dos mais nítidos da *Comédia*. O efeito do pecado foi a separação de pai e filho. O contrapasso é a separação de cabeça e tronco. Vários outros círculos do inferno apresentam contrapassos, porém nem todos são tão evidentes quanto este.

Bertran de Born, condenado a ter a cabeça separada do corpo para sempre, por ter causado a separação de pai e filho. *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Personagens e símbolos do Canto XXIX

29.1 **Cronologia:** como a lua cheia está abaixo dos pés de Dante e Virgílio, é aproximadamente 1 hora da tarde (sábado).

29.2 **Geri del Bello** era primo do pai de Dante. Sua reputação não era das melhores. Ele se envolveu numa rixa com a família Sacchetti e foi assassinado, provavelmente por um dos Sacchetti. "A vingança pela morte de parentes era considerada obrigatória na época, e, aparentemente, a morte de Geri ainda não fora vingada pela família Alighieri em 1300." [Musa 95]

Canto XXIX

Tanta gente ferida e sofrendo deixaram meus olhos inundados de lágrimas. Virgílio notou e me perguntou:

— O que procuras? Por que olhas tanto para essa gente? Nos outros fossos isto não aconteceu. Se quiseres contar todos, lembra-te que o vale se estende por 22 milhas e a Lua já se encontra aos nossos pés. Vamos andando porque o tempo é curto e há muito mais para ver adiante.

— Se soubesses o que eu estava procurando, talvez tivesses deixado eu permanecer por mais tempo. — falei e continuei a seguir o mestre, que não parou para me ouvir. Acrescentei — Dentro daquela vala, onde eu mantinha o olhar, acredito que esteja um espírito da minha família, a chorar pela sua culpa aqui punida.

— Não tenhas tal preocupação com ele pois ela não é recíproca. — respondeu o mestre. — Quando estávamos lá ao pé da ponte pude vê-lo te ameaçar com o dedo erguido e prestei atenção quando falaram seu nome: "Geri del Bello". Tu não ouviste porque estavas demais entretido com a cabeça falante de Bertran de Born.

— Ó mestre meu, a violenta morte que não lhe foi vingada — disse eu —, o deixou indignado, acredito, e foi essa a razão pela qual se escondeu sem querer falar comigo. É por isso que sinto pena e tristeza por ele.

Continuamos a conversar até chegarmos a um ponto, desde a ponte, onde já era possível avistar o vale inteiro. Só o vale. Dentro dele não se via nada por causa da escuridão. Quando finalmente

29.3 **Falsificadores (alquimistas)**: A décima bolsa do Malebolge pune aqueles que falsificaram coisas, palavras, dinheiro e pessoas. O *Canto XXIX* fala dos *falsificadores de matéria* (coisas), especificamente, os alquimistas. “Na nossa sociedade, eles podem ser representar aqueles que adulteram remédios e comida, os que constróem prédios e casas com materiais de baixa qualidade e acabamento de primeira, etc.” [Sayers 49] No Malebolge eles estão cobertos de sarnas e sofrem com uma coceira incessante.

estávamos no meio da ponte que atravessa este último claustro do Malebolge pudemos vê-lo por completo, e ouvir gritos tão terríveis que me levaram a cobrir os ouvidos. Amontoados naquela vala estavam centenas de doentes, com seus membros apodrecendo como leprosos. O ar estava dominado por um cheiro forte de carne podre.

Descemos por uma via à esquerda da saída da ponte até chegar a um ponto onde se tinha uma visão mais nítida daquele poço, onde são punidos os falsários. A visão era terrível. Por todo o vale se estendiam montes de espíritos empilhados, tão cansados que mal se moviam. Uns se estiravam, de bruços ou de costas, sobre os corpos dos outros. Outros se arrastavam, lentamente, com dificuldade. Passo a passo andávamos sem dizer uma palavra, vendo aquelas almas doentes, incapazes de levantar seus corpos deformados. Vimos dois pecadores sentados, um de costas para o outro, com os corpos totalmente cobertos de sarnas. Eles se coçavam freneticamente, afundando suas unhas na pele e tentando, em vão, atenuar a coceira que nunca cessava.

— Tu que arrancas tua pele com as unhas — dirigiu-se Virgílio a uma das almas — dize-me se existe algum latino aqui presente, para que tuas unhas possam servir a esse teu trabalho eternamente.

— Latinos somos nós que tu vês aqui, desfigurados. — respondeu um deles chorando — Mas quem és tu e por que nos perguntas?

— Sou o guia deste ser vivente — respondeu o mestre — e aqui desci com a intenção de mostrar-lhe todo o Inferno.

Com a explicação, ambos viraram-se, lentamente, na minha direção. O mesmo fizeram outros, mais distantes, que ouviram essas

29.4 **Capocchio** era o nome ou apelido de um homem que em 1293 foi queimado vivo em Siena por alquimia. [Musa 95]

29.5 **Griffolino de Arezzo** era um físico. Griffolino levou **Alberto**, o afilhado do bispo de Siena, a acreditar que ele era capaz de ensiná-lo a voar. Alberto, tolo, acreditou e lhe pagou uma razoável quantia pela aula. Griffolino, porém, não cumpriu o acordo e Alberto, descobrindo que fora enganado, denunciou Griffolino ao seu padrinho, o bispo, que o mandou para a fogueira.

palavras. O mestre então pediu que eu fizesse as perguntas que desejasse.

— Para que a memória de vós não desapareça das mentes dos homens no mundo primeiro — falei —, dizei-me quem sois e de onde viestes.

— Eu fui alquimista de Arezzo e este aqui é Alberto, que me condenou à fogueira. Eu lhe disse brincando que eu sabia levitar e ele, insatisfeito por eu não tê-lo transformado em um Dédalo, reclamou ao seu protetor, que me mandou queimar. Mas não foi por isto que estou aqui. Por ter no mundo usado a alquimia, Minós não se enganou e me colocou aqui, entre os falsários.

Eu comentava com o mestre sobre a ingenuidade do povo de Siena quando outro, que me ouvira falar, se aproximou e disse:

— Se achas mesmo isto do sienenses, então olha pra mim. Eu sou Capocchio, que falsificava metais e moedas. Deves lembrar-te de mim e saber que eu não era nada ingênuo pois falsificava muito bem.

Personagens e símbolos do Canto XXX

30.1 **Falsificadores (2)**: O *Canto XXX* fala de mais três tipos de falsários (além dos alquimistas, *falsificadores de matéria*, encontrados no Canto XXIX). Os *falsificadores de pessoas* são os impostores que assumem identidades falsas, se passando por outras pessoas. São punidos com a insanidade extrema e correm feito loucos pelo *Malebolge* mordendo e arrastando os outros condenados. Os *falsificadores de palavras* são os culpados de perjúrio, falsidade ideológica e falso testemunho. Fervem de febre tão intensa que os deixa imóveis. Os *falsificadores de dinheiro* se desfazem com uma hidropisia tão grave que os derrete totalmente. Sentem uma sede nunca saciada porém nos sonhos só vêem rios, fontes e muita água, o que os tortura ainda mais. Segundo Dorothy Sayers, a imagem de doentes pode representar a decadência da sociedade por causa da falsidade, com uma doença mortal e já em estado de necrose avançada. "*Malebolge* começou com a corrupção da igreja e do estado. Nesta última vala, o próprio dinheiro é corrompido, cada afirmação se tornou perjúrio, e cada identidade, uma mentira. Não sobrou meio de troca." [Sayers 49]

30.2 **Gianni Schicchi** pertencia à família Cavalcanti, de Florença. Era exímio em disfarces e na arte da imitação. Segundo Benvenuto, Buoso Donati (*25.9*) foi um ilustre nobre de Florença que, ao sentir que a hora de sua morte se aproximava, teve uma crise de consciência por ter enriquecido ilicitamente através de roubos, e decidiu deixar gordos legados para diversas pessoas que ele poderia ter prejudicado. Porém, o seu filho Simone, se sentindo prejudicado, contratou os serviços de Gianni para que este se passasse por seu pai, elaborando um novo testamento que desfazia o primeiro e declarando como único herdeiro o seu filho Simone Donati. No testamento, Gianni não se esqueceu dele próprio. Incluiu no testamento a seguinte cláusula: "para Gianni Schicchi de Cavalcanti eu deixo a minha égua". [Longfellow 67]

30.3 **Mirra** era filha do rei Ciniras. Apaixonada pelo próprio pai, tramou com sua ama uma forma de entrar nos seus aposentos à noite e passar por uma jovem aguardada pelo rei. No escuro, o rei não a reconheceu e manteve, sem saber, relações sexuais com a própria filha. Mirra voltou várias outras vezes até que, numa certa noite, o rei, desejando saber quem era aquela que tanto o amava, acendeu uma tocha e viu que era Mirra. Ele sacou a espada para matá-la mas ela

Canto XXX

Nem entre os loucos mais insanos se viu fúria e crueldade como aquela que se apossou de duas sombras pálidas, nuas, que se perseguiam pelo vale escuro como porcos soltos nas pocilgas. Uma delas afundou os dentes no pescoço de Capocchio e saiu arrastando-o para longe, esfolando seu ventre no chão áspero.

Ficou o alquimista de Arezzo, tremendo, que me disse:

— Aquele louco é Gianni Schicchi. Ele vive sempre assim raivoso e nos maltrata o tempo todo.

— Oh! — disse-lhe — Tomara que aquele outro não te morda também, mas, antes que ele se vá, dize-me quem é.

— Aquela é Mirra — disse —, a princesa depravada, que se tornou amante do seu próprio pai se passando por outra e assim enganou o rei. Da mesma maneira agiu Gianni, que se fez passar por Buoso Donati no seu leito de morte, falsificando o testamento em seu favor.

Depois que se foram os dois loucos raivosos, dos quais não desgrudei o olhar, voltei a minha atenção às outras almas. Vi então um deformado que parecia um violão. Seu corpo estava inchado por uma hidropisia tão grave que ele não conseguia se mover. A sua boca permanecia sempre aberta pois não conseguia fechá-la. Um lábio se recolhia para cima e o outro pendia, solto e pesado. Ao perceber que eu o olhava, ele falou:

fugiu. Arrependida, pediu perdão aos deuses e foi transformada em uma árvore: um pé de mirra. O seu filho, quando finalmente nasceu, se chamou Adonis. (Ovídio, *Metamorfoses X*: 298-518)

30.4 **Mestre Adamo** era um falsificador de moedas da Brescia que, instigado pelos condes Guido, Alessandro e Aguinolfo de Romena falsificou o florim de ouro de Florença, cunhando a moeda com 21 quilates em vez de 24 (três a menos, como diz no poema). [Longfellow 67]

30.5 **Florim**: A moeda de Florença (florim) tinha gravada em um dos lados, o padroeiro da cidade, João Batista, e do outro, um lírio.

30.6 **A esposa de Potifar**: José, filho de Israel, havia sido vendido como escravo por seus irmãos. Potifar, oficial do Faraó, comprou José que passou a servi-lo. Potifar em pouco tempo passou a confiar em José e o fez mordomo de sua mais alta confiança. A esposa de Potifar, porém, tentou seduzir José a ir para a cama com ela. José recusou. Ela não desistiu. Passou a insistir dia após dia. José sempre recusava. Um dia, ela encontrou-se a sós com ele, agarrou-lhe pela capa e tentou seduzi-lo à força. Ele fugiu, deixando a capa nas mãos dela. Ela então mentiu para seu marido dizendo que José havia tentado violentá-la, mostrando a capa como prova. Potifar, acreditando na palavra da mulher, expulsou José e mandou prendê-lo no cárcere (*Gênese* 39).

30.7 **Sinon** foi o grego que, deixando-se levar prisioneiro pelos troianos, os convenceu a levarem, para dentro das paredes da cidade, um grande cavalo de madeira deixado pelos gregos. O cavalo, disse, era um presente dos gregos para substituir a estátua de Palas (*Palladium*) roubada por Ulisses e Diomedes (*26.2* e *26.3*). O cavalo estava repleto de soldados que, à noite, saíram de seu esconderijo e tomaram Tróia.

— Ó vós que, não sei por que, não sofrem flagelo algum, vede aqui a miséria do mestre Adamo. Em vida, tive tudo o que quis e agora, eu faço qualquer coisa por uma gota d'água. A imagem das fontes e rios que descendem ao Arno me assombra eternamente e isto mais me castiga que o mal que resseca o meu rosto descarnado. Fui eu quem falsificou a moeda cunhada com o Batista e por isto fui torrado na fogueira. O que eu mais queria era encontrar por aqui as almas malditas de Guido, Alessandro e seu irmão. Foram eles que me incentivaram a cunhar o florim com três quilates a menos. Dizem os raivosos que um dos malditos já chegou. Se eu fosse ligeiro o suficiente para me mover pelo menos uma polegada a cada cem anos eu já teria começado a procurá-lo, mesmo sabendo que é preciso percorrer 11 milhas para dar uma volta completa nesta vala, que pelo menos meia milha tem de largura.

— Quem são essas almas que fumegam ao teu lado? — perguntei.

— Elas já estavam aqui quando eu cheguei — respondeu — e, desde então, nunca se moveram. Ela é a falsa que acusou José. Este outro é o falso Sinón, o grego que mentiu em Tróia. Este fedor exalam por causa de sua febre aguda.

Sinón, talvez ofendido pelas palavras de Adamo, juntou as forças, levantou-se e o golpeou. O mestre Adamo retaliou imediatamente atingindo-lhe o rosto com o braço, e disse:

— Embora eu não possa caminhar por este vale, minha mão é livre para o que for preciso.

— Mas ela não estava tão livre quando tu seguias para a fogueira, estava? — respondeu irado o outro — Mas a tinhas muito bem quando cunhavas!

— *Agora* dizes a verdade, mas não fostes tão verdadeiro em Tróia! — respondeu Adamo.

— Minhas palavras foram falsas, assim como as moedas que fizestes! — gritou Sinón.

E assim os dois começaram uma interminável discussão, e eu permaneci, parado, absorvido pela briga, até que o mestre gritou, irritado:

— Vai, continua olhando! Mais um pouco e eu perco a paciência!

Fiquei tão envergonhado com a repreensão que mal consegui pedir desculpas. O mestre percebeu, e me disse:

— Menos vergonha que essa tua já seria suficiente para lavar falta maior. Deixa para lá, esquece! Mas lembra, se outra vez estiveres exposto a tais situações, cuides de procurar o meu apoio. Querer ouvir tais rixas é gostar de baixaria.

Mapa 3: MALEBOLGE ("valas malditas" – círculo VIII): 10 valas em degraus (decrescentes), interligadas por pontes (a ponte sobre a sexta vala está em ruínas).

Vala 1: Sedutores e rufiões. São açoitados por diabos que os exploram e controlam (*Canto XVIII*).

Vala 2: Aduladores. Sofrem submersos em um rio de fezes (*Canto XVIII*).

Vala 3: Simoníacos (traficantes de religião). Enterrados de cabeça para baixo, empilhados. O último fica com os pés de fora em chamas (*Canto XIX*).

Vala 4: Adivinhos. Condenados a não olhar para frente, com a cabeça torcida para trás (*Canto XX*).

Vala 5: Corruptos (traficantes de justiça). Submersos em um rio de pez fervente e maltratados por diabos espertos (*Canto XXI*).

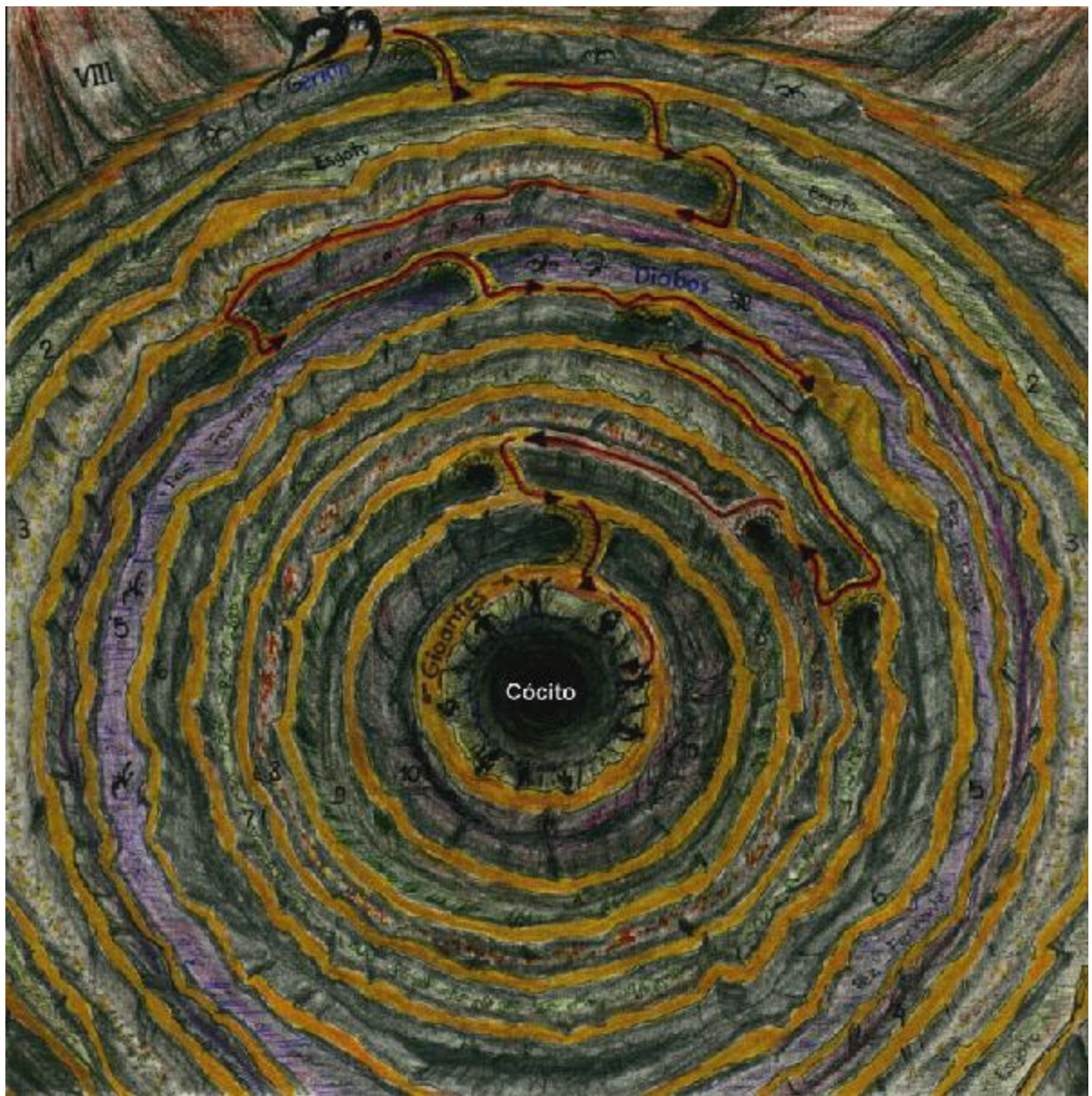
Vala 6: Hipócritas. Vestem capas de chumbo pesadíssimas e são obrigados a caminhar com elas (*Canto XXIII*).

Vala 7: Ladrões. Se transformam, sendo consumidos por serpentes e outros répteis mutantes (*Canto XXIV*).

Vala 8: Maus conselheiros. Estão presos em uma chama que os envolve completamente (*Canto XXVI*).

Vala 9: Criadores de intrigas: São mutilados por um diabo e se mutilam o tempo todo (*Canto XXVIII*).

Vala 10: Alquimistas, impostores, perjuros e falsificadores: Cobertos de sarnas que provocam coceiras, tomados pela insanidade ou vítimas de doenças degenerativas que os deformam e não lhes permite o movimento (*Canto XXIX*).

Gigantes: Estão dentro do Cócito mas suas cabeças e troncos são visíveis à distância (*Canto XXXI*).

Mapa 3: Malebolge. *Ilustração de Helder da Rocha*.

Personagens e símbolos do Canto XXXI

31.1 **Gigantes**: Simbolizam a traição. Em várias lendas, os gigantes estão envolvidos em revoltas onde traem seus criadores. Na *Odisséia* (Homero), é relatada a revolta dos Titãs contra Júpiter, a maior parte dos quais permanecem acorrentados dentro do Cócito.

Canto XXXI

Dando as costas àquele vale miserável, escalamos o rochedo e chegamos à última beira, que atravessamos em silêncio. A escuridão era imensa e meus olhos podiam ver muito pouco, quando ouvi uma trombeta soar tão forte que parecia o som de um trovão. O estrondo me fez voltar o olhar para o horizonte onde percebi o que pareciam ser torres de uma cidade.

— Mestre — perguntei a Virgílio —, que cidade é aquela?

— A escuridão o impede de ver o que realmente são essas torres. — respondeu — Não é uma cidade. O que vês são as silhuetas de gigantes que estão dentro do poço e, por serem tão altos, parte do seu corpo desponta além do nível deste círculo.

Dito isto, continuamos a caminhar na direção das "torres". À medida em que nos aproximávamos da beira do poço, a neblina se tornava menos densa e os gigantes começavam a tomar forma, aparecendo à minha vista ao mesmo tempo em que o meu medo crescia. Finalmente pude distinguir um dos rostos, os ombros, os braços, o peito e boa parte do ventre de um deles. O rosto, acredito, era tão largo quando a cúpula de São Pedro em Roma, e em igual proporção era todo o resto de seu corpo.

— Raphael may amech zabi almi — gritou o gigante.

— Ó alma tola — respondeu Virgílio — fica com essa tua trompa, que está presa a teu peito, e faze uso dela para descarregar tua raiva! — e depois voltou-se para mim — Ele mesmo se acusa. Ele é Nemrod, o construtor da torre de Babel. Para ele, língua al-

31.2 **Nemrod** (Nimrod, Ninrode) é personagem de várias lendas mesopotâmicas onde é associado ao herói Gilgamesh. É sempre retratado como um grande caçador. Também aparece no *Gênese* (10: 8, 9) como filho de Ham e neto de Noé, considerado "grande caçador aos olhos de Jeová". Dante o retrata como o responsável pela construção da Torre de Babel, por isso a fala de Nemrod não faz sentido algum.

31.3 **Efialte**: Filho de Netuno. Foi um gigante que, junto com o gigante Otus, ameaçou os deuses tentando empilhar as montanhas Olimpo, Ossa e Pelion para que pudesse alcançar o céu. (*Odisséia*, XI)

31.4 **Briareu**: Filho da Terra. Foi outro gigante que desafiou os deuses do Olimpo. Homero o descreve como tendo cem braços e cinqüenta cabeças.

31.5 **Anteu**: Filho de Netuno e da Terra, era invencível enquanto estivesse em contato com a sua mãe Terra. Hércules o venceu levantando-o do chão e o esmagando em pleno ar. Ele não participou da revolta contra Júpiter e por isso não está acorrentado.

31.6 **Tifeu e Tício**: Dois outros titãs, filhos da Terra, que se revoltaram contra Júpiter.

31.7 **Cócito (Cocythus)**: O lago das lamentações fica no centro da terra e é formado pelas lágrimas de Lúcifer e pelos rios do inferno que nele deságuam seu sangue. No Cócito estão imersos os traidores, que se distribuem por quatro giros diferentes, dependendo da gravidade da traição cometida. Os giros chamam-se *Caína*, *Antenora*, *Ptoloméia* e *Judeca*. Este último está reservado à punição dos traidores dos seus benfeitores e é lá que se encontra Lúcifer.

guma faz sentido, portanto vamos deixá-lo pois é perda de tempo tentar falar com ele.

Deixamos Nemrod e viramos à esquerda, prosseguindo pela beirada, até encontrarmos mais adiante outro gigante acorrentado. Sua mão esquerda estava atada na frente, sua mão direita estava presa atrás e uma enorme corrente o apertava, dando cinco voltas do pescoço até a cintura, até onde eu pude ver.

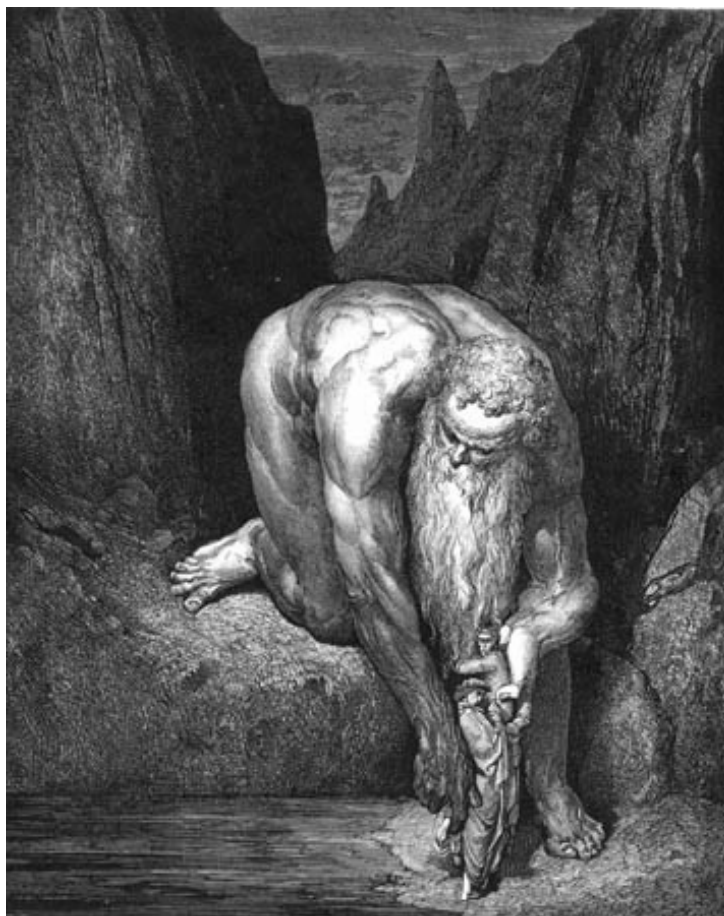
— Ele quis provar que era melhor que Jove — disse-me o mestre — e aqui tem a sua recompensa. É Efialte, cujos braços que antes moveu contra os deuses agora permanecem imóveis.

— Se for possível — disse eu —, gostaria de conhecer o descomunal Briareu.

— Não muito longe daqui — disse o mestre —, tu verás Anteu, que está solto e falante. Será ele que irá nos levar até o fundo. Aquele que queres ver está muito longe. Ele também está amarrado e se parece muito com este aqui, embora tenha uma aparência mais assustadora.

De repente Efialte se sacudiu de uma forma como nunca vi torre alguma tremer, nem nos piores terremotos. Eu teria morrido do susto se eu não tivesse antes visto a corrente que o prendia, e que me dava confiança.

Continuamos pelo nosso caminho até pararmos diante do gigante Anteu. Meu mestre elogiou seus feitos e depois pediu com cortesia:

— Anteu, este que está comigo pode espalhar tua fama pelo mundo, pois ainda vive. Para que ele não precise recorrer a Tifeu ou a Tício, te peço que nos leve lá para baixo, onde o frio do Cócito congela.

Anteu ajuda Dante e Virgílio na descida ao nono círculo (Lago Cócito). *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

Assim falou o mestre e o gigante estendeu as mãos para que nelas subíssemos. Virgílio subiu primeiro. Quando já estava seguramente apoiado na mão de Anteu ele me chamou e me suspendeu. Assim que o gigante se inclinou eu me senti como se estivesse em uma torre que estava prestes a desabar. Mas o medo durou pouco. Cuidadoso, Anteu nos deixou no fundo daquele poço gelado. Depois que estávamos seguros sobre o chão, ele se levantou e se foi.

Personagens e símbolos do Canto XXXII

32.1 **Os filhos do conde Alberto degli Alberti** são os irmãos Napoleone e Alessandro. Após a morte do pai, se desentenderam por causa da herança e acabaram matando um ao outro. [Longfellow 67]

Canto XXXII

Chegamos ao fundo do Universo depois de descer um pouco mais, abaixo do ponto onde o gigante havia nos deixado. Eu ainda olhava admirado para o altíssimo muro, quando ouvi meu mestre falar:

— Olha para baixo e tenhas cuidado para não pisar nas cabeças dos pobres sofredores.

E então eu olhei em volta e vi sob os meus pés um lago gelado. O chão era tão duro e liso que parecia vidro. As almas estavam submersas no gelo com apenas o tronco e a cabeça de fora. Todos mantinham seus rostos voltados para baixo e batiam os queixos de frio.

Depois de muito olhar para aquela multidão, vi aos meus pés, duas almas tão juntas que até seus cabelos tinham se entrelaçado.

— Dizei-me vós que assim juntam os peitos — pedi —. Dizei-me, quem sois?

Quando me ouviram os dois olharam para mim e começaram a chorar. Suas lágrimas logo congelaram, unindo mais firmemente um ao outro. Irritaram-se por causa disso e, tomados pela raiva, se agitaram e ficaram violentamente a bater cabeças.

Antes que eu voltasse a interrogá-los, um outro espírito que perdera as duas orelhas congeladas pelo frio falou:

— Por que tanto nos olhas? Esses aí são dois irmãos, filhos de Alberto, donos do vale onde flui o rio Bisenzo. Se procurares em toda a Caína não encontrarás almas mais merecedoras deste tor-

32.2 **Focaccia** era membro da família guelfa Cancellieri de Pistóia. Ele é acusado de ter cortado a mão de um de seus primos e de ter assassinado o tio. Os seus crimes provocaram a divisão da família Cancellieri em duas partes. Os descententes de Bianca (primeira esposa de Cancellieri) se apelidaram de Bianchi (brancos). Os descendentes da outra esposa se denominavam Neri (negros). A briga de família acabou se espalhando e chegou a Florença onde os grupos se tornaram partidos políticos [Sayers 49]. Veja *nota 6.7*.

32.3 **Caína** é a primeira das quatro divisões do nono círculo onde são punidos os traidores de parentes. Na Caína, as almas permanecem submersas com apenas o tórax e a cabeça fora do gelo. Seu nome tem origem no personagem bíblico **Caim** que matou seu irmão Abel por causa de inveja (*Gênese* 4:8).

32.4 **Antenora** é o segundo giro do nono círculo onde são punidos os traidores de sua pátria ou partido político. As almas ficam submersas no nível do pescoço, com apenas suas cabeças fora do gelo. O nome foi tirado de **Antenor**, o príncipe troiano que traiu o seu país ao manter uma correspondência secreta com os gregos.

32.5 **Mordred** era sobrinho do rei **Artur**. Ele tentou matar o rei para tomar-lhe o poder. O rei o matou com um só golpe de sua lança. O golpe foi tão violento que quando a lança foi retirada, o sol penetrou pela ferida, furando sua sombra.[Musa 95]

32.6 **Sassol Mascheroni** era membro da família Toschi de Florença. Segundo os primeiros dantólogos, ele assassinou o seu sobrinho para se apossar de sua herança.[Musa 95]

32.7 **Camicione de' Pazzi de Valdarno** matou seu parente Ubertino. O crime dele é menos grave que o de outro parente, **Carlino de' Pazzi**, que traiu por dinheiro seus correligionários, entregando ao inimigo o castelo de Piano em Valdarno, de onde vários exilados florentinos foram seqüestrados e assassinados. Por ter traído a sua pátria, Carlino deverá ser punido na Antenora. [Mauro 98] e [Longfellow 67]

mento que esses dois, nem aquele que teve seu peito e sombra perfurados por um só golpe da lança de Artur, nem Focaccia e nem este, cuja cabeça me encobre a visão. Ele é Sassol Mascheroni e se és toscano, deves saber quem ele foi. Eu fui Camicione dei Pazzi e espero aqui pela chegada de Carlino, meu parente, cuja pena fará a minha parecer bem menos grave.

Adiante vi mil faces, roxas de frio, que ainda hoje me fazem tremer ao lembrar. Continuamos, seguindo adiante na direção do centro. No caminho, não sei se por destino ou fortuna, ao passar distraído pelas cabeças, acabei atingindo uma delas fortemente no rosto com o meu pé.

— Por que me atropelas? — gritou a alma em pranto. — Se não vens para acrescer a vingança de Montaperti, porque me molestas?

Voltei-me ao mestre e solicitei que parássemos pois eu suspeitava que conhecia aquela alma desgraçada, que ainda gritava e nos insultava. Virgílio parou e eu fui até ela.

— Quem és tu que assim insultas os outros? — perguntei.

— E tu? Quem és tu que vais pela Antenora chutando os outros na cara como se fosse vivo? — perguntou-me a alma.

— Vivo eu sou! — respondi —, e poderei servi-lo na busca de tua fama, se eu puder acrescentar teu nome às minhas notas.

— Essa é a última coisa que eu desejaria! — respondeu — Vai-te embora daqui, vai! Não é assim que se consegue as coisas nesta lama.

Com isto eu agarrei o desgraçado pelos cabelos e disse:

— É bom que digas logo o teu nome, ou não te sobrará um fio de cabelo sequer!

32.8 **Bocca degla Abati** traiu os guelfos na batalha de Montaperti (*nota 10.6*) cortando a mão do portador da bandeira da cavalaria de Florença, o que causou a desorganização do exército guelfo e serviu de sinal para que seus aliados entrassem em ação, entregando a vitória da batalha aos guibelinos.

32.9 **Os traidores apontados por Bocca** são **Buoso da Duera** – chefe do partido guibelino de cremona e conhecido traidor; **Tesauro de Beccheria** – ábade de Vallombrosa e legado papal de Alexandre IV na Toscana que mantinha uma correspondência secreta com guibelinos exilados; **Gianni de Soldanier** – guibelino ilustre de Florença que, ao perceber que o poder passaria para o lado dos guelfos, abandonou seu partido e se juntou aos guelfos; **Ganellone** – o cavaleiro que traiu Rolando, entregando-o aos sarracenos; e **Tebaldello degli Zambrasi** – guibelino de Faena que facilitou a tomada de sua cidade pelos guelfos de Bolonha em 1280. [Musa 95]

— Não! — o espírito respondeu — Eu não digo de jeito nenhum! Tu podes arrancar todos os meus cabelos, podes me pelar mil vezes se quiseres mas nunca, nunca ouvirás de mim o meu nome!

Eu já tinha arrancado um feixe dos seus cabelos quando um outro gritou:

— O que é que tu tens Bocca? Já não basta agüentar o ruído do teu queixo que bate sem parar? Por que não te calas?

— Ora, ora — disse eu — não é preciso mais que fales, maldito traidor. Bem que eu desconfiei. Não te preocupes que eu levarei ao mundo a verdade sobre ti.

— Vai embora — respondeu — e conta o que quiseres! Mas se saíres daqui, não deixes de falar também desse traidor aí que me delatou. Ele é Buoso de Duera que aqui paga pela prata dos franceses. Se te perguntarem quem mais havia neste poço, este que vês aí do teu lado é o Beccheria. E, se procurares um pouco, aqui também encontrarás Gianni de' Soldanieri junto com Ganellone e Tebaldello.

Pouco depois que deixamos Bocca vi dois espíritos congelados juntos num mesmo fosso. Um deles mordia a nuca do outro ferozmente como se estivesse faminto.

— Ó tu que mostras com cada mordida o ódio que sentes por essa cabeça que devoras, dize-me — pedi —, dize-me a razão pela qual ages assim. Se a tua razão for justa, sabendo quem sois vós e o pecado desse outro, prometo que no mundo acima retribuirei tua confiança, ou que minha língua fique seca para sempre.

Personagens e símbolos do Canto XXXIII

33.1 **Conde Ugolino della Gherardesca**, originalmente de família gibelina era, junto com o seu neto **Nino dei Visconti**, um dos líderes guelfos que exerciam a sua autoridade sobre a cidade de Pisa. Ugolino estava insatisfeito em ter que dividir o poder com Nino, então, traiu seu partido e aliou-se ao arcebispo guibelino **Ruggieri degli Ubaldini** que era apoiado pelos Lanfranchi, Sismondi, Gualandi e outras famílias gibelinas. Juntos, eles tramaram a expulsão ou prisão de todos os seguidores de Visconti e Ugolino assumiu o poder. Mas o conde sempre achava que poderia ser traído e por isso tratou de eliminar aqueles dos quais suspeitava. Teria mandado envenenar o seu sobrinho, o conde Anselmo da Capraia, temendo que a popularidade do sobrinho reduzisse sua autoridade. Percebendo que os guelfos estavam enfraquecidos no governo de Ugolino, o arcebispo Ruggieri aproveitou a ocasião para traí-lo, divulgando pela cidade a notícia de que o conde Ugolino havia traído a população, e que havia entregue seus castelos aos povos de Florença e Lucca. Conseguiu provocar uma revolta popular que culminou com a invasão do castelo de Ugolino, que foi forçado a se render. Ruggieri, vitorioso, mandou prender Ugolino numa torre posteriormente chamada de "torre da fome". Prendeu também, na mesma cela, Uguccione e Gaddo, filhos de Ugolino, Anselmuccio e Brigata, netos do conde. Meses depois os pisanos lacraram a torre e atiraram a chave no rio Arno. Em poucos dias todos morreram de fome. (Baseado em relato de G. Villani) [Longfellow 67]

Canto XXXIII

O pecador virou-se, afastou a boca daquela terrível refeição, limpou seus lábios nos cabelos do crânio que devorava, e falou:

— Queres que eu me recorde de um terrível pesadelo. Mas, se o que eu disser puder trazer uma infâmia maior a este traidor de quem arranco as peles, tu ouvirás o meu relato e o meu pranto. — e prosseguiu — Eu não sei o teu nome, nem de onde és, mas pareces florentino. Tu deves saber que eu fui o conde Ugolino, e que este outro é o arcebispo Ruggieri. Por causa de sua perversa astúcia, por confiar neste desgraçado eu fui traído, detido e morto, como vês. Mas antes saibas da forma cruel como fui morto para que possas julgar-me. Se o pensamento do que agora vou dizer não te tocar o coração, como tu és cruel! E, se não chorares, será que alguma vez choras? Eu fui preso com meus quatro filhos em uma cela para morrer de fome. Todos os dias meus filhos choramingavam e me pediam pão, e o pão nunca chegava. Eu ouvi o portão da torre lá embaixo ser lacrado com pregos e então olhei para as faces dos meus, e não lhes disse nada. Eu não chorei. Me transformei em pedra por dentro. Eles choravam e meu pequeno Anselminho falou "O que tens, meu pai, o que é que há?" Não respondi e nem uma só lágrima caiu durante todo o dia, nem durante toda a noite seguinte. Quando um raio de Sol clareou aquele cárcere doloroso por um instante, me vi refletido nos quatro rostos, e mordi minhas mãos de desespero. E eles, pensando que eu mordia minhas mãos de fome, me disseram: "Pai, nós sofreremos menos se

Almas traidoras submersas no Lago Cócito (Antenora). *Ilustração de Gustave Doré (século XIX).*

comeres de nós. Tu nos vestisse com estas míseras carnes e tu podes tomá-las de volta!" Fiquei quieto para não me tornar mais triste. Durante esse dia, e o outro, ninguém falou nada. No quarto dia, Gaddo lamentou aos meus pés "Pai meu, por que não me ajudas?" e depois morreu. Depois eu os vi morrendo um a um, do quinto ao sexto dia, os outros três. Por mais dois dias, já cego, chorei sobre seus corpos mortos, até que no oitavo dia a morte me levou.

Quando terminou de falar, virou seu rosto para a sua vítima e voltou a atacar aquele crânio com os dentes, como um cão que não solta o seu osso. Ai Pisa, que vergonha és para a nossa Itália! Se o conde Ugolino era culpado de ter traído um dos castelos teus, nada justificava que seus filhos fossem torturados.

Seguimos adiante até o lugar onde o gelo maltrata de forma mais dura os pecadores. Com os rostos virados para cima, nem nos olhos a sua angustia encontra alívio, pois lá se forma uma barreira de gelo no primeiro choro, quando as lágrimas congelam e preenchem toda a cava do olho.

Embora o frio tivesse afastado toda a sensação do meu rosto, comecei a sentir uma leve brisa e perguntei ao mestre:

— Mestre, que vento é este? Pensei que vento algum poderia chegar a estas profundidades.

— Logo saberás — respondeu Virgílio — pois teus próprios olhos te darão a resposta.

Enquanto conversávamos, um dos desgraçados submersos no gelo nos ouviu e gritou:

— Ó réus tão cruéis que para vós foi imposta a pior das penas, tirai este gelo de meus olhos, e me livrai da dor que impregna meu coração, até que novas lágrimas selem meus olhos outra vez.

33.2 **Ptolomeia** é o penúltimo giro do lago Cócito onde são punidos os traidores de seus hóspedes. As almas estão presas no gelo do lago apenas com o rosto para fora de forma que, quando choram, suas lágrimas congelam e cobrem seus o-lhos. O nome origina-se do personagem bíblico **Ptolomeu** (I *Macabeus* 16, 11) onde o capitão de Jericó convida Simão e seus dois filhos ao seu castelo e lá, traiçoeiramente, os mata a sangue-frio: "pois quando Simão e seus filhos havi-am bebido bastante, Ptolomeu e seus homens se levantaram, e sacaram de suas armas, e chegaram até Simão na sala de ceia, e o mataram, e seus dois filhos, e parte dos seus servos." [Longfellow 67]

33.3 **Frei Alberigo de Manfredi** era um dos frades gaudentes (frades alegres) mencionados no *Canto XXIII (23.2).* Tendo feito as pazes com seus inimigos, ele os convidou para um jantar em sua casa. No dia do jantar, ele escondeu assassinos de aluguel nos aposentos próximos à sala de jantar e deu ordens aos seus servos que, depois que servissem as carnes, deveriam servir as frutas, e que este seria o sinal para que os homens armados saíssem de seus esconderijos e matassem todos os hóspedes. E assim foi feito. [Longfellow 67]. Na tradução de Italo Mauro, Frei Alberigo se apresenta da seguinte forma: "Eu sou frei Alberigo; aquele eu sou das frutas do mau horto, que aqui recebo tâmara por figo." (*Inferno XXXIII*: 118-120) referindo-se à pena que agora recebe, bem pior que o crime praticado. [Mauro 98]. Em 1300, data do poema, Alberigo ainda vivia.

33.4 **Ser Branca d'Oria** era um respeitado e poderoso cidadão de Gênova. Apesar disso, teria sido o mandante ou assassino do seu sogro, o corrupto Michel Zanche (*22.2*), mencionado no *Canto XXII.* [Longfellow 67]. Ele ainda estava vivo e gozava de liberdade quando o poema *Inferno* foi publicado e Dante teria sido ofendido pelos amigos de d'Oria numa de suas visitas a Gênova, pelo que foi considerada "a mais atroz das invenções do poeta." (Cesare Balbo, *Vita di Dante*)

— Eu prometo te ajudar, mas dize primeiro quem és. — falei. — Se eu não cumprir o que prometi, que possa eu então chegar ao fundo desta geleira.

— Sou frei Alberigo. — disse o espírito. — aquele das frutas do mau horto, e aqui recebo tâmara por figo.

— Oh! — exclamei. — Então tu já estás morto?

— Pode até ser que meu corpo ainda esteja lá em cima, — respondeu — mas nenhuma ligação tenho mais com ele. Quando uma alma comete traição tão estúpida quanto a minha, o seu corpo lá na Terra é imediatamente possuído por um demônio que o governa até que chegue o seu dia. A alma que antes habitava o corpo cai aqui na Ptoloméia. Mas tu que chegas agora deves também conhecer esse aí do lado. Ele é ser Branca d'Oria e está aqui neste gelo há muito mais tempo do que eu.

— Creio que me enganas — disse eu —, pois que eu saiba, Branca d'Oria ainda vive. Ele come e bebe, dorme e veste roupas!

— É ele sim! — insistiu o frei Alberigo — Antes de Michel Zanche, sua vítima, chegar ao fosso guardado pelos Malebranche, ele já congelava neste lago. O seu corpo foi, na ocasião, recebido por um diabo, que provavelmente ainda o possui. Mas já falei o suficiente. Estende logo tua mão e livra-me os olhos!

Ele pediu, mas eu não obedeci. E foi cortesia minha ser-lhe vilão.

Ah genoveses! Vós que sois avessos a toda lei e adeptos da corrupção; por que o mundo não se livra de uma vez de vossa gente? Pois, fazendo companhia ao pior espírito da Romanha, vi um dos vossos, cujas obras eram tais que sua alma já congela no Cócito, mas seu corpo parece vivo e ainda caminha entre vós.

Mapa 4: CÓCITO (círculo IX)

Anteu: Gigante que auxilia Dante e Virgílio na descida para o Cócito (*Canto XXXI*).

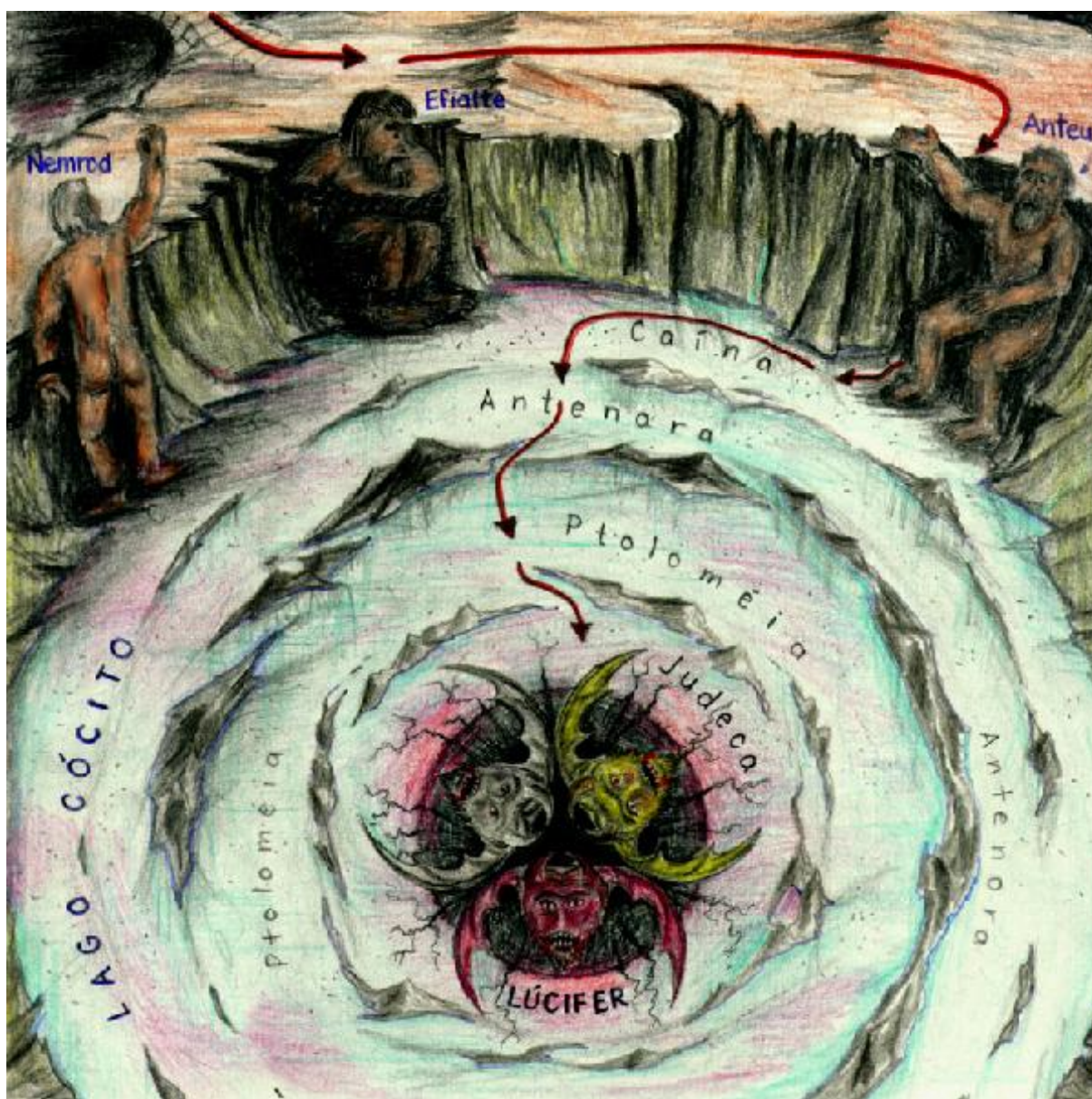
Caína: Parte do Cócito onde são punidos os traidores de parentes, submersos no gelo com a cabeça e peito de fora (*Canto XXXII*).

Antenora: É o local onde são punidos os traidores da pátria, submersos no gelo com parte da cabeça de fora (*Canto XXXII*).

Ptoloméia: É onde estão submersos no gelo os traidores de seus hóspedes, com o rosto virado para cima (*Canto XXXIII*).

Judeca: É onde são punidos os traidores de seus benfeitores, completamente submersos (*Canto XXXIV*).

Lúcifer: Gigante enorme com três caras e seis asas. Cada face mastiga um pecador: Judas, Cássio e Brutus (*Canto XXXIV*).

Fosso do Cócito: É onde permanece Lúcifer. Liga-se à montanha do purgatório do outro lado da terra (*Canto XXXIV*).

Mapa 4: Lago Cócito. *Ilustração de Helder da Rocha.*

Personagens e símbolos do Canto XXXIV

34.1 **Judeca** é o nome do giro mais baixo do último círculo do inferno. É lá que reside Lúcifer, fazendo companhia àqueles que, em vida, traíram seus benfeitores. Eles sofrem intensamente devido à proximidade de Lúcifer, e por estarem submersos totalmente no gelo do lago Cócito, conscientes, para a eternidade. O nome vem de Judas Iscariotes (*34.5*), o traidor de Jesus Cristo.

34.2 **Lúcifer** é o portador da luz, o anjo que ocupava cargo da mais alta confiança e que, rebelando-se, traiu a Deus e por isto foi expulso do céu, vindo a cair na terra. Na sua queda, ele afundou pela superfície e só veio parar quando chegou ao centro da terra, sobre a qual passou a reinar. Os comentadores Ottimo e Benvenuto identificam as três faces de Lúcifer como símbolos opostos à Trindade: o ódio, a ignorância e a impotência. Outros vêem Lúcifer como uma representação da própria terra e suas faces como representações dos três continentes conhecidos: Europa, Ásia e África. [Longfellow 67]. Uma interpretação interessante sobre os três pecadores que são mastigados por Lúcifer é a seguinte (na imaginação do *dantólogo* Gabrielle Rossetti): "Os três espíritos que pendem da boca de Lúcifer são Judas, Brutus e Cássius. Não se sabe a razão precisa pela qual o autor escolheu essas três personalidades, mas não hesitamos em supor ter sido a seguinte: ele considerava o papa não só um traidor e vendedor de Cristo: '*... e isso logo terá que ora o pensa, onde Cristo, dia a dia, se mercadeja*' (*Paraíso*, *XVII*, 50-51), mas também um traidor de César. Por isso colocou Judas (traidor e vendedor de Cristo) na sua boca central e Brutus e Cassius (traidores de César) nas suas bocas laterais, já que o papa, que originalmente nada mais era que o vigário de César, tornou-se seu inimigo, e usurpou a capital do seu império e a autoridade suprema. Sua traição a Cristo não foi descoberta por todo o mundo, logo, o rosto de Judas está oculto: '*Esse, que sofre aí pena dobrada, é Judas Iscariote - disse o guia - com as pernas fora e a cabeça abocada.*' (*Inferno XXXIV*, 61-63). Sua traição a César foi clara e evidente, portanto Brutus e Cassius mostram suas faces." [Longfellow 67] (Gabriele Rossetti, *Spirito Antipapale*, I. 75); trechos do *Inferno* e *Paraíso* na tradução de [Mauro 98]

Canto XXXIV

— Estamos diante das bandeiras do rei do Inferno — disse-me Virgílio —, olha para a frente e vê se consegues discerni-lo.

Comecei a ver, na distância, o que parecia ser um grande moinho, que provocava aquelas rajadas de vento gelado. Estávamos chegando ao lugar onde eram punidos aqueles que traíram os seus benfeitores. Neste lugar sombrio e gelado, as almas estavam completamente submersas no gelo, transparecendo como palha em cristal. Algumas estavam de pé, outras de ponta-cabeça, outras atravessadas, outras em arco, outras curvadas e outras invertidas.

Quando já tínhamos caminhado o suficiente, o mestre decidiu me mostrar aquele que um dia teve tão belo semblante:

— Esse é Dite — disse ele — e este é o lugar que exige toda a coragem que tens em ti.

Não me perguntes, leitor, como eu fiquei fraco e gelado, pois não há palavras que possam descrever aquela sensação. Eu não morri, nem estava vivo. Tente imaginar, se puderes, como sem uma coisa nem outra eu fiquei. Vi aquele gigante submerso no gelo, despontando seu corpo do peito para cima. Só o seu braço tinha o tamanho de um daqueles gigantes que encontramos na entrada do lago. Fiquei mais assombrado ainda quando vi que três caras ele tinha na sua cabeça. Toda vermelha era a da frente. A da direita era amarela e a da esquerda negra. Acompanhava cada uma, um par de asas como as de morcego (eu nunca vi um navio com velas tão grandes). E ele as abanava, produzindo três ventos delas resultantes.

34.3 **Bruto (Marcus Junius Brutus, 85-42 a.C.)**: Político romano que teve grande poder durante o império de Júlio César (*4.16*). Entrou para a história ao tramar, na primavera de 44 a.C., a morte de César juntamente com Cássio. Tendo conseguido seu intento, formou um grande exército na Macedônia com a intenção de tomar o poder no império romano, mas foi derrotado pelo exército de Marco Antônio e Otaviano que depois tornou-se imperador. Bruto suicidou-se. [Encarta 97]

34.4 **Cássio (Gaius Cassius Longinus)**: General romano do exército de Júlio César e um dos líderes da conspiração que levou César à morte. Junto com Bruto, Cássio foi um dos assassinos de César. Foi derrotado em batalha quando tentava tomar o poder em Roma junto com Bruto e suicidou-se para que não fosse capturado. [Encarta 97]

34.5 **Judas Iscariotes**: foi um dos discípulos de Jesus Cristo, conhecido por tê-lo traído ao vendê-lo aos fariseus por 30 moedas de prata. Depois de sua traição, caiu em desespero e suicidou-se. (*Evangelho de Mateus* 26-27)

34.6 **Cronologia**: "o dia já amanhece" diz Virgílio (no original, "il sole a mezza terza riede"). Uma terça corresponde às primeiras três horas depois do nascer do sol [Mauro 98]. Meia-terça, portanto, corresponde a 7:30 da manhã de sábado. Há pouco tempo eram 7:30 da noite de sábado. Dante não entende como o tempo pode ter mudado tão rapidamente do dia para a noite. Virgílio explica que passaram pelo centro da terra, e agora o sol brilha do outro lado.

Era esse vento que congelava as águas do Cócito. Ele chorava por seis olhos e dos três queixos caía uma sangrenta baba que pingava junto com as lágrimas. Em cada boca ele moía um pecador. O da frente ele mordia mais rapidamente que os outros. Cada ceifada lhe arrancava a pele inteira.

— Esse da frente é Judas Iscariote — disse-me o mestre — que sofre pena dobrada, com a cabeça para dentro e as pernas para fora. O que é mordido pela boca preta é Bruto e o outro é Cássio. Mas em breve será noite. Está na hora de partirmos, pois já vimos tudo o que há para se ver. Agora, agarre-se em mim firmemente.

Obedeci-o e ele me carregou, se dirigindo para as costas de Lúcifer. Aguardou um pouco e quando as asas estavam altas, saltou da beira de um fosso para a escuridão, mas logo agarrou-se às costas peludas do Demônio. Descemos mais ainda. Estávamos entre as costas de Lúcifer e às crostas congeladas do Cócito. Quando chegamos à altura da junção da coxa ao tronco do gigante infernal, meu guia, já mostrando sinais de fadiga, inverteu o corpo e, sem soltar os pelos do monstro, seguiu, como se subisse, me fazendo pensar que voltávamos para o Inferno.

— Segura firme — disse ele — pois não há outro caminho. Só por estas escadas poderemos escapar de tanto mal.

E saímos por uma brecha na rocha. Virgílio, visivelmente exausto por ter me carregado, me colocou numa beira para que eu me sentasse. Olhei para cima procurando por Lúcifer mas não o achei. Encontrei-o lá embaixo de pernas para o ar. Virgílio me confundiu ainda mais, falando:

— Levanta-te pois o caminho é longo. O dia já amanhece!

34.7 **O centro da terra** é onde mora Lúcifer (Dite). É o centro de gravidade. Quando Dante e Virgílio passam pelo centro da terra, que fica na virilha de Lúcifer, a gravidade passa a puxá-los na direção oposta, de forma que, o que antes era uma descida, passa então a ser uma subida. Na passagem pelo centro, Dante e Virgílio ganham 12 horas, provocadas pela mudança de fuso horário. Volta a ser sábado de manhã outra vez.

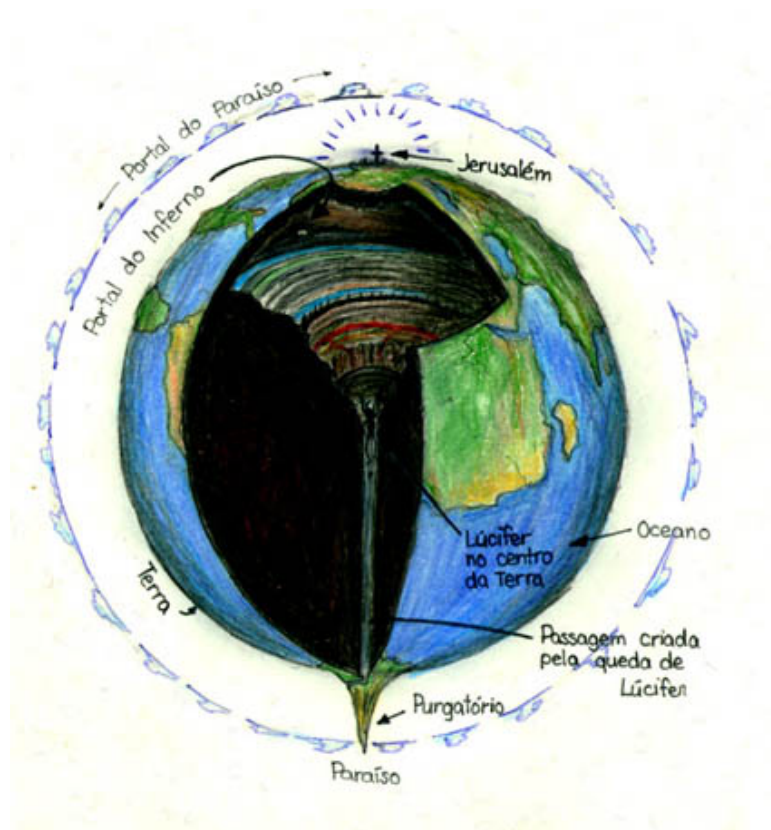
34.8 **Montanha do Purgatório** é uma enorme montanha que, na mitologia de Dante, existe no Oceano Pacífico Sul em posição diametralmente oposta a Jerusalém. Não há continentes em todo o hemisfério que cerca a montanha do purgatório. Os três continentes: Europa, África e Ásia ocupam o hemisfério oposto. Segundo Dante, a montanha do purgatório foi criada por ocasião da queda de Lúcifer, quando a terra seca que antes formava continentes naquele hemisfério, fugiu amedrontada para o hemisfério oposto e a terra que havia no centro do planeta, fugiu para o sul, tentando galgar o céu. A terra acumulou-se em um único ponto e acabou por formar uma altíssima montanha que alcança o céu: o monte purgatório. Como resultado, não restou um só continente no hemisfério da queda, somente um enorme oceano, e o caminho entre Lúcifer e o purgatório ficou aberto por uma passagem estreita. A montanha do purgatório foi vista por Ulisses, na sua última viagem (*Canto XXVI* e *nota 26.5*).

34.9 **Cronologia:** Dante e Virgílio passaram um dia inteiro atravessando a terra e ressurgem na superfície no domingo de Páscoa, antes do amanhecer.

— Como amanhece? — perguntei-lhe — O tempo passou tão depressa assim? Como já pode ser dia se agora há pouco começava a noite? E me esclareças mais: onde está a geleira? E por que Lúcifer está de cabeça para baixo?

— Tu pensas que ainda estamos do outro lado. — disse-me o guia — Nós passamos pelo centro da terra, que puxa todo peso. Estamos agora embaixo do céu oposto, no hemisfério de água. Sob teus pés está uma pequena esfera, cujo lado oposto é ocupada pela Judeca. Se do outro lado anoitece, aqui o dia nasce. Este buraco por onde passamos foi formado quando Dite caiu do céu, e ele até hoje aí permanece. Depois da queda, por medo dele, a terra que formava os continentes deste lado fugiu para o nosso céu deixando encoberto pelo mar todo este hemisfério. A terra que estava aqui amontoou-se na superfície onde formou uma montanha, deixando este caminho vazio. Aí embaixo há um lugar, tão distante de Belzebú quanto o limite de sua tumba, conhecido pelo som (e não pela vista) de um pequeno riacho que para cá descende, pelo sulco que por ele foi aberto.

Passamos então o resto do dia seguindo por aquele caminho escondido debaixo do chão, sem descanso algum. Depois da longa caminhada subimos, ele primeiro e eu atrás, passando por uma pequena abertura na pedra, para enfim, rever as estrelas.

Lúcifer, no centro da Terra, mastigando pecadores. *Ilustração de Alessandro Vellutello (século XVI).*

A Terra segundo a geografia de Dante. No hemisfério superior está Jerusalém e o mundo conhecido (século XIV). No hemisfério inferior há um grande oceano com uma única ilha no seu centro onde desponta uma montanha tão alta que alcança os céus. *Ilustração de Helder da Rocha.*

Vista geral do inferno de Dante. *Ilustração de Helder L. S. da Rocha.*

Obras consultadas e fontes de informação na Internet

Nas notas explicativas e textos complementares, indiquei a fonte das informações utilizando a seguinte notação [*Autor XX*], onde *Autor* pode ser o autor da obra, a editora (no caso de obras coletivas e enciclopédias), o tradutor/comentarista, no caso das obras de Dante ou o nome da própria obra, no caso das obras clássicas. *XX* corresponde aos últimos dois dígitos do ano da publicação. Nas fontes encontradas na Internet não indiquei o ano da publicação (são fontes dinâmicas).

1. [Mauro 98] Dante Alighieri. *A Divina Comédia: Inferno, Purgatório e Paraíso.* Tradução e notas de Ítalo Eugênio Mauro. Em português e italiano (original). Editora 34, São Paulo, 1998.

   Uma coleção bilíngüe em três volumes com versos em português e no italiano original. A tradução é bastante clara, mesmo preservando a estrutura poética e rimas do original. Uma grande vantagem é o verso correspondente em italiano ao lado da tradução em português. Esta tradução serviu de base para este trabalho (que foi posteriormente revisado com as outras fontes). As notas explicativas esclarecem o significado de personagens históricos e mitológicos mas não se alongam nos detalhes nem tentam interpretar significados ocultos.

2. [Sayers 49] Dante Alighieri, *The Comedy of Dante Alighieri the Florentine: Hell (L'Inferno).* Translation and notes by Dorothy Sayers. Penguin, EUA, 1949. Em inglês.

   Esta tradução, rimada e em inglês arcaico, apresenta notas explicativas bastante detalhadas, com informações históricas, mitológicas e interpre-

tações da tradutora acerca dos símbolos usados por Dante. As ilustrações e mapas contidos no livro auxiliam na compreensão da geografia do Inferno. É uma tradução muito boa e clara, apesar de rimada. Os comentários e interpretações da tradutora são ótimos.

3. [Musa 95] Mark Musa, Dante Alighieri. *The portable Dante.* The Viking Portable Library. Viking Press, EUA, 1995. Em inglês.

   Este volume contém toda a *Divina Comédia* e *A Vida Nova* (*La Vita Nuova*) de Dante, com comentários exaustivos sobre personagens, mitologia e sobre a vida literária e política de Dante Alighieri. O tradutor é mais cauteloso nas interpretações simbólicas, evitando impor sua interpretação pessoal ou de comentaristas clássicos como a mais plausível. Esta foi, para mim, a tradução mais compreensível e fácil de ler, provavelmente por não estar limitada pelas imposições da rima, embora mantenha uma estrutura rítmica e a organização em versos.

4. [Cambridge 93] Rachel Jacoff (Org.) *The Cambridge Companion to Dante.* Cambridge University Press, 1993. Em inglês.

   Coleção de 15 ensaios por vários autores sobre Dante, sua vida, sua época, suas relações com o império e a igreja e a política de Florença. Contém também uma introdução às suas obras, uma análise crítica sobre seus comentaristas e sobre traduções de suas obras.

5. [Viglio 70] Salvatore Viglio (Frei Cassiano) *Introdução ao Estudo de Dante.* Editora Electra, Rio de Janeiro, 1970.

   Textos sobre a cultura latina, poesia religiosa, época, obra e vida de Dante. Frei Cassiano comenta sobre suas obras e faz uma análise crítica da *Divina Comédia*, com notas interessantes e imparciais sobre significados alegóricos do poema.

6. [Pinheiro 60] Dante Alighieri. *A Divina Comédia.* Tradução e notas de J. P. Xavier Pinheiro com prefácio de Raul de Polillo. W. M. Jackson, Rio de Janeiro, 1960.

   Uma tradução mais antiga da Divina Comédia. Não posso comentar sobre esta tradução pois somente a utilizei como referência. As notas são

bastante detalhadas e semelhantes às encontradas na edição de Longfellow (1867).

7. [Longfellow 67] Dante Alighieri. *The Divine Comedy* traduzida por Henry Wadsworth Longfellow, 1867.

   Antiga tradução norte-americana. Utilizei principalmente como fonte de notas explicativas (muito detalhadas). Edição eletrônica disponível no sítio do *Projeto Gutemberg* e em [Elf].

8. [Elf] *1999 Research Edition for the Divine Comedy* . Electronic Literature Foundation, 1999. http://www.divinecomedy.org/

   Este sítio interativo sobre a *Divina Comédia* é provavelmente o mais completo da Web. Apresenta toda a obra de Dante na edição original em italiano e traduções em inglês, com os cantos numerados por linha. O acesso e pesquisa são facilitados por formulários interativos. Contém imagens de Dali, Botticelli, Doré, Vellutello, mapas de Botticelli, Bartolomeo, Mandelbaum e outros. Pode-se ouvir a leitura dos cantos em inglês e italiano (*RealPlayer* audio). Estão disponíveis também notas explicativas detalhadíssimas de dois tradutores (em inglês): Henry Wadsworth Longfellow and Rev. H.F. Cary. Organizado e mantido pela *ELF - Electronic Literature Foundation* (http://elf.chaoscafe.com/)

9. [Encarta 97] *Microsoft Encarta Enciclopedia 97*. CD-ROM interativo (1997)

10. [Larrousse 98] *Enciclopédia Larrousse Cultural 98*. Folha de São Paulo e Nova Cultural, 1998

11. [HistoryNet] *The Historynet.* http://www.thehistorynet.com/

    Sítio enciclopédico dedicado à história mundial. Contém narrativas de conquistas, batalhas, impérios, líderes, além de mapas e ilustrações.

12. [Doré 76] Gustave Doré. *The Doré Illustrations for Dante's Divine Comedy - 34 plates*. Dover Publications, 1976

    Ilustrações da *Divina Comédia* por Gustave Doré. Dimensões 30 x 23 cm. A maior parte das ilustrações de Doré foram extraídas deste volume.

13. [Carthage] *Dante's Clickable Inferno*. Carthage College, 1999. http://martin.carthage.edu/departments/english/dante/

    Este sítio contém imagens, críticas, comentários, traduções, resumos e vínculos para várias fontes de pesquisa na Internet sobre Dante Alighieri e suas obras.

14. [Roberts 93] J. M. Roberts. *History of the World*. Oxford University Press, 1993

15. [Columbia] *Divina Commedia de Dante Alighieri*. Columbia University. http://www.columbia.edu/acis/ets/Dante/DivComm/contents.html

    Repositório público com toda a *Divina Comédia* (original em italiano) em três arquivos (páginas).

16. [Hofstadter 98] Douglas Hofstadter *Le Ton Beau de Marot - In praise of the music of language*. Basic Books, 1999.

    Em um dos capítulos do seu livro dedicado à arte da tradução, Hofstadter comenta sobre a poesia de Dante e faz uma análise crítica de várias traduções de sua obra em língua inglesa. O autor é físico, escritor, tradutor e especialista em inteligência artificial, vencedor do prêmio Pulitzer pelo livro *Gödel, Escher, Bach - An Eternal Golden Braid.*

17. [NRSV] *]The Oxford Annotated Bible with the Apocrypha*. The New Revised Standard Version (NRSV). Oxford University Press, 1998.

18. [Bíblia] *A Bíblia Sagrada – Antigo e Novo testamento*. Tradução de João Ferreira de Almeida. Editora Vida, 1990.

19. [Eneida] Virgil (Virgílio). *The Aeneid (A Eneida)*. English translation by Robert Fitzgerald. Everyman's Library, Knopf, 1981

20. [Ilíada] Homer (Homero). *The Iliad (A Ilíada)*. English translation by Robert Fitzgerald. Everyman's Library, Knopf, 1974

21. [Odisséia] Homer (Homero). *The Odissey (A Odisséia)*. English translation by Robert Fitzgerald. Everyman's Library, Knopf, 1989

22. [Metamorfoses] Ovid (Ovídio). *Metamorphoses*. English translation by A. D. Melville, Oxford University Press, 1986

Índice Remissivo das Notas

A

B

C

D

E

F

Q

R

S

T

U

V

Z